

Juraci Andrade de Oliveira Leão

**ESCRITA, CORPO E AÇÃO: A POÉTICA E A  
POLÍTICA DE ADRIENNE RICH.**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do  
Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Faculdade de Letras da Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Literatura Comparada

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Goulart  
Almeida.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

Para Geraldo e Luíza.

## AGRADECIMENTOS

Devo a muitas pessoas a possibilidade de que este trabalho se concretizasse. À minha orientadora Professora Sandra Almeida, por ter me acolhido em um momento tão difícil, partilhando comigo seu conhecimento e com quem muito aprendi. Suas várias leituras, sugestões e, principalmente, respeito na orientação fizeram com que esse trabalho fosse viabilizado. Ao meu orientador nos Estados Unidos, o Professor George Lensing, pela disponibilidade e atenção com meu trabalho. À Professora Connie Eble pelo acolhimento e carinho durante meu estágio em Chapel Hill. Ao Professor Reinaldo Marques, pelo apoio e as valiosas contribuições durante o curso e no exame de qualificação. Às minhas irmãs Fã, Giza, Vani pelo incentivo e afeto e à Dalila, sempre presente, pelas longas conversas sobre a influência da escrita de Rich em nossas vidas. Às amigas e amigos Agnaldo, Fernanda, Gracy, Luciano, Rondon, Rosana, Sérgio e Verinha pelo carinho durante esse processo. À Meire, Priscila e Sílvia por dividirem comigo risos e lágrimas durante o estágio no exterior. Ao Celinho por me encorajar nos momentos de crise. À minha mãe que me mostrou desde cedo o valor do conhecimento. À CAPES pelo apoio concedido durante o estágio no exterior. Aos funcionários da Fale, especialmente, Letícia, Rosana e Rosangela pela paciência e gentileza com que me trataram durante todo esse processo. À Luíza, minha filha, pela compreensão e aceitação de minha ausência em vários momentos, ao longo da realização da pesquisa. E, por fim, ao Geraldo, meu maior cúmplice, por dividir comigo cada etapa desse trabalho, fazendo por vezes também a minha parte em nossas tarefas do dia a dia, pelo longo diálogo, afeto e amor. Muito obrigada a todos!

“A poem invites you to feel. More than that:  
it invites you to respond. And better than  
that: a poem invites a total response.”

Muriel Rukeyser

## RESUMO

Este trabalho busca analisar a trajetória da poeta e ativista política estadunidense Adrienne Rich, investigando até que ponto o engajamento nas lutas sociais se reflete em sua obra. Para tanto, foi feito o levantamento da produção literária da autora, que incluem suas coleções de poemas, ensaios críticos e entrevistas concedidas por ela. Em relação às reflexões desenvolvidas no trabalho, foram utilizados tanto textos críticos sobre a poeta quanto outras teorias, nomeadamente as de Michel Foucault, Edward Said e Hannah Arendt, entre outras. A partir de sua escrita, é possível perceber os diversos papéis assumidos pela poeta e a maneira pela qual a experiência pessoal influencia seu olhar sobre a condição das mulheres na sociedade contemporânea. Rich tem participado de vários movimentos sociais e políticos em seu país, posicionando-se de forma crítica diante dos sucessivos governos dos Estados Unidos da América. A política assume um papel importante na composição de sua arte. A poeta reconhece o poder do discurso como um instrumento que possibilita transformações sociais, e por essa razão busca fortalecer o poder das mulheres também na esfera política. Rich privilegia o discurso que denuncia e procura desestabilizar o poder institucionalizado. Segundo ela, para realizar transformações concretas na sociedade é necessário estabelecer uma relação mais próxima entre o discurso e a ação. Em sua busca por unir escrita e ação política, a poeta teoriza o corpo como um espaço de representação cultural. A partir da análise de seus poemas, ensaios críticos e entrevistas é possível perceber como Rich procura revelar diferentes formas de vivenciar o corpo gendrado, ao mesmo tempo em que faz dessa experiência um ato que pode levar à ação política.

## ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the trajectory of the North-American poet and political activist Adrienne Rich, observing how her involvement in the social struggles is reflected in her work. For this purpose, it was based on her literary production, which includes her collections of poems, essays and the interviews. The theoretical support for this work include some critical texts about the poet as well as other theories such as Michel Foucault's, Edward Said's and Hannah Arendt's, among others. In her work, it is possible to perceive the different roles the author assumes and the way her personal experience influences her view on the condition of women in the contemporary society. Rich has participated in many social and political movements in her country, criticizing the successive governments of the United States of America. Politics becomes, thus, an important aspect of her art. The poet recognizes the power of discourse as an instrument which promotes social transformations and because of that she also tries to strengthen women's power in the political sphere. Rich reinforces the discourse that denounces and unbalances the institutionalized power. According to Rich, in order to accomplish concrete transformations in society it is necessary to establish a close relation between discourse and action. In her attempt to join writing and political action, the poet theorizes the body as a place of cultural representation. Throughout the analysis of her poems, critical essays and interviews, it is possible to perceive how Rich seeks to reveal different ways of experiencing the gendered body at the same time that she makes this a means to attain political action.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	08
<b>CAPÍTULO 1 – O DESPERTAR DA POETA</b>	15
1.1 A poeta ativista	22
1.2 A voz da diferença: Rich e o homossexualismo	31
1.3 Poesia e poder	43
1.4 Rich e o presente	58
<b>CAPÍTULO 2 – ESCREVENDO AS MULHERES</b>	61
2.1 Escrita e feminismo	61
2.2 Rich e o feminismo	69
2.3 Rich e o feminismo radical	78
2.4 Rich e as feministas na fronteira	82
2.5 As mulheres e o discurso	90
<b>CAPÍTULO 3 – A INTELLECTUAL E O PODER</b>	94
3.1 Os intelectuais no passado	95
3.2 Os intelectuais no presente	98
3.3 Escrita e poder	108
3.4 A cor da escrita	120
3.5 A escrita da ação e a ação da escrita	124
<b>CAPÍTULO 4 – CORPO E ESCRITA</b>	132
4.1 Corpo apropriado	142
4.2 Corpo erotizado	152
4.3 Corpo resistente	158
4.4 Corpo ressignificado	162
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	167
<b>NOTAS</b>	173
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	189

## Introdução

I suggest that not anatomy, but enforced ignorance,  
has been a crucial key to our powerlessness.

I think I began at this point to feel that politics was not something “out there”  
but something “in here” and of the essence of my condition.

Poetry must recall us to our senses—  
our bodily sensual life and our sense of other and different human presences.

Adrienne Rich

A consciência acerca da condição das mulheres, na sociedade moderna, tem feito com que algumas escritoras busquem, no ativismo político e na escrita, formas de intervir nessa condição. A luta pelo acesso à educação e a participação na esfera pública são algumas das principais reivindicações das mulheres ao longo da história do movimento feminista. Adrienne Rich retoma essas discussões e procura, através de sua arte, fortalecer a importância da conquista desses direitos, criando, ao mesmo tempo, possibilidades para ampliá-los. Sua poética e posicionamento crítico frente às políticas conduzidas pelos Estados Unidos têm lhe proporcionado a visibilidade na esfera pública como um dos grandes nomes da história do movimento feminista anglo-americano e como uma importante ativista e intelectual em seu país. A poeta vem expressando, através de seus poemas, ensaios críticos e entrevistas, diversas questões que perpassam as experiências das



mulheres na contemporaneidade. Sua produção, iniciada a partir de meados do século XX, vem contribuindo para os estudos sobre as mulheres no campo da literatura e para a atuação dos movimentos feministas nos Estados Unidos.

A importância de sua obra nas discussões de gênero e a participação das mulheres na esfera pública despertaram em mim o interesse em aprofundar a investigação da dimensão política presente em sua escrita. Seu posicionamento firme e corajoso como uma intelectual que critica e condena as atitudes de seu país em relação ao resto do mundo fizeram com que eu elegesse sua obra como meu objeto de pesquisa. Uma outra razão que me levou a pesquisar seu trabalho foi o fato de perceber que suas idéias têm ultrapassado as fronteiras estadunidenses, mas permanecem ainda distantes do público brasileiro. A poeta é pouco conhecida no Brasil e não temos, até o momento, nenhuma tradução publicada de sua obra. Nesse sentido, para a realização do estudo, foi necessário não somente reunir dados sobre a vida e obra da autora, como também traduzir parte dos poemas, ensaios e entrevistas produzidos por ela e utilizados na pesquisa.

Tanto o exercício da tradução quanto a análise de diferentes gêneros literários na obra de Rich me possibilitam realizar ainda um estudo comparatista do trabalho da autora. Procuro observar não somente a especificidade retórica de cada gênero como também possíveis estratégias utilizadas pela autora para alcançar um objetivo que permeia várias de suas obras.

Comprometida prioritariamente com o fazer poético, Rich tem procurado desmistificar a aura do poeta. Ela não descaracteriza a importância da habilidade no jogo com as palavras, mas deixa claro que a poesia não pode ser valorizada somente pela beleza e forma. Segundo Rich, a poesia tem que estar em sintonia também com as questões mundanas. Sua postura na poética assim como em seus ensaios críticos e entrevistas tem

sido de tornar explícitas as injustiças sociais e a corrupção que envolve a vida pública em seu país. A poeta tem estabelecido uma ligação direta entre a arte e a política, tentando abordar em sua escrita as mais variadas questões que afligem os seres humanos na tentativa de tornar visíveis as opressões presentes nas relações sociais.

Rich tem consciência do quanto a educação foi importante em sua trajetória como poeta e escritora, por isso demonstra a intenção em fazer disso um direito do conjunto das mulheres. Fazendo eco às reflexões de Virginia Woolf, a poeta relata a dificuldade enfrentada pelas escritoras no processo de imposição do próprio discurso e, juntamente com outras feministas, tem procurado garantir que a educação formal seja um direito de todas as mulheres. Sua escrita mais recente revela a intenção em abordar a experiência de outras mulheres, isto é, aquelas que não fazem parte do seu universo cultural. O reconhecimento de que existem especificidades nas relações de desigualdade dos gêneros e que outras questões devem ser consideradas no processo de compreensão das complexidades das mulheres faz da escrita de Rich uma importante contribuição ao movimento feminista.

Tendo essas questões em mente, o problema que proponho, para esse estudo, baseia-se na teorização da ação política de Rich como intelectual que, em sua escrita, não pode ser dissociada da sua visão do feminismo e da questão do corpo. Interessa-me investigar de que forma a representação do corpo da mulher se torna um instrumento de resistência em sua poesia, ensaios críticos e entrevistas. Busco verificar como a poeta articula essa questão através dos diferentes gêneros literários produzidos por ela: poesia, crítica e entrevistas, como parte integrante de sua posição como intelectual, ativista política e feminista.

Sendo assim, para ter uma visão geral da vida e obra da autora bem como para compreender os momentos em que redireciona seu trabalho, busco traçar, no primeiro capítulo, sua trajetória desde o início da carreira até a publicação de sua coletânea mais

recente. Procuo mostrar como sua escrita é movida pelos conflitos e enfrentamentos do cotidiano da poeta. Os poemas e ensaios críticos de Rich registram sua evolução tanto do ponto de vista pessoal quanto de sua teoria crítica na consciência das questões que afetam os sujeitos inseridos na sociedade contemporânea. As primeiras coletâneas se concentram nas relações de conflitos entre os gêneros feminino e masculino, mas à medida que ela se envolve nos movimentos sociais, sua arte assume uma dimensão mais ampla e engajada. Rich dedica grande parte de sua obra à tentativa de compreender a complexidade que envolve as mulheres, por isso analisa não somente o sistema patriarcal e seus desdobramentos na relação de opressão, mas também outras variáveis que entrecruzam as relações de desigualdade social. Sua obra reflete como o sistema patriarcal discrimina as mulheres e, por conseqüência, os homossexuais, os negros e os pobres. A poeta questiona as bases da estabilidade na relação heterossexual ao negar que as mulheres têm autonomia na expressão de seus desejos. Segundo Rich, enquanto a sociedade for regida pelas leis do pai, as mulheres estarão sujeitas à vontade dos homens.

Rich procura estabelecer, na escrita, uma relação mais próxima com a prática, por essa razão tenta combinar sua teoria às mais diversas experiências que perpassam o cotidiano das mulheres. Ela demonstra a importância que a política assume na composição de sua arte, por isso privilegia o discurso de denúncia ao poder institucionalizado não somente na poesia, mas primordialmente em seus ensaios críticos e entrevistas.

Nesse sentido, busco também compreender o momento e as razões que levam a poeta a redirecionar sua arte, principalmente em relação às reivindicações feministas na sociedade estadunidense que, em sua visão, tomam rumos contrários àquilo que ela acreditava ser possível no processo de transformação social. Sendo assim, Rich tem procurado incorporar à sua escrita formas de tornar mais ampla a discussão acerca da

condição das mulheres. O engajamento da intelectual nas questões políticas de seu país passa, então, a ser a base de sua criação literária. Diante da visão geral de sua vida e obra, a questão do gênero bem como sua participação efetiva no movimento feminista tomam uma dimensão em sua escrita que se tornam relevantes na compreensão do processo de ação política e resistência das mulheres.

No segundo capítulo, analiso a posição de Rich como ativista no movimento feminista anglo-americano, verificando de que forma ela atua e contribui por melhores condições de vida das mulheres. Rich teve uma participação marcante no movimento feminista e na organização das mulheres como grupo. Na década de 80, ela foi uma das principais articuladoras do feminismo radical anglo-americano e, juntamente com outras escritoras lésbicas, denunciou a discriminação aos homossexuais, reivindicando a legitimidade de seus discursos. Rich, nessa época, além de apontar o sistema patriarcal como o principal responsável pela opressão imposta às mulheres, foi também uma das precursoras a assumir as implicações do racismo em seu país.

Frente às divergências e cisões que o movimento feminista nos Estados Unidos tem apresentado nas últimas décadas, Rich redireciona sua postura e participação na luta das mulheres. O diálogo com outras escritoras bem como sua visão crítica em relação à soberania do movimento feminista anglo-americano fazem com que a poeta procure repensar sua atuação como poeta e feminista em seu país. Rich não desconsidera a relevância da organização das mulheres no processo de enfrentamento ao poder público, mas busca também incorporar em seu discurso outras questões que, a seu ver, estavam sendo negligenciadas pela crítica feminista estadunidense. Por essa razão, ela não somente critica as limitações de algumas feministas como também revela, em sua escrita, outras experiências que são igualmente importantes no processo de transformação social. Seu

discurso ultrapassa as fronteiras do gênero ao ressaltar as relações de opressão vividas pelas minorias presentes nos Estados Unidos. Dessa maneira, sua escrita será permeada pelas questões também relacionadas às diferenças de classe, etnia e orientação sexual.

A poeta reconhece, ainda, a importância do discurso como um instrumento que possibilita as transformações sociais. Por essa razão, passa a fortalecer o poder das mulheres também na esfera política. A visão da autora como feminista e sua percepção de como o sistema patriarcal orientou e determinou a soberania dos homens em relação às mulheres será importante na compreensão da poética de Rich. Esse reconhecimento do poder do discurso que estabelece a relação hierárquica entre os gêneros faz com que Rich procure investir no poder do discurso das mulheres.

No terceiro capítulo, faço uso das reflexões de alguns intelectuais sobre a relação com o poder para compreender a posição de Rich como uma intelectual que questiona o poder instituído. Procuro verificar de que maneira a poeta usa seu reconhecimento público como intelectual para tensionar o poder institucionalizado. Rich, assim como outros poetas e escritores, busca refletir como a fronteira se tornou um lugar de produção cultural. A articulação do discurso se torna um dos principais elementos na conquista por um espaço na esfera política. Ela estabelece diálogo com outros poetas fronteiriços para afirmar que a poesia não é um privilégio das elites culturais. A poeta se mostra consciente do poder atribuído à cultura ao tentar estabelecer uma linguagem que seja mais próxima do leitor. Por acreditar que as mulheres também ocupam uma posição fronteiriça na cultura, a poeta tem buscado cada vez mais minar o monopólio do discurso masculino e desmistificar o distanciamento entre a elite pensante e a sociedade em geral. Dessa maneira, ciente da existência de um discurso que preestabelece e determina o comportamento das mulheres, bem como define a hierarquia nas relações sociais, Rich busca na geografia mais restrita – o

corpo – formas de se libertar das premissas que reprimem e controlam o comportamento, principalmente, das mulheres.

No quarto capítulo, procuro localizar na obra da autora a importância do corpo como um espaço de representação cultural e de ação política. Para a poeta, o discurso de objetificação do corpo feminino tem revelado não somente como os homens se apropriaram das mulheres, mas também como elas foram usadas para atender aos interesses do Estado. Por essa razão, mostro de que forma Rich articula em sua escrita algumas possibilidades de desestabilizar esse discurso que legitima e perpetua a idéia do corpo das mulheres como espaço de dominação dos homens. Mais ainda, analiso como Rich demonstra, através de outras experiências, novas maneiras de vivenciar e ressignificar o corpo gendrado.

Portanto, tendo como base as reflexões aqui levantadas, analiso, nesse trabalho, os poemas, ensaios críticos e entrevistas da autora, discutindo tanto a poética quanto a política de Adrienne Rich em seu papel como escritora e intelectual no que se refere às questões feministas, percebendo como o corpo emerge em sua obra como uma dimensão central.

## Capítulo 1

### O despertar da poeta

O objetivo desse primeiro capítulo é historicizar a vida e obra da poeta norte-americana Adrienne Rich, demonstrando, ao longo de sua trajetória como poeta e escritora crítica, os momentos e acontecimentos que contribuíram para que ela ocupe, na contemporaneidade, um relevante papel como feminista e intelectual em seu país.

Adrienne Cecile Rich, a filha mais velha entre as três da família, nasceu em Baltimore, Maryland, em 16 de maio de 1929. Seu pai, Arnold Rich, era judeu, médico e professor na Universidade Johns Hopkins. Sua mãe, Helen Jones, foi pianista e compositora. Segundo Rich, o pai foi o grande responsável por seu desenvolvimento intelectual precoce. Ele sempre a incentivou a estudar e copiar poemas dos grandes clássicos daquela época e também a criar suas próprias composições. Segundo Cheri Colby Langdell, “ela teve a felicidade de nascer dentro das tradições judaica e sulista que valorizam a aprendizagem, a poesia, a literatura e o amor pela arte européia, pela história e pela música”<sup>1</sup> (2004, p. 9, tradução nossa). Rich reconhece o privilégio de ter sido motivada, pela única figura masculina da família, a estudar e gostar de literatura em uma época em que a grande maioria das mulheres não tinha acesso à educação.

Desde a publicação de sua primeira coletânea de poemas *A Change of World* (Uma mudança do mundo), em 1951, até a mais recente, *The School among the Ruins* (A escola entre as ruínas), publicada em 2004, Rich vem demonstrando, através da arte, seu comprometimento na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Nesses 53 anos de produção literária, a poeta e crítica acumula vários prêmios e publicações ao lado de

escritores como Sylvia Plath, Anne Sexton, Robert Lowell e Ted Hughes, entre outros grandes nomes da literatura estadunidense.

Na retrospectiva de sua extensa trajetória, é visível como Rich utiliza sua experiência pessoal para analisar a condição das mulheres na sociedade. Nos diversos papéis vividos e assumidos por ela, tais como poeta, esposa, mãe, feminista, professora, intelectual e ativista política, percebemos que Rich faz do pessoal o político, principalmente por tornar públicas suas experiências através da arte. Percebemos, também, um crescente desenvolvimento na busca por autonomia como mulher e escritora. Rich vivencia, reflete e analisa as questões que afligem a sociedade, em especial, as mulheres. Nesse sentido, sua obra espelha a evolução de seu desenvolvimento intelectual e, ao mesmo tempo, registra os diferentes momentos da trajetória das mulheres na sociedade moderna, bem como sua luta pelos direitos feministas.

Seu primeiro livro de poemas, *A Change of World* (Uma mudança do mundo), foi publicado quando ela era ainda muito jovem e cursava o último ano na universidade. O prefácio foi escrito pelo grande e consagrado poeta inglês, W. H. Auden, que a escolhe para receber o prêmio de jovem poeta pela Yale (*Yale Younger Poets Award*). Nessa coletânea, Rich carrega muito da tradição em que se insere, caso contrário não teria sido tão valorizada por Auden. Segundo Claire Keyes, “os primeiros mentores de Rich foram homens. Com eles, ela aprendeu a escrever poemas. Almejando tornar-se poeta, naturalmente ela escrevia como os poetas que estudava e admirava – Yeats, Auden, Stevens e Frost”<sup>2</sup> (1986, p. 02, tradução nossa). Muito embora nessa fase Rich demonstre estar sob forte influência desses poetas, percebemos que alguns dos poemas desse primeiro livro deixam transparecer certo desconforto em relação à autoridade masculina, como podemos observar em “Aunt Jennifer’s Tigers” (Os tigres da tia Jennifer), que cito abaixo:



Os tigres da tia Jennifer marcham pela tela,  
 Habitantes cor de topázio brilhante de um mundo verde.  
 Sem temer os homens sob a árvore;  
 Eles caminham com a elegante certeza cavalheiresca.

Os dedos da tia Jennifer manuseiam a lã  
 Acham difícil até puxar a agulha de marfim.  
 O peso maciço da aliança de casamento  
 Repousa fortemente sobre a mão da tia Jennifer.

Quando a Tia estiver morta, suas mãos aterrorizadas irão repousar  
 Todavia marcadas pelas provações a que ela se submeteu.  
 Os tigres na tapeçaria que ela fez  
 Continuarão a marchar, orgulhosos e destemidos.<sup>3</sup> (1993, p. 4, tradução  
 nossa).

Nesse poema, a escritora descreve uma mulher alienada em sua rotina. A autora aponta o conflito feminino entre a liberdade da imaginação representada pelos tigres imponentes e o papel difícil das mulheres expresso pelo peso da aliança na mão de tia Jennifer. Se, por um lado, esse poema aponta a tensão na relação homem/mulher; por outro lado, o uso do pronome “*she*” (ela) ao invés de “*I*” (eu) em grande parte dos poemas desse primeiro livro, demonstra também a dificuldade em inscrever a si própria em seus poemas, como ela admite mais tarde em seu ensaio crítico “When We Dead Awaken: Writing as Revision” (Quando despertamos de entre os mortos: a escrita como re-visão). Segundo Rich: “[...] eu ainda não tinha encontrado coragem para compor sem autoridades, ou até mesmo usar o pronome ‘eu’ – a mulher no poema é sempre ‘ela’”<sup>4</sup> (1979, p. 45, tradução nossa). Tal atitude estaria revelando, a meu ver, nessa fase inicial, uma certa insegurança e mesmo falta de assertividade em seu fazer literário. Também é verdade que o uso da terceira pessoa nos dá a idéia de que a poeta busca manter um distanciamento de modo a observar criticamente sua condição. Nesse sentido, ela faz uso de duas prerrogativas – a de ser mulher e ser poeta – ocupando, assim, uma posição ambivalente: a mulher que vive e sente

a situação e a poeta que de longe observa. Nessa convergência entre mulher e poeta, Rich procura igualar o trabalho artesanal da escritora ao próprio fazer poético.

Depois da publicação de *Uma mudança do mundo*, Rich se casa com o economista e professor da Universidade de Harvard, Alfred Conrad. Eles tiveram três filhos e, durante o tempo em que ela esteve casada, pouco pôde produzir, pois tinha dificuldades em conciliar o papel de mãe e esposa com o de escritora. Mesmo tendo conseguido publicar seu segundo livro de poemas, Rich se sentia insatisfeita ora com seu trabalho, ora com sua vida pessoal: “Eu achava que tinha que me considerar fracassada como mulher ou como poeta”<sup>5</sup> (1976, p. 285, tradução nossa). Na entrega ao papel de mãe e esposa, a autora percebe que estava perdendo sua autonomia:

O que mais me assustava era a sensação de estar à deriva, de estar sendo conduzida por uma corrente que se autodenominava, mas na qual eu parecia estar perdendo contato com quem quer que eu tivesse sido, com a garota que tinha vivenciado seu próprio desejo e energia, às vezes quase como um êxtase, circulando por uma cidade qualquer ou andando de trem à noite, ou datilografando na sala de estudos.<sup>6</sup> (1976, p. 285, tradução nossa).

Através desse fragmento, podemos perceber que Rich se recusa a aceitar o “destino” que a nova condição parecia lhe impor e estabelece comparações com a época em que conduzia sua vida sem tantas limitações. A partir daí, ela revela uma constante inquietude em relação à condição a que estava submetida.

Seu segundo livro, *The Diamond Cutters and Other Poems* (Os lapidadores de diamantes e outros poemas), publicado em 1955, ainda traz grande influência dos poetas que ela admirava, mas já demonstra um tom nitidamente feminista. Na visão de Langdell, “Os poemas de Rich ainda apresentam uma poética pessoal feminina ‘organizados e

modestamente adornados’ que Auden acolheu na companhia dos melhores poetas dos Estados Unidos de 1951 em seu prefácio para *Uma mudança do mundo*<sup>7</sup> (2004, p. 29, tradução nossa). Essa característica apontada por Langdell também está presente no poema “Autumn Equinox” (Equinócio de outono) no qual Rich aborda a condição da mulher que se casa com um intelectual e se anula ao priorizar a profissão do marido: “[...] desse modo me tornei sua parceira em uma vida/Anual e acadêmica [...]”<sup>8</sup> (1993, p. 97, tradução nossa). Se em “Os tigres da tia Jennifer” a mulher é observada e, apenas à distância, compreendida pela poeta, em “Equinócio de outono” o eu poético é uma mulher que reflete sobre a própria condição e tem consciência de sua angústia. Em “Equinócio”, a mulher, embora relatando certa impotência para mudar essa condição, revela as possíveis causas de seu desgosto e sofrimento. O poema é um relato de um olhar do passado para entender o presente. Segundo Langdell:

‘Equinócio de outono’ é notável pela construção dramática de uma esposa reprimida e silenciosamente frustrada que vem, ao longo de toda sua vida, investindo na carreira acadêmica de seu marido, sem, ao final, obter nenhuma recompensa visível – não que a reivindicasse. A esposa no poema não consegue localizar a causa de sua insatisfação, mas possivelmente esta é a razão de ela ter sido impedida de desenvolver talento, ambições e carreira próprias.<sup>9</sup> (2004, p. 30, tradução nossa).

Nesse poema, o leitor se conscientiza de que seu sofrimento está principalmente no fato de ela ter abandonado o próprio sonho para apoiar e fortalecer o sonho do marido. É visível também que, mesmo tendo o conhecido na faculdade e, portanto, aparentemente tendo o mesmo nível intelectual, ela se mantém em casa para que ele dê seqüência a sua vida acadêmica. A mulher deixa clara sua transformação depois do casamento:



longa experiência do casamento não aponta para um possível rompimento da condição em que ela se encontra; pois, não notamos nenhum questionamento direto da condição da mulher no casamento; ao contrário, o poema parece sugerir apenas a constatação dessa condição. A mulher demonstra sua infelicidade, mas não responsabiliza o parceiro por seu sofrimento. Alguns críticos acreditam que, neste caso talvez, Rich estivesse descrevendo sua própria realidade no poema. Afinal, seu marido, Alfred H. Conrad, assim como Lyman, também era professor universitário.

A tentativa de se desvencilhar dos grandes poetas que a influenciaram em seus dois primeiros livros e, ainda, sua experiência no casamento e maternidade fizeram com que ela apresentasse, em seu próximo volume, uma poesia diferente. *Snapshots of a Daughter-in-Law: Poems 1954-1962* (Instantâneos de uma nora: poemas 1954-1962), que foi publicado em 1963, na visão de Keyes, se diferencia dos anteriores por apresentar uma voz poética predominantemente masculina. Em grande parte dos poemas dessa coletânea, Rich faz uso da voz poética masculina como, por exemplo, em “The Roofwalker” (O telhadista): “[...] Estou nu, ignorante, um homem nu, fugindo pelos telhados [...]”<sup>13</sup> (1993, p. 193, tradução nossa). Nesse poema, porém, a autora parece rejeitar qualquer noção inferiorizante da condição feminina e busca se igualar aos homens, assumindo os riscos dessa opção: “Eu me sinto como eles lá no alto: expostos, maiores que a vida e pronta a quebrar meu pescoço”<sup>14</sup> (1993, p. 193, tradução nossa). Assim como o telhadista, ela também não teme o desconhecido. De acordo com Keyes, “‘o telhadista’ também pode ser considerado mais um dos poemas de Rich no qual os riscos que ela corre fazem parte da jornada em direção ao próprio eu”<sup>15</sup> (1986, p. 63, tradução nossa). Notamos em *Instantâneos de uma nora* que, mesmo assumindo uma voz poética masculina, a autora, na verdade, se recusa a aceitar a

condição de vítima e reage à submissão, como acrescenta Keyes: “Com efeito, ela cria para si própria a aliança feminina de que necessita, pois ‘O telhadista’ não permanece sentado sob a proteção da sala de estar patriarcal”<sup>16</sup> (1986, p. 65, tradução nossa). O fato de ela enfrentar os mesmos perigos enfrentados pelos homens a coloca em condição de igualdade com eles. Se em *Os lapidadores de diamantes* já aparecem indícios da necessidade de transformação da condição das mulheres, em *Instantâneos de uma nora* percebemos que ela prioriza o discurso que pode viabilizar tal transformação.

### **A poeta ativista**

Em *Necessities of Life: Poems 1962-1965* (Necessidades da vida: poemas 1962-1965), publicado em 1966, Rich se apegava à linguagem como um dos instrumentos capazes de transformar a condição das mulheres na sociedade. Ela busca primeiro compreender suas limitações e capacidades para adquirir sua força interior e depois se voltar para o exterior. Rich reconhece como a fragilidade feminina foi imposta pelo discurso, por isso procura recompor esse discurso para dar um novo significado à situação das mulheres. Esse reconhecimento será importante à medida que ela passa a usá-lo como fonte de seu poder criativo. Nas palavras de Keyes, “*Necessidades da vida* nos proporciona observar a crescente consciência da poeta de que ser mulher é uma questão essencial ao seu poder criativo”<sup>17</sup> (1986, p. 77, tradução nossa). Existe, nesse caso, uma satisfação em assumir a posição de mulher, não como vítima, mas sim como agente capaz de reverter e transformar essa condição inferiorizada imposta às mulheres pela sociedade patriarcal na qual estão

inseridas. Percebemos, em seus textos, que existe um forte desejo de desvendar uma linguagem que seja capaz de revelar as múltiplas experiências das mulheres.

Notamos, a partir desse livro, que a poeta se mostra mais comprometida politicamente e demonstra também um amadurecimento maior na composição poética. Rich se liberta das amarras dos seus “guias” e se lança no campo do livre fazer literário. Por isso, faz da sua própria linguagem seu fio condutor. A autora busca ampliar sua consciência do universo das mulheres, aprimorando seu discurso e adquirindo forças para criar textos que possam vir a transformar a realidade. Rich, nessa fase, se mostra mais segura e ponderada, tanto no campo pessoal quanto no profissional. Ela não só se assume como uma poeta engajada ao abordar questões críticas em relação ao governo dos Estados Unidos, mas também ao participar efetivamente como ativista política. Seu compromisso com a mudança vai além do plano individual. Na década de sessenta, quando mora em Nova York, Rich se inscreve no programa SEEK (*Search for Education, Elevation and Knowledge*), o qual era isento de processo seletivo, para lecionar a língua inglesa àqueles alunos que não tinham acesso à universidade. Sendo assim, ela passa a ter contato com diferentes etnias ao trabalhar com gregos, chineses, italianos, alemães, porto-riquenhos e negros. Esse contato desperta nela uma sensibilidade para compreender o universo de seus alunos. Tal atividade faz com que ela materialize sua crença no poder da linguagem para transformar a realidade. Segundo a poeta:

No nível mais profundo do meu pensamento sobre isso está a idéia de que a linguagem é poder, e que, como Simone Weil diz, aqueles que sofrem com a injustiça são os menos capazes de articular seus sofrimentos: e que, se a maioria silenciosa conseguisse se desoprimir através da linguagem, não se contentaria com a perpetuação das condições as quais a tem submetido. Mas essa noção se sustenta em uma concepção especial do que significa se expressar na linguagem: não basta simplesmente aprender o jargão de uma elite e se adequar de forma

natural ao *status quo*, mas sim aprender que a linguagem pode ser usada como meio de transformar a realidade.<sup>18</sup> (1980, p. 67, tradução nossa).

Como mostra a citação acima, se, o que está por trás da capacidade de se articular através da linguagem é o conhecimento da realidade, a educação formal será, portanto, um dos caminhos na orientação do indivíduo para compreender sua própria condição. Por isso, a autora demonstra a intenção de estender a educação formal aos mais diversos grupos de pessoas, fazendo disso um direito. Rich procura valorizar e fortalecer as instituições de ensino ignoradas pelos grupos de elite. A poeta assume, nesse ensaio, que até então ela só teria tido contato com instituições elitistas como Harvard, Radcliffe, Swarthmore e Columbia. Por isso, a experiência de lecionar no programa SEEK contribui também para a sua percepção da necessidade de transformações radicais na sociedade estadunidense. Mais ainda, acreditando nessa possibilidade transformadora, Rich, durante os anos em que mora e trabalha em Nova York, se envolve também em movimentos de protestos antiguerras.

Em seu volume de poemas seguinte, Rich aproxima ainda mais a relação entre política e arte. Em *Leaflets: Poems 1965-1968* (Panfletos: poemas 1965-1968), publicado em 1969, ela estabelece uma relação mais próxima entre poesia e ativismo político. A poeta demonstra, nesse volume, que seu olhar ultrapassa fronteiras ao buscar exemplos de coragem não somente nas figuras feministas inglesas e norte-americanas do passado, mas também naquelas fora dos Estados Unidos e da Inglaterra, como afirma Keyes: “Além de buscar uma precursora norte-americana, Rich retoma também a poeta iídiche Kadia Maldovsky em ‘Existem noites de primavera semelhantes’ e a russa Anna Akhmatova, em ‘Dois poemas’”<sup>19</sup> (1986, p. 91). Essas mulheres, assim como Rich, privilegiam a questão política em sua poesia. Rich intensifica o valor da linguagem como mecanismo na



transformação da sociedade, mas acredita que será necessário ir além do individual, ou seja, ela percebe que, para que haja transformações concretas, é necessário que a questão saia do âmbito particular e privado e tome uma dimensão mais abrangente e, portanto, pública. Por essa razão, a poeta aposta na importância de tornar públicas as questões que oprimem as mulheres. Assim, elas têm a chance de reconhecer suas semelhanças e diferenças, ao mesmo tempo em que estabelecem uma cumplicidade como grupo articulado politicamente.

*The Will to Change: Poems 1968-1970* (O desejo de mudar: poemas 1968-1970), publicado em 1971, demonstra uma mulher mais madura em busca de uma poesia cada vez mais consistente e politizada. Segundo Keyes, “as mulheres não se silenciavam mais, algumas eram até ativistas radicais. As transformações tinham ocorrido e as mulheres as tinham vivenciado”<sup>20</sup> (1986, p. 114, tradução nossa). Nesse sentido, Rich mergulha cada vez mais na junção da escrita e do ativismo político. A correlação entre as atividades de escrita e ativismo estimula o indivíduo a reagir às demandas do cotidiano. No confronto com a realidade e na expressão através da linguagem, as mulheres têm a possibilidade de vislumbrarem formas de saírem da condição de vítimas. Entretanto, o fato de enfrentar a realidade não significava uma busca por soluções imediatas, mas sim uma forma de abordar e refletir sobre as questões que até então vinham contribuindo para a vitimização das mulheres. Por exemplo, no poema “Planetarium” (Planetário), citado abaixo, a poeta procura dar visibilidade a uma astrônoma que, por ser mulher, não teve em vida o reconhecimento do seu trabalho e permanece, portanto, nos bastidores da história:

Uma mulher em forma de monstro  
 Um monstro em forma de mulher  
 Os céus estão cheios delas

Uma mulher ‘na neve  
entre os relógios e instrumentos  
ou medindo o chão com estacas’

em seus 98 anos descobrir  
oito cometas.<sup>21</sup> (1993, p. 361, tradução nossa)

O poema se refere à figura de Caroline Herschel, irmã do astrônomo alemão William Herschel, e desmistifica o poder masculino, ressaltando o brilhantismo dessa mulher em um campo historicamente atribuído aos homens. Essa mulher, sozinha, faz a descoberta de oito cometas entre os anos de 1786 e 1797. A poeta elege Herschel para mostrar às outras mulheres as suas capacidades criativas no campo profissional, descaracterizando a soberania masculina. Nesse poema, Rich coloca a mulher em evidência e assume um eu poético feminista como podemos observar nesse excerto:

Sou bombardeada e ainda resisto

Eu tenho resistido durante toda a minha vida no  
caminho direto de uma bateria de sinais  
os mais corretamente transmitidos a mais  
intraduzível língua do universo  
Eu sou uma nuvem galáctica tão profunda tão densa  
que uma onda de luz levaria 15  
anos para viajar através de mim e  
levou Eu sou um instrumento em forma  
de mulher tentando traduzir pulsações  
em imagens para o alívio do corpo  
e a reconstrução da mente.<sup>22</sup> (1993, p. 361, tradução nossa).

Embora apresente uma identificação com a capacidade criativa da astrônoma, o poema também revela a angústia da poeta em querer alcançar uma escrita capaz de desvendar seus sentimentos. Ao mesmo tempo em que busca no universo a força das mulheres, a poeta revela, através da poesia, a fonte de energia para alcançar sua criatividade. As mulheres, embora desumanizadas “em forma de monstro”, se reorientam através da escrita, “tentando traduzir pulsações em imagens”. Não deveriam, portanto, se

acomodar ao papel a elas determinado na sociedade patriarcal: “O que vemos, vemos/e ver é mudar”. Quanto à estrutura formal, o poema apresenta também uma evolução: a escrita que começa fragmentada, associada à dificuldade de expressão do eu poético, parece alcançar uma harmonia no último verso, quando a continuidade não é rompida. Temos, então, a idéia de que ela consegue, ao concluir o poema, alcançar uma unidade no relato da narrativa.

Em *Diving Into the Wreck: Poems 1971-1973* (Mergulho na destruição: poemas 1971-1973), publicado em 1973, Rich, por outro lado, manifesta sua ira em relação aos homens. A poeta rejeita a escrita orientada por seus “guias”. De acordo com Keyes, é nesse volume de poemas que ela rompe definitivamente com o discurso masculino e assume seu feminismo: “Quando ela abraçou a causa feminista, deu origem a uma retórica forte”<sup>23</sup> (1986, p. 136, tradução nossa). Nessa coletânea, Rich reconhece a importância do discurso assumidamente feminista. No poema “Trying to Talk with a Man” (Tentando conversar com um homem), por exemplo, ela se coloca em situação de igualdade com o homem:

Aqui, eu me sinto mais vulnerável  
com você do que sem você  
Você fala de perigo  
e lista o equipamento  
nós falamos de pessoas cuidando uns dos outros  
nas emergências – lacerações, sede –  
mas você me olha como uma emergência

Seu calor árido demonstra força  
seus olhos são estrelas de uma magnitude diferente  
eles refletem luzes que soletram: SAÍDA  
quando você se levanta e caminha de um lado para o outro

falando do perigo  
como se não fossemos nós mesmos  
como se não testássemos nada mais.<sup>24</sup> (1973, p. 3, tradução nossa).

Ao afirmar que se sente mais vulnerável na presença do que na ausência do homem a quem se dirige nesse poema, Rich deixa claro ser auto-suficiente e sugere a falta de consistência do sujeito masculino ao afirmar que “seu calor árido demonstra força”. Se, por um lado, essa afirmação sinaliza poder; por outro lado, a afirmação seguinte revela a inconsistência desse poder. Afinal seus olhos buscam a saída. No diálogo com o homem, a mulher procura mostrar que o “perigo” está na verdade, na relação entre eles. Nessa coletânea, ela privilegia uma voz poética que demonstra sua autonomia em relação aos homens e busca concentrar sua poesia na experiência das mulheres. Para Wendy Martin, “em *Mergulho na destruição* (1973), Rich não procura mais por um homem para protegê-la, pois começa a agir por conta própria”<sup>25</sup> (COOPER, 1984, p. 164, tradução nossa). O desapego com relação à figura masculina faz com que ela perceba sua própria força e poder.

Primeiro, o poder que Rich busca é interno, isto é, a partir da consciência histórica das conseqüências do sistema patriarcal na relação entre homens e mulheres. Em seguida, reconhece que suas fragilidades foram impostas ou culturalmente construídas. Por isso, reage à acomodação e, ao reagir, adquire a coragem para expressar e buscar, junto com outras mulheres, alternativas na reivindicação por melhores condições, como afirma Keyes: “essencial ao desenvolvimento desse poder pessoal é a ligação entre as mulheres, que irá proporcionar um poder político capaz de realizar mudanças em grande escala entre elas, uma mudança radical nas estruturas do patriarcalismo”<sup>26</sup> (1986, p. 137, tradução nossa). Em outras palavras, ela reconhece o valor da força do indivíduo, mas tem consciência de que a ação individual por si só não será capaz de provocar mudanças; ao contrário, para que haja

condições de pressionar as instituições de poder serão necessários a consciência e o esforço coletivo.

Em *The Kingdom of the Fathers* (O Reino dos pais), publicado primeiramente em 1976 e republicado, dez anos depois, como um capítulo do livro *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution* (Da mulher nascida: maternidade como experiência e instituição), Rich explicita as razões da dificuldade do rompimento com o discurso patriarcal uma vez que:

O poder dos pais tem sido difícil de alcançar, pois ele permeia tudo, até mesmo a língua na qual tentamos descrevê-lo. Ele é difuso e concreto, simbólico e literal, universal e expresso com variações locais que podem tornar obscura sua universalidade.<sup>27</sup> (1995, p. 57-58, tradução nossa).

Nesse trabalho que teve grande repercussão entre as feministas, a autora faz um estudo minucioso da maternidade como instituição e desafia as supostas verdades absolutas do sistema patriarcal. Para Rich, mesmo as mulheres tendo a possibilidade de fazer opções na vida, seja pelo tipo de trabalho que irão exercer ou pela escolha sexual, estarão sempre sujeitas ao poder patriarcal. Sendo assim, é importante ressaltar como a escritora busca compreender as raízes históricas da dominação dos homens sobre as mulheres para estabelecer formas de enfrentar o poder do discurso masculino. Rich reconhece, mais uma vez, o poder da linguagem, que perpetua os mecanismos de dominação masculina sobre as mulheres:

Quando nos tornamos severa e incomodamente conscientes da linguagem que estamos usando e pela qual estamos sendo usadas, nós começamos a atingir o recurso material que as mulheres nunca antes tentaram coletivamente re-possuir (embora nós fôssemos suas inventoras e embora escritoras individuais como Dickinson, Woolf, Stein e H. D., tenham abordado a linguagem como poder transformador). A linguagem é tão real e tangível em nossas vidas como as ruas, as tubulações subterrâneas, as mesas telefônicas, os microondas, o laboratório de clonagem e as estações de energia nuclear.<sup>28</sup> (1979, p. 247, tradução nossa).

A poeta demonstra, nessa passagem, a importância da linguagem na relação com a vida prática. Por isso, compreender que a submissão das mulheres é mediada principalmente pelo discurso se torna fundamental no processo de mudança da condição das mulheres. A poeta reconhece a relevância da entrada das mulheres na disputa no campo cultural. Da mesma forma, Rich tem consciência de como o poder masculino foi construído através do discurso no qual se embasa sua legitimidade. Ela investiga as relações patriarcais e localiza a força e o poder da linguagem transgressora. Por essa razão, o retorno ao passado se torna tão importante, pois através dele é possível compreender todo o processo de opressão vivido pelas mulheres.

Nesse sentido, em 1979, Rich é convidada a falar para as formandas de uma instituição de ensino para mulheres. Em seu discurso, ela aponta a necessidade da tomada de consciência das mulheres no que se refere ao poder: “A verdade é que toda a ciência, o conhecimento e a arte são ideológicos, não existe neutralidade na cultura”<sup>29</sup> (1979, p. 8, tradução nossa). Nesse discurso, a poeta não só aponta a importância das mulheres do passado que abriram caminho nas mais diversas profissões permitidas somente aos homens, como também deixa claro que para que as mulheres consigam garantir seu espaço nas relações de trabalho e na sociedade será necessário que se assumam politicamente. Afinal “não existe neutralidade na cultura”. Rich acrescenta, “[...] mas por um longo tempo até o presente, as feministas têm falado sobre redefinição de poder; sobre o significado do poder que retoma a sua raiz: *posse, potere, pouvoir* – ser capaz, ter o potencial, possuir e usar a energia da criação: o poder transformador”<sup>30</sup> (1979, p. 9, tradução nossa). Nessa passagem, ela desmistifica o poder instituído e aponta para o que vai nortear sua arte no futuro, “o poder transformador”. Ela ainda critica as mulheres que são levadas ao poder pelos homens

e são incentivadas a se diferenciarem das demais. Segundo Rich, o poder dessas mulheres é falso, pois elas não proporcionam nenhum tipo de mudança principalmente quando procuram agir como os homens, correspondendo às expectativas nelas depositadas. Para Rich:

A mulher simbólica é encorajada a se ver como diferente da maioria das mulheres; como excepcionalmente talentosa e merecedora; a se distinguir da extensa condição feminina; ela é percebida pelas mulheres 'comuns' como distinta também: talvez até como mais forte que elas mesmas.<sup>31</sup> (1979, p. 9, tradução nossa).

Naquele contexto, não estaria a poeta ocupando essa posição que critica? Talvez possamos inferir aqui que a autora estivesse também fazendo uma autocrítica. Afinal, ela tinha consciência da posição de poder que vinha ocupando na sociedade estadunidense a qual a diferenciava das demais mulheres. No entanto, a poeta deixa claro que seu compromisso como intelectual que ocupa um lugar de destaque na sociedade vai além do individual, pois busca usar esse poder para tornar visíveis as questões de interesse do conjunto das mulheres.

### **A voz da diferença: Rich e o homossexualismo**

Na relação que estabelece com a arte com o objetivo de sempre relatar a realidade, incluindo a sua própria, Rich revela a importância de se assumir na sociedade. Por isso observamos um novo momento em sua vida pessoal que irá se refletir também em sua arte. Rich rompe com o casamento, e a partir de 1970, após a morte do marido, Rich passa a ter uma participação mais efetiva no movimento de libertação das mulheres e assume publicamente seu homossexualismo.

Através de sua escrita, percebemos que ela desmistifica o estereótipo da mulher homossexual. Rich, nessa fase, não sente nenhuma necessidade de se afirmar através da força masculina como fez anteriormente; ao contrário, ela passa a ver a escrita como uma maneira de revelar suas diferentes sensações e experiências. Seu ensaio “The Meaning of Our Love for Women is What We Have Constantly to Expand” (O significado do nosso amor pelas mulheres é o que precisamos constantemente expandir) é um exemplo dessa demonstração. Há nesse texto a intenção de mostrar o lesbianismo sob um prisma mais aceitável socialmente. Nesse documento, que foi publicado em 1977, Rich aborda tanto a questão do patriarcalismo quanto a questão política mais abrangente ao afirmar: “Tem se articulado ultimamente um ataque à homossexualidade pela Igreja, mídia e todas as forças nesse país que precisam de um bode expiatório para desviar a atenção do racismo, da pobreza, do desemprego e da corrupção obscena da vida pública”<sup>32</sup> (1977, p. 224, tradução nossa). Neste texto, ela já aponta e denuncia a estratégia moralista do governo estadunidense para criticar e reprimir as relações homossexuais como forma de disfarçar as reais funções da política.

Rich historiciza o homossexualismo feminino deixando claro como o homossexualismo masculino, em uma escala de poder cultural, predomina e é mais aceito socialmente: “Ao mesmo tempo em que a cultura homossexual masculina se desenvolveu, as vidas dos homens têm, como sempre, sido vistas como a cultura ‘real’. As lésbicas não têm tido o poder econômico e cultural dos homossexuais [...]”<sup>33</sup> (1977, p. 225, tradução nossa). Ou seja, também na questão do homossexualismo os homens têm a legitimidade, que, como sempre, é negada às mulheres. Sendo assim, a poeta busca dar visibilidade ao lesbianismo através de sua reconstrução histórica, demonstrando que a homossexualidade feminina é tão legítima quanto a homossexualidade masculina.



Segundo Rich, as mulheres que se assumem como lésbicas são forçadas a viver entre duas culturas de domínio masculino: a heterossexista e a homossexual patriarcal. A cultura heterossexista direciona as mulheres ao casamento e à maternidade, através de mecanismos de pressão de ordem econômica, religiosa e até legal; e a cultura homossexual patriarcal, em sua visão, tem como base o domínio e a submissão. Para Rich, nem a cultura heterossexual nem a homossexual tem proporcionado às lésbicas espaço para a descoberta do que significa se assumirem como homossexuais, terem amor próprio e serem identificadas como mulheres.

Rich também problematiza, nesse ensaio, a separação entre feminismo e lesbianismo. Se o patriarcalismo tradicionalmente classifica as mulheres por meio de binarismos é porque tem o objetivo de separá-las e não deixar que unam suas forças, pois o patriarcalismo, segundo ela “[...] tem nos dividido em mulheres puras e prostitutas, mães e lésbicas, madonas e medusas”<sup>34</sup> (RICH, 1979, p. 226, tradução nossa). Ela acredita que através da aliança entre o feminismo e o lesbianismo as mulheres podem alcançar uma força capaz de abalar a estrutura do poder patriarcal e, conseqüentemente, transformar a sociedade (1979, p. 226). Existe, nesse ensaio, o desejo de unir forças na luta por melhores condições de vida na sociedade pautadas pelo respeito às individualidades e às opções sexuais das mulheres. A poeta torna pública a importância da contribuição das lésbicas para o avanço do movimento feminista, principalmente no campo literário. Com o objetivo de uma prática política com o ofício de escritora, de 1981 a 1983, Rich, juntamente com a escritora Michelle Cliff, edita o periódico *Sinister Wisdom: a Multicultural Journal by & for Lesbians* (Sabedoria sinistra: um periódico multicultural por & para as lésbicas). Fundado em 1976, esse periódico tem como objetivo criar um espaço multicultural e multirracial para as mulheres homossexuais.

Em seu ensaio – “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence” (Heterossexualidade compulsória e existência lésbica) – publicado em 1980, Rich, mais uma vez, procura reduzir a distância existente entre o feminismo e o lesbianismo. Nesse documento, ela analisa o uso do discurso moralista por instituições como a família, a igreja e o estado que têm tradicionalmente estabelecido regras de comportamento para as mulheres. Por essa razão, Rich acredita que a questão da preferência sexual deve ser politizada, afinal:

A heterossexualidade, assim como a maternidade, precisa ser reconhecida e estudada como uma instituição política – até mesmo ou especialmente por aqueles indivíduos que sentem que são, em suas experiências pessoais, os precursores de uma nova relação social entre os sexos.<sup>35</sup> (1986, p. 35, tradução nossa).

Na busca pela igualdade social entre os homens e as mulheres, o direito à escolha deve estar isento do preconceito e das pressões sociais. A autora ainda deixa claro que as mulheres, por serem discriminadas e ocuparem sempre posições inferiores no trabalho, sofrem desvantagem econômica e se prendem à idéia do casamento como forma de garantir sua sobrevivência. Para a poeta, a questão do homossexualismo feminino não pode ser reduzida meramente ao sexo, mas sim à identificação das experiências das mulheres com a história: “A existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica das lésbicas quanto a nossa criação contínua do significado dessa existência”<sup>36</sup> (1994, p. 51, tradução nossa). Nessa tentativa de historicizar o lesbianismo, Rich atribui poder ao não-institucionalizado e aposta na “existência lésbica”, contrapondo a relação heterossexual institucionalizada. Em sua análise das bases da relação heterossexual, ela revela o autoritarismo ao qual as mulheres têm se sujeitado e aponta para a busca pelo direito à liberdade de escolha. Segundo a poeta:

Dentro da instituição existem, obviamente, diferenças qualitativas de experiência; mas a ausência da escolha permanece a grande realidade inaceitável e, diante da ausência da escolha, as mulheres continuarão a depender da chance ou sorte dos relacionamentos particulares e não conseguirão ter nenhum poder coletivo para determinar o significado e lugar da sexualidade em suas vidas.<sup>37</sup> (1994, p. 67, tradução nossa).

Rich aposta no reconhecimento da heterossexualidade como uma instituição política, pois dessa forma será possível abrir espaços para o questionamento de como as relações de gênero são organizadas e legitimadas. Segundo Rich, as mulheres têm condições de compreender a relação heterossexual não como uma questão inevitável em suas vidas e sim como uma opção. O importante é que as mulheres tenham liberdade e segurança para fazerem suas escolhas e exercerem sua autonomia.

Em *The Dream of a Common Language: Poems 1974-1977* (O sonho de uma linguagem comum: poemas 1974-1977), publicado em 1978, Rich, através dos 21 Love Poems (21 poemas de amor), demonstra sua ruptura com a hierarquia sexual ao apresentar a relação entre duas mulheres e, ao mesmo tempo, desmistifica a legitimidade da relação heterossexual. Segundo Langdell, “ela procura criar e fortalecer os textos verdadeiramente lésbicos e feministas, não somente por sua originalidade literária pura, mas também como uma forma de refletir uma sexualidade e paixão a priori, ignorada, apagada ou enterrada como a própria tradição feminina”<sup>38</sup> (2004, p. 144, tradução nossa). Nessa coletânea, Rich privilegia a relação entre mulheres colocando-as como centrais no discurso. Sendo assim, busca encorajar a escrita de outras escritoras lésbicas no sentido de se sentirem livres para expressarem suas subjetividades, e que não sejam socialmente controladas ou mantidas na clandestinidade.

A poesia de Rich, na visão de Alice Templeton “[...] pode ser diferenciada das outras formas de poesia lírica na medida em que demonstra sua determinação em unir o poder poético simbólico ao poder político literal sem promover noções simplistas de unidade ou identidade entre o mundo no qual a poeta sonha e o mundo dos seus sonhos”<sup>39</sup> (1994, p. 77, tradução nossa). Na verdade, Rich procura, em sua poesia, unir a prática à teoria. Ela aproxima a idéia do objeto e se aprofunda no sentido das palavras e metáforas para traduzir seus sentimentos; mergulha e não teme as conseqüências do risco na busca pelos significados. O marcante nos poemas de *O sonho de uma linguagem comum* é a necessidade de ampliar a consciência para além da reflexão sobre a experiência. Rich eleva o poder da linguagem e busca revelar a possibilidade da ação, como afirma Templeton:

Claramente a poesia de Rich em *O sonho de uma linguagem comum* é mais do que uma simples reflexão da experiência: como um ato de imaginar e conceber novos mundos e novas relações, a poesia move a poeta e o leitor através de uma compreensão crítica e criativa da experiência e da possibilidade de ação.<sup>40</sup> (1994, p. 78, tradução nossa).

Rich quer instigar os leitores, principalmente as leitoras, a pensar na idéia da transformação social não somente como teoria, mas principalmente como uma possibilidade viável de se realizar na prática.

Ao relatar a sensualidade e amor entre mulheres, Rich legitima a natureza da relação homossexual estabelecendo uma ruptura com o que é socialmente reprimido. Assim, expõe neste volume uma poesia que assume uma temática marcadamente homossexual. Esse trabalho, do ponto de vista político, se apresenta revolucionário uma vez que atravessa as barreiras das convenções sociais. A linguagem se torna fundamental ao revelar toda a carga de sentimentos represados.

Rich se mostra também consciente do poder das mulheres como indivíduos. Ela conclui o poema “Splittings” (Divisões) dizendo: “[...] Eu escolho amar dessa vez com toda a minha inteligência”<sup>41</sup> (1978, p. 10, tradução nossa), rechaçando qualquer possibilidade de dependência, ou seja; ela assume as conseqüências das suas escolhas sexuais e emocionais. Sua relação pode e deve ser pautada pela própria escolha. Fazendo isso, está mais uma vez rejeitando o papel da mulher vitimizada e revelando sua autonomia. Ao revelar seus sentimentos e escolhas, a poeta instiga as mulheres a assumirem suas preferências e se responsabilizarem por si mesmas e por suas opções.

Templeton afirma que “a opção de Rich pelo uso de verbos performativos que relacionam escolha e negação refletem sua consciência de que a linguagem pode nos mover no engajamento e na relação com os outros, o que torna a ação política possível e necessária”<sup>42</sup> (1994, p. 82, tradução nossa). Talvez fosse essa a intenção da poeta quando intitulou a obra *O sonho de uma linguagem comum*, isto é, reconhecer o valor da “linguagem comum” como forma de abranger um número maior de leitoras e incitá-las à ação.

A inquietude e desejo de mudança diante do que está socialmente preestabelecido vão percorrer a vida e obra de Rich em muitos outros momentos, não somente na poesia, mas principalmente em seus ensaios críticos ou outros relatos de sua biografia. A poeta sempre reage ao que está posto e revela o desejo de desequilibrar e transformar o poder instituído. Por isso, em *O sonho de uma linguagem comum*, assim como em *Mergulho na destruição*, Rich prossegue na busca por uma definição de si mesma que seja identificada como marcadamente feminista. Segundo Jane Vanderbosch, em “Beginning Again” (Começando novamente):

O Sonho faz muito, ele também fala da sobrevivência das mulheres ‘em um mundo masculinizado/inadequado às mulheres ou homens’. Além do mais, ele fala de uma nova paisagem que está metaforicamente dentro do corpo das mulheres e oferece uma definição do feminino que seja identificado pelas próprias mulheres.<sup>43</sup> (1987, p. 115, tradução nossa).

Na busca por focalizar seu discurso nas mulheres, Rich tenta fortalecer o discurso de equilíbrio entre o corpo e a mente. Ela reconhece a existência do discurso acerca da vulnerabilidade feminina, mas não compactua com isso; ao contrário, ela canaliza essa percepção para encorajar as mulheres. Tanto em *O sonho de uma linguagem comum* quanto em *Mergulho na destruição*, a poeta privilegia uma poética dirigida especificamente às mulheres.

A partir de 1980, a poética de Rich se torna ainda mais revolucionária. Para revelar abertamente os mecanismos da dominação masculina, ela vai além do pessoal e verbaliza sua reação. Na visão de Jane Vanderbosch, “Rich busca a consciência da simultaneidade na existência das mulheres; ela retorna ao passado para reivindicar uma herança particularmente feminina como forma de revisar o presente e prever um futuro mais femininizado”<sup>44</sup> (1987, p. 124, tradução nossa). Cientes do passado, as mulheres podem reorganizar o presente e projetar um novo futuro.

Em 1981, Rich publica *A Wild Patience Has Taken Me This Far: Poems 1978-1981* (Uma paciência selvagem tem me levado nessa distância: poemas 1978-1981). Nessa coletânea, ela parece demonstrar uma maturidade maior em relação ao fazer poético. No poema “Integrity” (Integridade), por exemplo, a poeta reconhece suas fragmentações (dois eus) e procura manter o equilíbrio entre seus diferentes eus, como podemos perceber no trecho abaixo:

Raiva e ternura: meus dois eus  
 E agora posso acreditar que eles respiram em mim  
 como anjos, não polaridades.  
 Raiva e ternura: a habilidade da aranha  
 girar e tecer na mesma ação  
 de seu próprio corpo, em qualquer lugar –  
 até mesmo de uma teia rompida.<sup>45</sup> (1981, p. 8, tradução nossa).

Rich observa a capacidade da aranha, que em seu trabalho solitário, domina o tecer da teia. Assim como a aranha que por vezes perde a direção através do rompimento da teia, mas consegue retomar o curso do tecer, a poeta reflete sobre suas contradições e procura, analogamente, ter o domínio da própria vida. Esse paralelo também pode ser feito em relação ao fazer poético em busca do domínio da escrita. No poema, Rich reconhece os diferentes “eus” que ela mesma define ser a união da raiva e ternura. Segundo Templeton: “Reivindicar autoridade para nós mesmas envolve aceitação das contradições, complexidades e incompletudes de nossas vidas pessoais e de nossa circunstância histórica, não uma tentativa de escapar da história ou alcançar algum ponto de vista objetivo no qual se observa o todo”<sup>46</sup> (1994, p. 100, tradução nossa). O fato de Rich reconhecer essas contradições contribui para a compreensão acerca de si mesma e lhe garante a autoridade nos termos abordados por Templeton; afinal, assim como a aranha consegue retomar o trabalho da teia rompida, a poeta tem também a possibilidade de redirecionar sua vida. Em outra passagem desse mesmo poema, ela revela estar ciente da responsabilidade por si própria:

[...] mas na verdade eu não tenho nada a não ser eu mesma  
 para me guiar, nada  
 permanece no campo da pura necessidade  
 exceto o que minhas mãos podem segurar.

*Nada a não ser eu mesma? ... Meus eus.*<sup>47</sup> (1981, p. 8, tradução nossa).

A percepção de que não tem nada nem ninguém para conduzi-la aumenta seu senso de autonomia. Rich acrescenta, nesse poema, logo abaixo do título “Integridade”, as

seguintes definições: “a qualidade ou estado de ser completo, condição absoluta, totalidade”<sup>48</sup> (1981, p. 3, tradução nossa). Sua atitude em buscar a definição no dicionário demonstra sua necessidade em traduzir significados. Ela não só procura compreender o todo, como também necessita defini-lo. Rich reconhece que a escrita sozinha não é capaz de reais transformações, por isso, para ela, se torna ainda mais relevante a efetivação da ação através do ativismo político. A poeta tem consciência das limitações das mulheres quando se refere ao poder, mas acredita que através do coletivo seja possível alcançar mudanças. O que diferencia esse volume dos demais é que nele Rich transmite mais segurança em si própria, tanto como indivíduo quanto como poeta e escritora. A impressão que temos é que nada mais pode amedrontá-la.

Em *Sources* (Fontes), coletânea primeiramente publicada em 1983 e que em 1986 foi incorporada à coleção *Your Native Land, Your Life* (Sua terra nativa, sua vida), Rich apresenta uma poética mais introspectiva. Embora tenha mostrado, em seus poemas anteriores, estar ciente da influência do externo no domínio do indivíduo, há nesse volume uma sensação de recolhimento, como podemos observar no poema abaixo:

Eu me recuso a me tornar uma investigadora de curas  
tudo que tem sempre  
me ajudado tem vindo através do que já tenho  
armazenado em mim. Velhas questões, difusas, inominadas,  
permanecem fortes  
em meu coração.  
Isso de onde  
minha força vem, até quando perco minha força  
mesmo quando ela se revolta contra mim  
como um violento dono.<sup>49</sup> (1986, p. 4, tradução nossa).

Nesse poema, a poeta se mostra forte mesmo havendo resistência na busca por soluções. O reconhecimento de que questões passadas, difusas, inominadas ainda a afetam, na verdade, demonstra que a capacidade em localizar essas questões é que traduzem sua



força. A resistência está em ser capaz de compreender e nomear seus conflitos. Segundo Langdell, “em um certo sentido, ‘Fontes’ é uma busca pelas origens de sua força poética e caráter pessoal – suas origens poéticas assim como a origem de sua convicção de uma nação feminista”<sup>50</sup> (2004, p. 162, tradução nossa). Rich incorpora à sua poética outras reivindicações de ordem social e política, mas não abandona sua principal fonte de luta – o desejo de transformar a condição das mulheres na sociedade. Nesse outro poema da mesma coleção intitulada *Sua terra nativa, sua vida*, Rich fala da busca pelo saber como um processo infindável o qual parece fundamental à sua autonomia. A poeta descarta a vitimização (amargura) e a alienação (distanciamento) como subterfúgios da condição feminina e deposita sua crença no poder das mulheres para ocupar o espaço na sociedade que a elas pertence:

Eu queria poder descansar entre as ervas belas e comuns  
que eu pudesse nomear, tanto aqui quanto em outras partes do globo.  
Mas não existe  
um saber limitado e nem tal descanso. Pássaros inocentes, desertos,  
manhãs gloriosas,  
atenção às escolhas, nos distanciando do familiar. Quando  
falo em finalizar o sofrimento, não quero dizer anestesia. Quero dizer  
conhecer o  
mundo e meu lugar nele, não observá-lo com amargura  
ou distanciamento, mas como um considerável poder feminino,  
femininamente.<sup>51</sup> (1986, p. 27, tradução nossa).

Embora o processo de maturidade seja sofrido, ela não busca paliativos (anestesia). Para que possa se sentir inteira como mulher e poeta, ela precisa reconhecer seu lugar no mundo sem a amargura provocada pelo saber e nem o distanciamento como opção de alienação. Assumindo essa postura, Rich mais uma vez se recusa a ver as mulheres como vítimas. Segundo Langdell:

A exploração das fontes tem como objetivo a busca de identidade do passado e do presente, não para mostrar como ela foi vitimizada, mas para ajudar o eu lírico e cada uma de nós a assumir responsabilidade por

nós mesmas, para que possamos fazer uso de nossa cidadania e usar nossa solidão mais construtivamente.<sup>52</sup> (2004, p. 163, tradução nossa).

Nesse sentido, Rich, através do passado, busca ressignificar o presente. Ao invés de se apoiar na condição vitimizada, ela quer provocar uma participação mais efetiva das mulheres. No ato de escrever e descrever as palavras, a poeta reforça a importância do peso do discurso nesse processo e manifesta o desejo de ter uma participação efetiva na sociedade. Fazendo isso, mais uma vez, ela une escrita e ação, o fazer poético e a atuação política.

Se em *Fontes* a poeta se volta ao eu para resgatar sua força, em *Time's Power* (O poder do tempo), publicado em 1989, ela se mostra ciente do efeito brutal do tempo em nossas vidas. Em grande parte dos poemas dessa coletânea existe a presença da morte e o sentimento melancólico relacionado à inevitabilidade do tempo. A idade, as constantes dores musculares devido à artrite e à experiência de vida parecem pesar sobre sua consciência. A esperança de haver transformações persiste, mas Rich também estabelece diálogos com a morte, como podemos observar nesse fragmento do “Love Poem” (Poema de amor):

Bela, quando você era jovem  
nós pensávamos que éramos jovens  
agora que tudo está feito

somos sérias agora  
sobre a morte nós conversamos com ela  
dia a dia como com um vizinho

estamos aprendendo a ser verdadeiras  
com ela ela tem as chaves  
dessa casa caso precise

ela pode permanecer.<sup>53</sup> (1989, p. 7-8, tradução nossa).

Nesse poema, a poeta traça um paralelo entre o tempo em que as amantes do poema eram jovens e agora que estão mais velhas. Embora fale da morte, não parece haver nesse relato o sentimento de angústia em relação à idéia do fim da vida. Ela reconhece uma proximidade maior com a morte e mesmo havendo esse reconhecimento, não se entrega, como parece visível neste fragmento de outro poema da mesma coleção: “[...] Estou andando novamente. Meu coração não dói, embora de vez em quando se enfureça”<sup>54</sup> (1989, p. 44, tradução nossa). Mesmo fisicamente fragilizada, ela ainda consegue demonstrar resistência e disposição para reagir.

### Poesia e poder

Em *An Atlas of the Difficult World: Poems 1988-1991* (Um atlas do mundo difícil: poemas 1988-1991), publicado em 1991, a autora concentra seu olhar nas constantes contradições entre o discurso e a prática política em seu próprio país. Em uma entrevista realizada em 1994<sup>55</sup> (RICH, 1994), a poeta tece comentários acerca desse livro: “Até certo ponto, em Atlas, eu estava tentando falar sobre o lugar, os privilégios, as complexidades de amar meu país e odiar as formas nas quais o interesse nacional vem sendo definido por nós”<sup>56</sup> (RICH, 1994, p. 5-6, tradução nossa). Essa afirmação, assim como os poemas dessa coletânea, refletem à dificuldade de Rich que se vê dividida entre dois sentimentos: o amor por sua pátria e a revolta pela forma como os interesses nacionais têm sido definidos pelos cidadãos de seu país. Em um fragmento do poema XI, a poeta critica as incoerências presentes na sociedade estadunidense:

Um patriota não é uma arma. Um patriota é alguém que disputa pela  
 alma de seu país  
 assim como ela briga por si própria, pela alma do país dele  
 (olhando através do grande círculo na janela de pedra o brilho

do Muro Viet Nam)  
 como ele luta por si próprio. Um patriota é um cidadão tentando  
 despertar  
 do sonho destruidor da inocência, o pesadelo  
 do general branco e do general Negro demonstrados  
 na camuflagem deles,  
 para lembrar do verdadeiro país dela, se lembrar do sofrimento da terra  
 dele:  
 se lembrar  
 que o abençoado e o amaldiçoado nascem gêmeos e são separados no  
 nascimento  
 para se encontrar novamente no velório  
 que o emigrante interno é o que mais sente a falta de sua pátria entre  
 todas as mulheres e  
 homens  
 que toda bandeira que é hasteada hoje é um grito de dor  
 Onde estamos ancorados?  
 Quais são nossos vínculos?  
 O que nos cabe?<sup>57</sup> (1991, p. 22, tradução nossa)

Nesse poema, Rich traz à tona as contradições do discurso estadunidense acerca do nacionalismo e suas conseqüências desastrosas. A necessidade de dominar e controlar o Vietnã naquele momento, assim como a perseguição aos grupos terroristas em épocas mais recentes tem sido o principal álibi do governo dos Estados Unidos para justificar seu discurso bélico. Na constante busca pela paz, não há o raciocínio da determinação de “justiça” em primeiro lugar, busca-se a paz sem pensar que esses mesmos que a querem são aqueles que provocaram os conflitos. Mais ainda, ao refletir sobre a palavra “paz”, a poeta reforça a idéia de que essa é uma determinação do homem branco. Na afirmação: “Um patriota não é uma arma”, ela desassocia a idéia de que patriotismo seja sinônimo de violência, revelando que esse tem sido o mote do governo dos Estados Unidos da América para justificar seus ataques violentos contra outros países. O final do poema é uma tentativa de alerta com relação ao isolamento para o qual caminha seu país, como afirma Langdell:

Claramente o que nos cabe hoje é reconhecer que nós, americanos, precisamos levar em consideração as condições de vida do resto do mundo-árabe, assim como os países da África, do Oriente Médio e Ásia. Precisamos começar a nos ver como parte do mundo, não simplesmente

como o país mais privilegiado do mundo.<sup>58</sup> (2004, p. 194, tradução nossa).

Este reconhecimento tem sido um dos principais aspectos abordados por Rich nos últimos tempos, principalmente em suas entrevistas. A poeta tem questionado as implicações do discurso que justifica a soberania de seu país em relação ao resto do mundo. Percebemos que ela passa a enfatizar as questões políticas mais emergentes em seu discurso. Em uma entrevista realizada em 1987, Rich fala de sua trajetória como escritora e poeta, relatando seus diversos questionamentos de ordem social e política, os quais irão permanecer presentes em sua arte. Na busca pela compreensão do poder instituído, porém, a autora demonstra possuir consciência da opressão presente nas relações de poder:

Eu estava pensando muito sobre algumas coisas que não eram muito comentadas naquela época. Eu estava pensando sobre o lugar da sexualidade em meio àquilo tudo. Qual é a ligação entre o Vietnã e a cama dos amantes? Se essa violência insana está sendo exercida contra um pequeno país por esse outro, grande e poderoso, no qual eu resido, o que isso tem a ver com sexualidade e com o que está acontecendo entre homens e mulheres, que eu já sentia como um conflito? Eu era casada. Eu estava tentando me definir de várias formas. Eu não conseguia me adequar no ... Eu não conseguia encontrar um modelo para o que eu queria ser, tanto no relacionamento com o homem, quanto como mulher no mundo.<sup>59</sup> (1992, p. 11, tradução nossa).

Por meio dessa passagem, percebemos que Rich, mesmo quando aborda questões da política nacional, não deixa a questão de gênero de lado, mas busca relacionar as implicações entre as esferas públicas e privadas. Segundo a poeta, há um vínculo forte entre a ação beligerante exercida pelos Estados Unidos contra o Vietnã e as relações desiguais de poder que permeiam a vida cotidiana. Para ela, o poder público e o privado estão intimamente relacionados. Em sua visão, o poder exercido no espaço público está também calcado, por exemplo, nas relações de gênero. Ao analisar a correlação de forças entre seu Estado e um "outro" (a população vietnamita), reconhecendo as respectivas desigualdades e traçando o paralelo com a opressão também presente nas relações de gênero, Rich aponta

para a necessidade de transformação da sociedade a partir de sua base. Ou seja, para que haja transformação no espaço público é preciso que ocorra também uma transformação no espaço privado. Isto se manifesta de forma clara em sua biografia no momento em que a poeta rompe com a instituição do matrimônio, rechaçando o poder patriarcal no que se refere ao papel submisso estabelecido para as mulheres na sociedade.

Sua aproximação e contato com os diversos problemas sociais existentes na sociedade estadunidense fazem com que a poeta tome consciência da proximidade da relação entre o pessoal e o político. Em um de seus ensaios, Rich declara: “Eu comecei, a partir daquele momento, a sentir que política não era algo ‘lá fora’, mas sim ‘aqui dentro’, e feita da essência de minha condição”<sup>60</sup> (2001, p. 22, tradução nossa). Essa junção das duas esferas irá dar uma nova face a sua arte, como ela mesma afirma em outro momento: “Eu acredito que tenha sido finalmente o envolvimento na política que me levou a escrever mais prosa, como parte da minha vida, como uma parte normal da minha escrita”<sup>61</sup> (1992, p. 15, tradução nossa). Ela passa a fazer de sua arte um instrumento de luta no processo de conscientização social. Seus ensaios e poemas, dessa fase mais recente, privilegiam desde a denúncia da política externa estadunidense de massacre e domínio econômico de outros países até a política interna de perseguição a grupos minoritários.

Rich busca, portanto, sua legitimidade como intelectual através da escrita. Ela utiliza sua arte como meio de imprimir uma outra forma de poder: aquele que questiona as desigualdades, as barreiras, os limites e as violências do poder institucionalizado. Em 1997, a poeta recusou a National Medal for the Arts (Medalha Nacional para as Artes), oferecida pelo Presidente Bill Clinton a doze artistas. Em uma carta dirigida ao organizador do evento, Rich declara:

Nessas últimas duas décadas tenho testemunhado o crescente impacto brutal da injustiça econômica e racial em nosso país. Não existe uma fórmula simples para o relacionamento da arte com a justiça. Mas eu sei que arte – no meu próprio caso a arte da poesia – não significa nada se apenas enfeitar uma mesa de jantar do poder que a mantém refém. As diferenças radicais de riqueza e poder na América estão se ampliando em um ritmo devastador. Um presidente não pode significativamente homenagear alguns artistas enquanto o povo em si é desrespeitado.<sup>62</sup> (2001, p. 99, tradução nossa).

Sua atitude em rejeitar a premiação e as razões para tal explicitadas na carta endereçada à Casa Branca reforçam a postura política de Adrienne Rich em relação ao seu país. A poeta encerra sua carta afirmando ser o evento um “ritual hipócrita” do qual não poderia participar. O uso do discurso franco, assim como sua atitude em publicar a carta, demonstra uma postura engajada que busca dar visibilidade às contradições da democracia estadunidense. Ela assume, de forma transparente e corajosa, o papel de explicitadora de um pensamento crítico que questiona as estruturas de poder na sociedade dos Estados Unidos. Também é verdade que, se por um lado, sua postura revela a intenção de desestabilizar o poder institucionalizado; por outro, essa mesma postura lhe dá visibilidade e conseqüentemente um outro tipo de poder. Segundo Norberto Bobbio:

O poder ideológico se baseia na influência que as idéias formuladas de um certo modo, expressas em certas circunstâncias, por uma pessoa investida de certa autoridade e difundidas mediante certos processos, exercem sobre a conduta dos consociados: deste tipo de condicionamento nasce a importância social que atinge, nos grupos organizados, aqueles que sabem, os sábios, sejam eles os sacerdotes das sociedades arcaicas, sejam os intelectuais ou cientistas das sociedades evoluídas, pois é por eles, pelos valores que difundem ou pelos conhecimentos que comunicam, que se consuma o processo de socialização necessário à coesão e integração do grupo. (1992, p. 955).

Essa definição do poder ideológico nos serve como exemplo para compreender como Rich articula sua posição como intelectual em seu país. A poeta reconhece o poder de

seu discurso no espaço contra-hegemônico e não nega o fato de pertencer a essa elite cultural. Ela não desconsidera a relevância do papel do intelectual crítico na sociedade de seu país. Entretanto, procura se desvencilhar da diferença intelectual buscando partilhar sua consciência política e fazendo de sua arte um espaço de denúncia. Ela, como intelectual, não se coloca em posição superior às outras mulheres; ao contrário, deixa claro que a transformação da condição das mulheres só acontece quando cada uma delas toma consciência dessa necessidade. Em uma entrevista em 1994, Rich é questionada em relação às leitoras que a procuram para dizer que ela é a grande responsável por seus respectivos despertares: “Você tem o reconhecimento das leitoras. E sobre aquelas que chegam até você e dizem, ‘você mudou minha vida’?”<sup>63</sup> (RICH, 1994, p. 7, tradução nossa) e Rich responde:

Sim, e eu geralmente digo a elas - o que eu acredito também ser verdade – ‘você estava mudando sua vida e leu meu livro ou leu aquele poema no momento em que foi útil a você, eu me sinto muito feliz, mas você é que estava mudando sua vida’. De qualquer forma, quando estamos no processo de realizar algum tipo de autotransformação – nos forçando a ir um pouco mais além, talvez correndo algum risco que nunca imaginávamos correr – algumas vezes um poema irá vir a nós por algum tipo de atração magnética.<sup>64</sup> (RICH, 1994, p. 7, tradução nossa).

A poeta responde que ela não é responsável por essa mudança, pois, o despertar só acontece quando a leitora está também em seu momento de mudar, em seu processo de desenvolvimento individual.

*Dark Fields of the Republic* (Campos sombrios da república), publicado em 1995, é um bom exemplo do engajamento e compromisso da intelectual com a ação política. Em grande parte dos poemas dessa coleção, a poeta tenta tornar aparente as negligências cometidas pelos governos dos Estados Unidos. De acordo com Langdell:



Ao explorar sua própria natureza e o impulso dos outros em formar movimentos, descobrir as origens pessoais e intelectuais de uma direção à liberdade, desenvolver suas próprias idéias e vozes e se tornar parte da história, ela [Rich] encontra seu próprio lugar na nação, estabelecendo tanto uma identidade nacional quanto a posição do sujeito feminino através de seus eus poéticos e seus ensaios feministas. Por isso, ela estabelece seu próprio lugar e o lugar das outras mulheres na história.<sup>65</sup> (2004, p. 197, tradução nossa).

Por encontrar seu lugar na história é que a poeta sente a necessidade de revelar as contradições históricas de seu país. Nesse sentido, no poema “What Kind of Times Are These” (Que tempos são esses), Rich não só faz do seu poema o eco de um poeta exilado ao caricaturar Stalin, mas usa desse eco para demonstrar que seu país também tem cometido atrocidades semelhantes:

Eu andei por lá apanhando cogumelos à margem do terror, mas

não seja tolo,

isso não é um poema russo, isso não acontece em outro lugar senão aqui, nosso próprio país se aproximando mais e mais de sua própria verdade e terror,

suas próprias formas de fazer as pessoas desaparecerem.<sup>66</sup> (1995, p. 3, tradução nossa).

O uso de uma linguagem mais direta revela a sua preocupação em associar a ação crítica do intelectual às mudanças na sociedade. Entretanto, ela se revela ciente de que somente as palavras não bastam no processo de transformação social. Rich afirma que a linguagem é apenas um dos instrumentos nesse processo:

Meu sentimento é que são as *ativistas* que nos movem. Não se faz um movimento político simplesmente com palavras. Estou pensando nas organizações de mulheres das zonas rurais, ativistas que têm assistido centenas de entrevistas com mulheres abusadas ou violentadas sexualmente, ajudando a fortalecê-las e que o conhecimento acerca dessas questões não é metafórico.<sup>67</sup> (1992, p. 9, tradução nossa).

Tal afirmação nos revela uma visão menos utópica do trabalho do intelectual. Ela não descaracteriza a importância das palavras, mas demonstra consciência de que para haver uma transformação radical da sociedade é necessário que haja organização dos diversos segmentos sociais e enfrentamento ao poder institucionalizado. Podemos também inferir que, embora seja visível em seus ensaios críticos e poemas a importância da combinação da escrita e da ação política, a poeta nega, em outros momentos, que essa seja uma característica de sua arte. Rich deixa claro que o ativismo é importante, mas ressalta que para ela como poeta e intelectual o que interessa é o recurso retórico: “Para mim é sempre uma questão da linguagem como uma investigação do desconhecido ou não familiar”<sup>68</sup> (2001, p. 140, tradução nossa). Rich afirma que sua poética é movida por questões de ordem política ao denunciar as injustiças do poder público; no entanto, isso não significa que ela o faça por estar comprometida com esses injustiçados, mas sim por o que ela chama de uma “necessidade interior”. Segundo a autora:

Surpreendo-me quando as pessoas escrevem sobre meu trabalho como se eu assumisse o lado dos ‘desprivilegiados’ ou dos ‘oprimidos,’ como um tipo de trabalho missionário. Eu escrevo da mais absoluta necessidade interior, respondendo ao meu lugar no tempo e no espaço, tentando encontrar uma linguagem igual a isso.<sup>69</sup> (2001, p. 141, tradução nossa).

Se sua escrita fosse movida somente por essa “necessidade interior” então por que será que a poeta se envolveu nos movimentos antiguerras, assumiu a bandeira dos negros e homossexuais na luta por melhores condições na sociedade? Ou ainda, porque se inscreveu no programa SEEK para lecionar a língua inglesa àqueles alunos que, de alguma forma, foram excluídos da educação formal? O fato de ter escrito uma carta para o presidente Bill Clinton se recusando a receber o prêmio e explicitando as questões que a levaram a tal

atitude não seria também uma forma de ativismo, isto é, de se colocar do lado dos “desprivilegiados ou oprimidos”? Assumir que sua arte está intimamente ligada a essas questões não a reduz; afinal, não é assim que grande parte de seus leitores a vêem? Não seria essa uma contradição em seu discurso?

De qualquer forma, sua escrita revela também consciência de que os diferentes conflitos sociais observados por ela não são exclusivos de seu país. Para Rich, a opressão exercida nos Estados Unidos em relação à mulher, ao negro e ao trabalhador é repetida em várias partes do globo. Mais ainda, a resistência dos grupos minoritários que vêm brotando no interior da sociedade estadunidense também tem surgido e se fortalecido em outras comunidades:

Uma enorme quantidade de coisas está acontecendo globalmente – diferentes conflitos em diferentes países, em diferentes sociedades. Se pensarmos na África do Sul, veremos que existe lá um grande número de lideranças femininas. As mulheres negras na África do Sul estão criando e mantendo uma estrutura. Naquela sociedade dominada pela violência, em meio a uma revolução, elas estão criando centros de assistência à infância e de refeições para famintos, cultivando hortas, mantendo a vida no nível humano. Não são somente mulheres fazendo o trabalho do mundo. Tais mulheres são líderes em suas comunidades. Nós poderíamos falar sobre o feminismo nas Filipinas, na Índia, na América Latina, no Caribe, não como um movimento monolítico global, mas muitos movimentos, em todo o mundo, combatendo dentro e contra as diversas culturas. O movimento dos Estados Unidos é apenas uma pequena parte desse retrato.<sup>70</sup> (1992, p. 15, tradução nossa).

Ao se referir às diferentes sociedades, Rich procura descentralizar seu olhar, focado primordialmente nas questões internas em seu país. Ela se diferencia a partir do conhecimento da problemática enfrentada por outras nações e culturas. Ao mesmo tempo, reconhece que o desejo de mudança por parte dos oprimidos também não é um privilégio

dos grupos residentes nos Estados Unidos. Ao explicitar tal abrangência, a autora revela sua capacidade de perceber o "outro", mesmo que distante geográfico e culturalmente. Ela se desloca do âmbito interno e trata de questões que se referem a outros povos. Também é verdade que a poeta aborda diferentes conflitos sociais, mas sem nunca deixar de lado a questão do gênero.

A junção que faz entre a ação política por meio do engajamento nas lutas sociais e o uso da escrita como instrumento de poder e luta política demonstram seu compromisso e responsabilidade como poeta e intelectual. De acordo com Edward Said:

No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público. (2005, p. 35-36).

Rich incorpora esse papel definido pelo crítico. Sua postura como intelectual tem sido manter constante a busca por uma linguagem que consiga tornar visíveis as incoerências presentes na sociedade estadunidense. Em seu poema “North American Time” (Tempo norte-americano) que faz parte da coletânea *Sua terra nativa, sua vida*, Rich eleva a responsabilidade do poeta ao afirmar:

[...] Movemo-nos mas nossas palavras permanecem estáticas.  
tornam-se responsáveis  
por mais que desejávamos

e isso é um privilégio verbal

III

Tente se sentar diante de sua máquina de escrever  
numa noite calma de verão  
em uma mesa próxima à janela

no campo, tente fingir que  
 seu tempo não existe  
 que você é simplesmente você  
 que a imaginação simplesmente flui  
 como uma grande mariposa, sem nenhuma intenção  
 tente dizer a você mesmo  
 que você não é responsável  
 pela vida de sua tribo  
 a vida do seu planeta.

IV  
 Não importa o que você pensa  
 As palavras são responsáveis  
 tudo o que pode fazer é escolhê-las  
 ou escolher  
 permanecer em silêncio [...].<sup>71</sup> (1986, p. 33, tradução nossa).

Nesse poema, a poeta demonstra a importância da escrita que seja comprometida com as transformações sociais. Rich procura mostrar a responsabilidade do uso do “privilégio verbal” reforçando a relevância da arte engajada. Dessa maneira, deixa claro que o compromisso com o que se escreve é fundamental, isto é, que o privilégio do conhecimento deveria ser utilizado como instrumento de alerta e conscientização. No verso VII do mesmo poema, a autora acrescenta:

Penso nisso em um país  
 onde as palavras são roubadas das bocas  
 como o pão é roubado das bocas  
 aonde os poetas não vão para a prisão  
 por serem poetas, mas por serem  
 negros, mulheres, pobres.  
 escrevo isso em um tempo  
 em que qualquer coisa que escrevemos  
 pode ser usada contra aqueles que amamos  
 em que o contexto nunca é dado  
 embora tentemos explicar, sempre  
 Ao menos pela poesia  
 Eu preciso saber essas coisas.<sup>72</sup> (1986, p. 33, tradução nossa).

Através dessas linhas, a escritora revela sua revolta diante da alienação a que a sociedade está sujeita. Rich não só compreende a situação dos alienados e oprimidos, mas

reivindica saber "das coisas" pelo bem da arte. Ela expressa a função da poesia como forma de alcançar algum tipo de transformação. Na busca pela quebra do silêncio do "contexto" velado, a poeta se esforça por não se manter alienada das estratégias e mecanismos de domínio exercidos pelo seu país.

Ao reconhecer a existência dos mais diversos tipos de opressão calcados nas questões de gênero, etnia e classe, a poeta aponta para a necessidade de resistência e rompimento com o poder. Ela busca justificar, não só através de seu trabalho, mas também ao assumir sua postura crítica em relação à sociedade e ao governo estadunidenses, a função do trabalho intelectual. Em outras palavras, a partir do poder de seu discurso já legitimado como intelectual, procura incentivar o fortalecimento dos movimentos emergentes que expressam as contradições sociais.

Nesse embate, a autora contribui para as transformações sociais não a partir da sua ação crítica no interior das instituições do Estado, mas a partir do engajamento nas causas e nas demandas dos movimentos sociais. Ou seja, visto sob esse prisma, o trabalho do intelectual não se apresenta como acabado, mas como algo aberto ao devir histórico. Não se trata também de uma postura meramente individual, mas de um engajamento na ação coletiva. A percepção da tensão exterior é que move a poesia de Rich. Ela discute seus desejos e angústias, mas principalmente tem o compromisso de denunciar o mundo violento no qual vive. Por essa razão, em *Midnight Salvage: Poems 1995-1998* (Salvamento à meia-noite: poemas 1995-1998), publicado em 1999, Rich divide com o leitor seu ideal revolucionário e explicita a necessidade de transformações radicais na sociedade. De acordo com Langdell, "esses poemas possibilitam ao leitor perceber sua outra paixão política, o pensamento marxista, uma veia intelectual que ultimamente ela vem buscando

como algo que conduz mais à reforma política e social [...]”<sup>73</sup> (2004, p. 221, tradução nossa). Depois de tantos anos dedicados à causa feminista, Rich, especialmente nesse volume de poesia, parece ter perdido a crença no movimento. Isso se deve, a seu ver, aos rumos que o movimento feminista tem tomado nos últimos anos. Para a poeta, é inegável a importância das mulheres no processo de transformação social, mas é também necessário reconhecer que para conseguir mudanças de ordem social será preciso envolver o conjunto da sociedade. Segundo Langdell:

Rich quer, claramente, compartilhar com seus leitores as filosofias políticas que a tem influenciado em sua indagação que parte do feminismo e vai até o marxismo. A primeira revolução que ela efetiva é a das mulheres e a próxima que abraça é a igualdade dos homens e mulheres governando juntos.<sup>74</sup> (2004, p. 221, tradução nossa).

Essa transição do feminismo para o marxismo acontece à medida que a poeta percebe a abrangência das questões que permeiam os sistemas de opressão do mundo capitalista que não estão calcados somente na questão de gênero. Por isso, a poeta aposta em políticas que irão considerar o bem estar comum de homens e mulheres. Mesmo considerando a necessidade da união de homens e mulheres para provocar mudanças na sociedade, a poeta não descarta a relevância das mulheres nesse processo. Na verdade, a razão dessa união está em reconhecer que as mulheres têm poder de igualdade na luta por melhores condições de vida. Mais ainda, Rich continua concentrando sua energia na arte. Nesse sentido, a poeta busca expressar o que parece inexprimível:

Não tenho teorias. Eu desconheço a razão por estar sendo perdoada. Eu sou minha arte: eu a faço do meu corpo e dos corpos que produziram o meu. Eu estou ainda tentando encontrar a linguagem pictórica para essa cólera e medo que giram no eixo do amor. Se eu ainda me levanto e vou para o estúdio – é porque lá encontro a companhia que preciso para continuar trabalhando.<sup>75</sup> (1999, p. 67, tradução nossa).

Nesse fragmento que faz parte do poema “A Long Conversation” (Uma longa conversa), a poeta revela sua impossibilidade de ter respostas para suas dúvidas. Rich explicita seu desejo de encontrar uma linguagem que seja capaz de expressar seu sentimento, fato que também demonstra ser uma busca interminável. Ela enfatiza sua principal base de sustentação, sua arte, e acrescenta que essa tem sido sua fonte de energia na vida.

Dois anos após a publicação de *Salvamento à meia-noite*, Rich lança *Fox: Poems 1998-2000* (*Raposa: poemas 1998-2000*). Se nos dois volumes anteriores a poeta demonstra as raízes de sua cólera em relação ao poder e continua buscando a conscientização das massas, em *Raposa* vamos ter contato com uma poesia menos otimista. A autora demonstra uma certa desilusão com as reais possibilidades de transformação social. A descrença com o movimento feminista, sinalizada em *Salvamento à meia-noite*, reaparece em *Raposa*. Rich revela, nessa coletânea, a fragilidade do movimento feminista diante de suas constantes divisões. Na sessão quatro do poema “Terza Rima” (Terceira rima), a poeta desabafa:

Eu perdi nosso caminho a culpa é minha  
nossa a culpa pertence  
a nós eu me tornei o guia

quem teria negligenciado  
quem teria permanecido o principiante  
eu como guia falhei

eu como principiante estremei  
eu deveria ter sido mais forte nos mantido  
unidas.<sup>76</sup> (2001, p. 41, tradução nossa).

Nesse poema, Rich não somente questiona os rumos do movimento feminista como também faz autocrítica de sua posição como liderança. Existe uma sobrecarga de



responsabilidade do eu poético e um sentimento de impotência para transformar uma sociedade já contaminada. De acordo com Langdell, nesse poema,

O ‘nós’ são as feministas e aquelas no Movimento com ela. Estaria ela se culpando pelas divisões no movimento das mulheres e pelos confrontos verbais violentos entre as feministas trabalhadoras e os diferentes grupos étnicos nas inevitáveis revoltas dos anos 80? Estaria ela pensando que se tivesse sido mais forte ou uma líder melhor poderia manter unificado o movimento feminista americano?<sup>77</sup> (2004, p. 246, tradução nossa).

O que parece, entretanto, é que a poeta se sente só no embate. Em sua opinião, outras variáveis deveriam estar sendo incorporadas à luta das mulheres. Rich busca conhecer outras realidades diferentes daquelas vivenciadas na sociedade em que se insere. A poeta visita outros países como o Chile e a Nicarágua. Isso a possibilita tomar contato com outras questões que oprimem o ser humano. Nesse contato e proximidade com outros povos, a poeta reconhece a contradição de viver entre o amor por seu país e a revolta em ter que aceitar uma política de isolamento e destruição do outro que ela já havia apontado em seu volume anterior. Ela afirma que sua visão em relação a outras experiências se dá a partir de sua viagem à Nicarágua. O deslocamento geográfico de seu país assim como a proximidade da outra cultura fazem com que a poeta presencie e perceba a opressão exercida pelo seu país à Nicarágua, como afirma nessa passagem: “Eu pude sentir fisicamente o peso dos Estados Unidos da América em minhas costas, de suas forças militares, sua ampla posse de dinheiro e de seus meios de comunicação de massa”<sup>78</sup> (RICH, 2001, p. 71, tradução nossa). A experiência de estar na Nicarágua no momento em que o país estava sendo alvo dos interesses dos Estados Unidos da América possibilitou-lhe perceber a brutal diferença de poder entre os dois países. No entanto, o fato de ter tido a oportunidade de acompanhar as ações comandadas por seu governo no país visitado não a coloca em situação de igualdade com as pessoas que lá residem. Não seria esse um exagero

de linguagem em seu discurso? Mesmo se ela morasse na Nicarágua e tivesse participação ativa nas guerrilhas, ainda assim, sua experiência não seria semelhante às experiências dos nicaraguenses. Seria esse exagero uma forma de compensar sua parcela de culpa e responsabilidade como cidadã estadunidense no processo, como a autora parece mostrar?

### **Rich e o presente**

A energia depositada na palavra e na crença por reais transformações sociais na obra de Rich parece ter perdido um pouco da força depois da virada do século. Depois de tanto tempo dedicado a compreender e mudar a vida das mulheres, a poeta muda o foco de seu olhar. Rich vem demonstrando, cada vez mais através de sua escrita, que a luta por transformações sociais não pode se restringir somente à questão do gênero; ao contrário, ela tem reforçado a importância de aglutinar as forças no combate aos mais diversos tipos de opressão. Por isso, tem se posicionado contrária às constantes cisões que o movimento feminista vem apresentando. A poeta vem buscando compreender, nesses últimos anos, diferentes contextos em que está inserida. Sendo assim, em seu último livro, Rich procura revelar ao leitor, principalmente ao leitor de seu país, a outra vertente resultante das constantes guerras civis que direta ou indiretamente possuem uma relação com os Estados Unidos. Embora sua poesia tenha perdido parte da confiança nas possibilidades de transformar o mundo, em *A escola entre as ruínas*, a poeta continua reafirmando seu compromisso de denunciar e criticar os abusos nas relações de poder.

No poema que dá título à coletânea, Rich relata a dramática situação do professor e dos alunos que buscam o conhecimento em meio a bombardeios e violência provocados pelas guerras civis. Além de descrever o medo e horror daqueles que vivenciam um cotidiano violento, a poeta já explicita no título as cidades que vivem em constante tensão: “A Escola entre Ruínas/*Beirute.Bagdá.Saraievo.Bethlehem.Kabul. Claro que não aqui*”<sup>79</sup> (2004, p.22, tradução nossa). A poeta relaciona as cidades fazendo uso de letras menores e em itálico, separadas por pontos sem intervalo entre uma e outra cidade, demonstrando a pouca importância atribuída a esta lista de lugares. Na mesma frase, a poeta lança mão da ironia ao afirmar que em seu país aquilo não acontece. A devastação da guerra leva à mais absoluta desumanização, como parece visível no excerto abaixo:

5.

Tem uma gata forçando  
a cabeça nas barras da janela  
Ela está faminta como nós  
mas pode se alimentar com os ratos  
seu pêlo bronze arrepiado  
nos fala de uma vida já selvagem

seus olhos dourados  
não desviam ela vai nos ensinar vamos chamá-la de  
Irmã  
quando conseguirmos leite vamos dar a ela um pouco.<sup>80</sup> (2004, p. 24,  
tradução nossa)

Embora a gata estivesse tão faminta quanto as crianças, ela tem a chance de sobreviver comendo os ratos. A escola que permanece entre as ruínas do presente ainda é o lugar de esperança. Em: “[...] Não deixem seus rostos se transformarem em pedras/Não parem de me perguntar por que [...]”<sup>81</sup> (2004, p. 25, tradução nossa) a poeta manifesta a necessidade do questionamento constante para que os alunos não se deixem alienar. Mesmo estando expostos ao medo: “[...] diarréia primeira pergunta do dia/as crianças tremendo/é setembro/segunda pergunta: onde está minha mãe? [...]”<sup>82</sup> (2004, p. 23, tradução nossa) a

escola, embora ilhada em meio ao bombardeio, ainda é o referencial e o espaço onde as crianças podem ser protegidas: “[...] mas vocês não estão perdidos/Esta é a nossa escola [...]”<sup>83</sup> (2004, p. 24, tradução nossa). A poeta parece também apostar na educação como uma única saída para o momento em que vivemos e onde ainda podemos depositar a esperança de um futuro melhor: “[...] Quem sabe amanhã os padeiros possam consertar os fornos [...]”<sup>84</sup> (2004, p. 25, tradução nossa). No entanto, por mais que ela acredite na educação como uma das formas de alcançar mudanças na sociedade, essa última coletânea de Rich retrata uma poética menos otimista. A poeta parece explicitar a crise e impotência do indivíduo diante de uma sociedade cada vez mais cindida e irracional.

Mediante essa idéia geral de sua vida e obra, percebemos que a poeta tem demonstrado, ao longo de sua vivência, uma inquietação em relação ao que está social e culturalmente estabelecido. A escrita tem sido o viés que possibilita o questionamento e compreensão de suas experiências e também um meio de expressar publicamente suas inquietações. Através do ativismo político e da participação no movimento de libertação das mulheres, Rich alcançou, em seu país, o reconhecimento não somente como uma das poetisas mais expressivas na contemporaneidade, mas também se tornou uma importante referência histórica do movimento feminista anglo-americano.

## **Capítulo 2**

### **Escrevendo as mulheres**

#### **Escrita e feminismo**

Adrienne Rich é uma das grandes referências no movimento feminista anglo-americano contemporâneo. Sua participação ativa nas mais diversas manifestações por melhores condições de vida das mulheres e sua extensa produção literária com conteúdo marcadamente político tem feito com que Rich ocupe um lugar de destaque na esfera cultural estadunidense.

Apoiada nas reflexões de críticas que abordam a escrita como um dos elementos que contribuem para o movimento de emancipação das mulheres, discuto, nesse capítulo, a trajetória da poeta como escritora e ativista política, verificando, principalmente, algumas das questões que influenciaram sua participação no movimento feminista em seu país. Sua escrita revela o compromisso em estabelecer uma relação mais próxima entre arte e política. Interessa-me investigar como Rich se tornou uma das principais articuladoras do chamado movimento radical feminista e quais fatores foram determinantes em seu processo de migração do radicalismo do passado à postura marxista mais moderada na contemporaneidade (LANGDELL, 2004, p. 2), e ainda a um processo de mudança que a faz questionar os rumos tomados pelo movimento.

As mulheres têm buscado diferentes formas de participarem da vida pública: trabalhando, debatendo, escrevendo, enfim, exercendo algum tipo de atividade que as coloquem na condição de sujeito. A literatura tem sido um dos principais vieses dessa manifestação. A escrita das mulheres, por vezes, surge a partir da exposição do eu, por essa razão se torna não só um exercício de expressão de suas idéias, mas também uma forma de lidar com suas próprias experiências. A escrita de autoria feminina foi, em sua maioria, associada à escrita intimista e autobiográfica. Essa característica encontra justificativa na própria posição que as mulheres ocupavam na sociedade uma vez que seu universo se restringia, historicamente, à esfera privada, ao lar.

A partir da escrita, muitas mulheres puderam se colocar diante do outro e, ao mesmo tempo, tiveram a oportunidade de traçar indagações acerca de si mesmas na condição de sujeito. Esse processo fez com que elas buscassem uma abertura no campo literário tradicionalmente dominado pelos homens. A escrita surge, então, como uma forma de se exporem sem as amarras dos padrões estabelecidos para a produção literária e, aparentemente, pelo menos no início, sem objetivos comerciais, o que faz com que essa escrita apresente características singulares. Também parece ser verdade que a argumentação das mulheres, ao justificarem sua escrita como sendo intimista e sem interesses mercadológicos, corresponderia a uma estratégia de aceitação (GAZOLLA, 1995). A elas cabia criar novas formas de minar a predominância masculina no campo literário. Tanto o reconhecimento social da literatura de autoria feminina quanto a experiência da escrita vão contribuir para as mudanças na posição delas na sociedade ao longo dos anos.

No entanto, tal processo não se apresenta livre de conflitos, visto que o discurso de autoria feminina irá emergir em um campo tradicionalmente dominado pelo discurso

masculino. A escritora e crítica literária Elaine Showalter afirma que a escrita das mulheres surge sob a orientação do discurso masculino:

Ao estudarmos o estereótipo das mulheres, o sexismo dos críticos homens e o papel limitado das mulheres na história literária, estaremos aprendendo não o que as mulheres sentiram e vivenciaram, mas somente o que os homens pensavam que elas deveriam ser.<sup>85</sup> (1986, p. 130, tradução nossa).

Sendo assim, a tarefa das mulheres era ainda mais árdua, pois elas teriam que construir suas subjetividades a partir de outras já definidas pelo discurso masculino. Para Sandra Gilbert e Susan Gubar: “A batalha dela [da mulher], entretanto, não é contra a leitura do mundo feita por seu precursor (homem), mas contra a leitura que ele faz *dela*. Para se definir como autora, ela precisa redefinir primeiro os termos de sua socialização”<sup>86</sup> (1979, p. 49, tradução nossa). Seria necessário primeiro solapar o discurso masculino acerca de uma visão estereotipada das mulheres para, posteriormente, construir o que Showalter acreditava ser o próprio discurso de autoria feminina.

Uma das primeiras e mais emblemáticas escritoras que reflete sobre essa questão é a inglesa Virginia Woolf. Em dois de seus textos – *A Room of One's Own* (Um teto todo seu) e “Professions For Women” (Profissões para mulheres), Woolf aborda a necessidade de romper com a tradição masculina, da qual as mulheres se tornaram dependentes, assumindo assim uma postura individualizada. A autora expressa suas próprias dificuldades quando começa a escrever profissionalmente. Ao resgatar o título de um poema vitoriano, “The Angel in the House” (O anjo na casa), que idealiza a vida doméstica feminina, Woolf nomeia o fantasma que a perseguia toda vez que tentava expressar sua própria opinião. Assim, a autora traça ironicamente a caricatura dócil da mulher vitoriana (anjo), que era reforçada como o papel da mulher, no período, para demonstrar os obstáculos enfrentados por ela no campo literário. O fantasma desencoraja a reação da mulher e procura sempre

acomodá-la a uma posição submissa. Woolf enfatiza a necessidade da destruição desse fantasma. Segundo a autora: “[...] é mais difícil matar o fantasma que a realidade”<sup>87</sup> (WOOLF, 1985, p. 1385, tradução nossa). Afinal, enfrentar o abstrato e o invisível nos parece uma tarefa impossível, pois mesmo diante da sensação de tê-lo exterminado, existirá sempre a possibilidade de seu retorno. Em outras palavras, o fantasma poderá voltar a assombrar.

Portanto, romper com o discurso patriarcal também se torna difícil, pois assim como um fantasma ele é sempre uma ameaça ao trabalho das escritoras. Se considerarmos que esse fantasma está presente nas relações de trabalho, na esfera política e nas relações sociais, podemos também concluir que ele continua a assombrar a escrita das mulheres a partir de diferentes campos. O processo de destruição do fantasma envolve sofrimento e coragem, pois é mais confortável continuar na posição estável e segura que se lançar sozinha em um campo dominado. O rompimento com a tradição implica assumir posições pioneiras, responsabilizando-se por si próprias, como Woolf afirma:

[...] se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco da sala de estar comum e virmos os seres humanos nem sempre em sua relação uns com os outros, mas em relação à realidade, e também o céu e as árvores ou o que quer que seja, como são; se olharmos além do espectro de Milton, pois nenhum ser humano deve tapar o horizonte; se encararmos o fato, pois é um fato, de que não há nenhum braço em que nos apoiarmos, mas que seguimos sozinhas e que nossa relação é para com o mundo da realidade e não apenas para com o mundo dos homens e das mulheres, então chegará a oportunidade, e o poeta morto que foi a irmã de Shakespeare assumirá o corpo que com tanta frequência deitou por terra. (1985, p. 148).

Para demonstrar o difícil papel das mulheres escritoras no século XVI, Woolf cria a imagem de Judith, suposta irmã de Shakespeare que seria tão talentosa quanto ele, mas que provavelmente teria morrido ainda jovem sem conseguir se expressar pela arte. Woolf,



porém, apesar das dificuldades, convida as mulheres a verem o mundo com seus próprios olhos, motivando-as a buscarem autonomia na relação com o outro. É nesse momento de solidão e, ao mesmo tempo, de coragem para a composição que as escritoras se afirmam. A ruptura com o discurso patriarcal, assim como a introdução do discurso próprio, é um longo processo que elas têm enfrentado ao longo dos anos.

Rich também reconhece a dificuldade desse rompimento com o discurso patriarcal. Por essa razão, ao retomar alguns pressupostos básicos de feministas renomadas como Wollstonecraft, Simone de Beauvoir e Woolf, ela reconhece a educação formal como um dos principais passos para a conquista da autonomia das mulheres. Em 1977, ao discursar em uma universidade para mulheres, a poeta afirma: “A primeira coisa que quero dizer a vocês que são alunas é que vocês não podem pensar que estão aqui para *receber* uma educação; vocês farão melhor se pensarem que estão aqui para *reivindicá-la*”<sup>88</sup> (1979, p. 231, tradução nossa). A poeta instiga as alunas a pensarem na educação como um direito que deveria ser estendido a todas e não um privilégio para poucas. Mais ainda, Rich aponta o efeito nocivo do sexismo na ciência, pois a educação que elas estão adquirindo reflete tão somente a visão de como os homens pensaram e organizaram o conhecimento, por isso as mulheres não se reconhecem nesse processo. Na crítica à tradicional soberania masculina no campo intelectual, Rich quer despertar as mulheres para a mudança de postura que as têm levado ao comodismo. Diz a autora:

A nós têm sido oferecidos modelos éticos de esposa e mãe abnegadas; modelos intelectuais da brilhante, mas precipitada diletante que nunca se submete por inteiro em uma determinada causa, ou a mulher inteligente que nega sua inteligência para parecer mais ‘feminina’, ou aquela que se silencia até mesmo quando discorda internamente com tudo que está sendo dito ao seu redor.<sup>89</sup> (1979, p. 233, tradução nossa).

Em nenhum dos exemplos acima citados, as mulheres se colocam como sujeitos na situação, isto é, elas não têm uma responsabilidade direta para consigo mesmas; ao contrário, estão quase sempre em uma posição subserviente. Mudar essa postura é romper com a dependência das mulheres também no campo intelectual. Para a poeta, uma das principais prerrogativas da autonomia das mulheres é a conquista de suas subjetividades. Sendo assim, as mulheres devem buscar compreender seus anseios e assumir o controle de suas próprias vidas, sofrendo os desprazeres e usufruindo das vantagens que tal atitude possa vir causar. Segundo Rich:

Responsabilidade por si mesma significa se recusar a deixar que os outros controlem seu pensamento e fala e os nomeiem por você; significa aprender a respeitar e usar seu próprio cérebro e instintos; é conseqüentemente um trabalho duro... Responsabilidade por si mesma significa que você não se deixa levar por soluções rasas e fáceis – livros e idéias preconcebidas.<sup>90</sup> (RICH, 1979, p. 233, tradução nossa).

Assumir a si quer dizer não mais delegar ao outro o próprio poder, não permitir que o outro controle sua subjetividade; significa, portanto, aprender a lidar com as frustrações e não mais buscar o apoio masculino como salvação. Significa, principalmente, questionar o discurso tradicional estabelecido através dos “livros e idéias preconcebidas” (RICH, 1979, p. 233). Essa postura é duplamente desafiadora para as mulheres escritoras ao se materializar não somente em suas vidas, mas também na escrita. É preciso, ainda, compreender o processo pelo qual as mulheres foram levadas e se deixaram levar para entender que a vulnerabilidade, aparentemente inerente à condição feminina, foi, na verdade, socialmente construída através dos tempos.

As reflexões de Woolf em relação ao exercício da escrita parecem visíveis na trajetória da poeta e escritora Adrienne Rich. Em seu ensaio crítico, “Quando despertamos

de entre os mortos: a escrita como re-visão”, a poeta discute os desafios da mulher escritora. Rich retoma as reflexões de Woolf em *Um teto todo seu* e traça um paralelo de sua própria experiência e dificuldade quando tinha que conciliar a escrita com os cuidados dos filhos, da casa e do marido. Fazendo eco às proposições de Woolf, Rich reforça a importância de se ocupar um lugar no campo literário, mas também demonstra seus próprios desafios nessa busca: “Mas escrever poesia ou ficção, ou mesmo pensar bem, não é fantasiar, ou colocar fantasias no papel. Para um poema coalescer, para um personagem tomar forma, tem que haver uma transformação imaginativa da realidade que não é de forma alguma passiva”<sup>91</sup> (1979, p. 43, tradução nossa). Nesse sentido, a criatividade e iniciativa das mulheres não poderiam ser ignoradas; ao contrário, Rich instiga as mulheres à ação, questionando a própria realidade que estão vivendo.

No ano de 1974, em uma conversa com Albert e Barbara Gelpi sobre violência e maternidade, Adrienne Rich analisa o comportamento da mulher que se angustia em seu cotidiano de submissão à figura masculina. Na impossibilidade de reagir contra todo o sistema ao qual está inserida, ela se torna amarga ou violenta na relação com o filho. Segundo Rich, a razão que leva a mulher a tal comportamento é o sentimento de impotência e a alienação de sua condição na esfera privada. Tal sentimento faz com que ela reproduza a violência em vez de canalizar sua raiva para o verdadeiro opressor. Para Rich, o equilíbrio e a força da mulher estão em perceber que sua existência vai além da maternidade. Ela ressalta a importância das mulheres terem consciência do que querem:

A violência mais autodestrutiva é cometida pelas pessoas que não sabem o que querem, que somente sabem que estão em um estado de necessidade terrível, frustração terrível. Se uma mulher realmente sabe o que quer, ela irá dizer ao seu marido: ‘Olha, essas são as minhas necessidades’. Ou ela irá deixá-lo ou procurar por um emprego ou

enfrentar seu chefe. Ela não continuará a fazer isso com seus filhos ou com ela própria.<sup>92</sup> (1975, p.109, tradução nossa).

Assim, não basta somente conhecer seu desejo, mas principalmente ter a capacidade de expressá-lo é fundamental na conquista da autonomia feminina. Por isso, a escrita assume um papel importante nas indagações acerca da condição feminina. Através dos diários, romances e poemas, as mulheres vêm relatando suas experiências e demonstrando a relevância do reconhecimento da histórica dependência feminina, mas ao mesmo tempo, apontam a necessidade do rompimento desse padrão. De acordo com Aisenberg, “Se as mulheres requerem uma língua especial ou não, se esse discurso surge do corpo como algumas feministas sugerem, elas precisam introduzir algum tipo de discurso para o bem da saúde delas”<sup>93</sup> (1994, p. 101, tradução nossa). Transformar o silêncio é ter a capacidade de externar a angústia e raiva para que não se transformem na violência autodestrutiva, apontada por Rich, ou em depressão.

Ao longo de sua trajetória como poeta e escritora, Rich, que se sentia oprimida com a condição social que lhe era imposta como mulher, passou a se dedicar não somente à escrita comprometida com a luta das mulheres, mas também ao ativismo político em seu cotidiano. À medida que se envolve nos movimentos sociais por condições melhores na sociedade, sua poesia assume um caráter mais revolucionário e político. Paralelamente, seus ensaios críticos, além de ter o caráter de discutir alguns de seus poemas, reforçam ou explicitam sua intenção em fazer de sua arte um instrumento de conscientização e transformação social.

### **Rich e o feminismo**

Rich demonstra as dificuldades e obstáculos em tornar legítimo seu lugar como mulher e poeta na esfera pública. Como demonstrado no capítulo anterior, sua obra poética revela desde a imitação e dependência dos grandes poetas e escritores no início da carreira, passando pela rejeição dos valores culturais preestabelecidos, até alcançar uma escrita mais autônoma no presente. Se por um lado, observamos uma evolução progressiva em sua composição poética, por outro lado também é verdade que a caracterização dessas etapas em sua trajetória não obedece a uma ordem cronológica, pois principalmente sua poesia revela suas diferentes e inconstantes perspectivas em tempos diversos.

Para termos uma visão mais clara do ativismo de Rich, de seu lugar no movimento feminista de seu país e do reflexo dessa atuação em sua escrita, parece-me relevante abordar, em primeiro lugar, a diferença entre as duas tradições na história do feminismo no mundo ocidental, isto é, o feminismo anglo-americano e o feminismo francês. A corrente anglo-americana se prima pelo relacionamento entre os textos e o mundo extratextual, investindo na crítica literária que retrata as ações políticas concretas das mulheres. O feminismo francês tem como base principal as reflexões psicanalíticas de Freud e Lacan e as teorias desconstrutivas de Jacques Derrida (ALMEIDA, 1994, p. 34-35). Se, por um lado, a corrente francesa tem como diretriz para a análise da condição das mulheres na sociedade principalmente o aspecto psicanalítico, por outro lado, a corrente anglo-americana, tradição na qual Rich está inserida, tem investido no conhecimento do passado histórico das mulheres e no desenvolvimento de teorias que abordam questões diretamente ligadas às experiências delas.

Rich, desde o início de sua carreira como escritora, tem ressaltado a importância da atuação de suas antecessoras e valorizado o registro dessa atuação através da escrita delas. Segundo seu ponto de vista, “um obstáculo cultural sério encontrado por qualquer escritora feminista é que cada trabalho feminista tem tido a tendência a ser recebido como se ele tivesse surgido do nada; como se cada uma de nós tivesse vivido, pensado e trabalhado sem nenhum passado histórico ou presente contextualizado”<sup>94</sup> (1979, p. 11, tradução nossa). Rich reconhece que não é pioneira na luta por melhores condições de vida das mulheres e não desconsidera a importância do trabalho de suas precursoras tais como Mary Wollstonecraft, Susan B. Anthony e Virginia Woolf, por isso valoriza o resgate do passado como forma de manter acesa a luta travada por essas mulheres.

Entre as décadas de 60 e 70, ela deposita grande parte de sua energia no movimento feminista. A poeta acredita que somente através da união das mulheres será possível reverter a condição delas. No entanto, a partir de 70, o movimento feminista, nos Estados Unidos, começa a revelar tensões entre os diversos grupos que o compunham, causando constantes revoltas que os anos 80 nos fizeram ver. O debate interno intensifica entre os vários movimentos que se formam com as feministas radicais, as liberais, as trabalhadoras, as intelectuais, entre outras. Segundo Imelda Whelehan:

[...] a seriedade de alguns conflitos atingiram o ponto culminante quando as negras, as lésbicas e as trabalhadoras usaram o discurso feminista para articular a consciência de sua exclusão da tendência atual e, ao fazer isso, sugeriram que o feminismo era seriamente falho em seu conceito moderno.<sup>95</sup> (1995, p. 129, tradução nossa).

O suposto ideal de unidade entre as mulheres, defendido pelas feministas do período, que eram em sua maioria, brancas, heterossexuais, de classe média ou alta, foi rompido à medida que eram desconsideradas as diversidades entre elas. Rich foi uma das

ativistas que assumiu a postura de questionar os rumos da crítica feminista, juntamente com esse grupo de mulheres que se rebelou.

No ensaio “Toward a More Feminist Criticism” (Em direção a uma crítica mais feminista), publicado em 1981, Rich denuncia o academicismo do feminismo ao afirmar que a crítica feminista nos Estados Unidos é composta por duas tendências distintas. A primeira, oriunda das universidades, tem em geral a própria comunidade como principal alvo para dirigir sua produção literária. Essa tendência busca valorizar a tradição, priorizando os clássicos do passado e não encontra dificuldades quanto à publicação e inclusão de seus textos no cânone literário já existente. A segunda, embora se constitua também por mulheres do meio universitário, tem como base uma comunidade feminista mais ampla que procura agregar uma diversidade maior na escrita quanto ao tom, à linguagem e ao estilo literário. Rich critica a postura elitista e excludente da primeira corrente, mas busca também ponderar sobre o posicionamento, por vezes radical, da segunda tendência. Em sua análise, ela tenta estabelecer um distanciamento dessas duas tendências para possibilitar-lhe um olhar mais crítico sobre elas. Contudo, parece visível sua identificação maior com a segunda tendência. Rich critica principalmente a postura limitada de algumas feministas que dedicavam grande parte de sua escrita ao debate com escritores – homens e, em sua maioria, brancos – ao invés de concentrarem seu tempo e trabalho em questões que afligiam e importavam às mulheres. Isso não quer dizer que o debate com eles não seja importante, mas a autora condena a concentração de esforços somente nesse debate, o que significa reduzir o papel da crítica feminista. Por essa razão, ela acrescenta:

Eu quero instigá-la (a crítica feminista) a considerar seu trabalho também como um recurso potencial, um recurso para nós, para nosso movimento; a se ver escrevendo não somente para outros críticos e estudiosos, mas

para ajudar a fazer livros ‘reais e lembrados,’ provocar as mulheres comuns a ler aquilo que elas de alguma forma perdem ou evitam, nos ajudar a todas a selecionar quais palavras, na frase de Lillian Smith, nos acorrentam e quais podem nos libertar.<sup>96</sup> (1986, p. 89-90, tradução nossa).

Essa passagem deixa clara sua intenção em estabelecer uma ligação mais objetiva entre o que é produzido pela crítica literária e a vida das mulheres. Por essa razão, Rich recrimina o uso do discurso distanciado por algumas críticas e aposta na escrita mais embasada e concreta das experiências da vida das mulheres. Em sua opinião, a crítica literária feminista deveria submeter sua teoria não somente às mulheres que se autodefinem escritoras, mas também às mulheres comuns. Rich demonstra a intenção em tornar mais significativo o trabalho da crítica literária feminista e em aproximar o trabalho da mulher intelectual à realidade das “mulheres comuns”. Por isso, declara a importância, para ela como poeta, em ouvir críticas reais, isto é, bem embasadas de seu trabalho: “Eu penso que toda poeta feminista deve ansiar – eu anseio – por uma crítica verdadeira de seu trabalho – não unicamente descritiva, mas uma crítica analítica a qual considere sua linguagem e imagens seriamente o suficiente para questioná-las [...]”<sup>97</sup> (1986, p. 91, tradução nossa). É notório que a poeta, principalmente através de suas entrevistas, tem se mostrado aberta à crítica de sua obra, mas parece contraditória nesse tipo de análise crítica esperada, já que dificilmente tal análise poderia ser feita por uma leitora comum.

De qualquer maneira, o fato de submeter seu trabalho ao que ela classifica como crítica verdadeira revela sua intenção em querer alargar a visão da multiplicidade e diversidade vivenciadas pelas mulheres. Fazendo isso, Rich procura tornar mais democráticas as relações no interior do movimento feminista. Para a poeta, negligenciar a existência dessas experiências faz com que o campo intelectual se torne cada vez mais delimitado, por isso conclui:



Eu também preciso saber quando em meu trabalho estou simplesmente fazendo bem o que sei bem como fazer e quando me esquivo de algumas expressões de risco. E embora eu possa contar com os amigos em relação a isso, talvez fosse melhor para todas as escritoras feministas se o princípio da crítica viesse também de estranhos – tal atitude ampliaria o campo no qual estamos trabalhando.<sup>98</sup> (1986, p. 91, tradução nossa).

Essa postura da crítica feminista em seu país restringe as possibilidades de novas indagações acerca do que tem sido produzido por elas. Rich questiona os estudos feministas que demonstravam a pretensão de discutir a crítica literária feminista conferindo à discussão uma abrangência capaz de cobrir a totalidade das mulheres, com um discurso único que clamaria pela libertação de todas da mesma forma. No entanto, suas teorias, a princípio, não incorporavam uma visão acerca da literatura já produzida pelas escritoras lésbicas e negras. Rich foi uma das primeiras críticas que assumiu o discurso sobre o racismo no movimento feminista de seu país ainda nos anos 70. Segundo Whelehan: “Adrienne Rich foi uma das poucas feministas brancas a tratar do tormentoso discurso da diferença racial e de seu impacto no pensamento feminista durante os anos 70 em ‘Desleal à civilização: feminismo, racismo e ginefobia’ (1978)”<sup>99</sup> (1995, p. 135, tradução nossa). Nesse ensaio, Rich procura discutir a dificuldade que as feministas têm para especificar a experiência distinta das feministas negras e atribui tal postura ao sistema educacional que tem como diretriz os valores dos brancos. Para a autora: “Essa ignorância é, logicamente, verdadeira. Ela é produzida por aquilo que passa pela educação, a qual considera a experiência branca como normativa, e é escorada pelo mesmo medo e ansiedade que ela cria”<sup>100</sup> (1979, p. 281, tradução nossa). Embora sua intenção seja, na verdade, inovadora naquele momento para evidenciar as discussões sobre o racismo no seio do movimento feminista, percebemos também algumas nuances em seu discurso que podem minar as diferenças ao invés de ressaltá-las. Segundo Whelehan, “Ela própria [Rich] é culpável por

um erro primordial no curso de sua discussão, que é falar das ‘mulheres’ e dos ‘negros’ como se eles fossem dois grupos exclusivos de interesses mútuos, criando uma brecha retórica na qual as negras são incorporadas, submetidas e, novamente, invisíveis”<sup>101</sup> (1995, p. 136, tradução nossa). Se, por um lado, seu discurso demonstra a excessiva preocupação em evidenciar os desdobramentos da diferença racial, por outro lado, esse mesmo discurso obscurece a presença das negras.

A poeta pontua ainda que tem escrito sobre o trabalho literário das mulheres negras, mas deixa claro que o tipo de sentimento que ela reflete em sua crítica não lhe permite falar com mais legitimidade do que permitiria, por exemplo, à crítica elaborada por uma escritora negra, pois Rich é branca e pertencente à classe média. Assim, segundo ela, sua visão não será a mesma daquela que tem a experiência do preconceito de classe e de raça.

Mais ainda, a poeta reconhece que embora haja discriminações relacionadas às diferenças de classe, gênero, raça e orientação sexual, a questão da diferença racial sobrepõe às outras por ser visível e imediata. Nesse sentido, mesmo sendo ela assumidamente homossexual, a discriminação que sofre é proporcionalmente menor quando comparada à sofrida por uma mulher negra, pois a questão da orientação sexual não é tão visível como a questão racial.

A poeta fala da dificuldade que as intelectuais negras encontram para legitimar seu espaço na cultura, por isso critica a posição da intelectual branca que não consegue se desvencilhar do lugar e posição que ocupa na sociedade para analisar a experiência de outras mulheres.

Rich reconhece os mecanismos da cultura para fortalecer uns em detrimento dos outros. Não foi essa uma das principais premissas do sistema patriarcal? As mulheres precisavam ser consideradas fracas para que os homens se considerassem fortes? Na

contemporaneidade são inúmeras as diferenças que determinam o privilégio de uns em relação aos outros. Sendo assim, a própria autora se mostra ciente que o fato de ser branca, por exemplo, a coloca em condições mais privilegiadas que uma negra. Por isso, conclui a autora, “Eu serei levada mais seriamente porque sou branca, porque embora lésbica, sou propositadamente não percebida como tal e porque a invisibilidade da mulher de cor que é estudiosa/crítica *ou* poeta *ou* romancista é parte da estrutura do meu privilégio, até mesmo de minha credibilidade”<sup>102</sup> (1986, p. 94, tradução nossa). Em outras palavras, ao reconhecer a superioridade de determinado grupo em relação ao outro, a poeta procura desestabilizar as bases do discurso dominante e admite a impossibilidade da teoria feminista anglo-americana de pretender abarcar em seu discurso as mais diversas experiências.

Por outro lado, Rich, juntamente com outras feministas, dedicou grande parte de sua escrita à denúncia do preconceito contra as lésbicas. A poeta denuncia a violência contra as mulheres e a heterossexualidade que privilegia e caracteriza a normalidade social da relação heterossexual como forma de reprimir a relação homossexual. A partir da denúncia do preconceito contra o homossexualismo, elas apontam outros tipos de preconceitos presentes na sociedade. Por isso, a poeta afirma: “Em particular, a teoria feminista lésbica tem consistentemente problematizado a heterossexualidade como uma instituição central na manutenção do sistema patriarcal e a opressão das mulheres dentro dele”<sup>103</sup> (1985, p. 248, tradução nossa). O questionamento das bases da heterossexualidade pode revelar a condição das mulheres na sociedade e, ao mesmo tempo, proporcionar espaços para a revelação de outras experiências.

Incorporar a experiência das lésbicas assim como das mulheres negras à crítica feminista entre outras experiências que o momento do feminismo em sua fase mais tardia reivindica significa, portanto, desestabilizar o caráter soberano e homogêneo que a primeira

tendência do movimento feminista norte-americano demonstrou. Rich valoriza o avanço desse movimento, mas acredita que a contemporaneidade apresenta outras experiências que devam ser somadas ao discurso de luta das mulheres.

De maneira análoga, a também poeta, escritora e ativista, contemporânea de Rich, Audre Lorde, critica o ideal de unidade defendido por algumas feministas. Lorde partilhava com Rich a crítica aos rumos tomados pelo movimento feminista nos Estados Unidos. Segundo seu ponto de vista:

Em geral, dentro do movimento das mulheres hoje, as mulheres brancas se concentram na opressão de si próprias como mulheres e ignoram as diferenças de raça, preferência sexual, classe e idade. Existe uma falsa idéia em homogeneizar a experiência em torno da palavra irmandade que de fato não existe.<sup>104</sup> (1992, p. 214-215, tradução nossa).

Lorde revela a tensão provocada por outras variáveis que atravessam o gênero e abalam a estrutura desse discurso. Se no passado a principal reivindicação das mulheres era a igualdade social com os homens, hoje a situação é mais complexa, pois outras questões e experiências que permeiam a condição delas precisam ser levadas em consideração e incorporadas ao discurso feminista.

A posição assumida e defendida por Rich na década de 70 é ainda retomada por algumas feministas na contemporaneidade. Linda M. G. Zerilli, por exemplo, baseando-se em um texto que foi coletivamente escrito em 1987 pela Milan Women's Bookstore Collective (Livraria coletiva de mulheres), propõe uma inversão nas reivindicações feministas. Ao invés de continuar a eterna busca pela igualdade de direitos com os homens, a autora sugere a busca pela liberdade. Em seu ponto de vista, a real igualdade de direitos nunca se efetivará, uma vez que os papéis sociais de cada gênero já foram previamente

determinados. Assim sendo, por mais que as mulheres busquem iguais direitos com os homens, elas estarão sempre limitadas. A liberdade, diferentemente, permitirá romper com todos os padrões anteriormente estabelecidos, significando, por exemplo, agir sem se preocupar em corresponder às expectativas esperadas. Por isso, segundo a autora, será necessário politizar a diferença sexual. Ou seja:

Entender o projeto do feminismo em um plano centrado na liberdade é priorizar o problema da construção do mundo, a Milan Collective nos convida a pensar a diferença sexual como política: ou seja; uma *reivindicação* para um ser sexual que precisa ser articulado, que é trazido para a relação pública como uma reivindicação no espaço público.<sup>105</sup> (2004, p. 56, tradução nossa).

Se até então a imagem social das mulheres estava relacionada à submissão e dependência, o desafio agora está em estabelecer novas representações do universo das mulheres – uma temática constantemente aludida por Rich. Essa seria uma representação desvinculada dos preceitos previamente determinados para as mulheres. Para Zerilli, “O que faz com que a mulher se torne consciente de sua opressão, em outras palavras, não é propriamente a verdadeira opressão, mas uma simbólica representação da liberdade feminina”<sup>106</sup> (2004, p. 62, tradução nossa). O foco utilizado pelo movimento feminista não seria mais a representação das mulheres submissas que, segundo a autora, contribui para a formação da identidade fragilizada, mas sim a representação das mulheres livres. A partir desse novo modelo, em vez de reivindicar a igualdade com os homens, as mulheres passariam a buscar seus reais desejos que podem ou não coincidir com os deles.

No entanto, diferentemente da visão defendida pelo movimento feminista de igualdade entre as mulheres, Zerilli acredita que o reconhecimento das diferenças entre elas é que irá unificá-las, algo também aludido por Rich. A aceitação das diferentes origens,

classes, etnias, sexualidades, assim como a diversidade nas preferências, como quer Rich, possibilita a união das mulheres na busca por objetivos mais amplos. Esse reconhecimento torna mais flexível a idéia de compromisso delas em sua luta e favorece a negociação para uma unidade mais abrangente do conjunto das mulheres. O resgate do passado possibilita às mulheres ressignificá-lo, ou seja, ao contrário da eterna busca pelo reconhecimento social de sua condição inferiorizada, elas devem estabelecer uma representação simbólica da liberdade feminina. Essa característica, pontuada por Zerilli, está presente na escrita de Rich. O conhecimento do passado histórico das mulheres não faz com que a poeta compactue com o discurso que perpetua a vitimização delas; ao contrário, isso faz com Rich priorize um discurso mais reativo, principalmente em seus ensaios críticos e entrevistas. Tal postura implica o abandono da idéia de vítima e procura rever o presente a partir de seus reais desejos: “os direitos não são coisas distribuídas de cima para baixo, mas uma demanda de baixo para cima”<sup>107</sup> (Zerilli, 2004, p. 82, tradução nossa). Por isso, segundo Rich e Zerilli, as conquistas no campo feminino só serão significativas se partirem das próprias mulheres, isto é, se forem respostas às demandas das mulheres.

### **Rich e o feminismo radical**

O feminismo radical se baseia, fundamentalmente, na idéia de que é o sistema patriarcal o principal responsável pela opressão das mulheres. Ele é, como afirma Rosemarie Tong, “[...] um sistema caracterizado pelo poder, domínio, hierarquia e competição, um sistema que não deve ser reformado, mas demolido completamente”<sup>108</sup>

(1989, p. 2-3, tradução nossa). Para as radicais, a reforma do sistema não seria a solução, uma vez que também as instituições do âmbito social e cultural se orientam pelo poder patriarcal.

Partilhando dessa idéia, Rich cumpre um importante papel no movimento feminista radical, principalmente nos anos 80, época em que publica o ensaio “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”. A poeta afirma, nesse ensaio, que a heterossexualidade compulsória é uma instituição política a serviço da soberania masculina. Segundo Josephine Donovan,

Nesse ensaio, Rich sugere que ‘A Heterossexualidade Compulsória’ é uma ‘*instituição política*’ que assegura a subordinação contínua das mulheres, pois ela requer a ‘identificação masculina’ no que se refere à maioria das mulheres: isso significa como temos visto: priorizar as necessidades, demandas e perspectivas dos homens, negando a existência ou potencial da identificação feminina.<sup>109</sup> (1994, p. 165, tradução nossa).

Por reconhecer a heterossexualidade como uma instituição política que tem como principal premissa a identificação masculina assim pontuada por Donovan, Rich concentra seus esforços em imprimir um discurso que incentiva e valoriza a identificação entre as mulheres, pois acredita que é possível estabelecer novos parâmetros de vivência das mulheres.

Rich tem uma participação efetiva entre o grupo das feministas radicais. Seu discurso, nessa fase, enfoca duas questões que ela classifica como essenciais à discussão do movimento das mulheres: o racismo e o lesbianismo. A poeta busca debater essas questões no intuito de romper com a resistência, priorizando a discussão entre as mulheres para, em um segundo momento, ampliar a discussão para o conjunto da sociedade. Rich chega a radicalizar seu discurso quando, em um evento em 1976, declara: “É a lésbica em nós que nos impulsiona a sentirmos imaginativamente, exprimir na linguagem, alcançar a ligação

total entre mulher e mulher. É a lésbica em nós que é criativa, pois a filha submissa ao pai é somente competente”<sup>110</sup> (1979, p. 201, tradução nossa). Embora sua intenção fosse problematizar a repressão social da relação homossexual entre as mulheres e revelar as recompensas daquelas que têm a coragem de se assumirem como tal, a forma como a poeta se coloca causa controvérsias entre as mulheres e até mesmo entre as lésbicas que estavam presentes nesse evento. A afirmação de Rich foi criticada como sendo essencialista por reduzir toda a capacidade criativa das mulheres à questão da sexualidade (1979, p. 201) deixando de lado tantas outras experiências que as motivam e impulsionam.

Na ocasião da publicação do livro: *On Lies, Secrets, and Silence* (Sobre mentiras, segredos e silêncio), a poeta publica o discurso que proferiu no evento e reproduz as respostas das mulheres que rebateram as suas afirmações acrescentando sua autocrítica e verdadeira intenção com aquele discurso:

Para nós, o processo de nomear e definir não é um jogo intelectual, mas um alcance de nossa experiência e uma chave para a ação. A palavra *lésbica* deve ser afirmada, pois descartá-la significa colaborar com o silêncio e a mentira em relação a nossa real existência; com o jogo fechado, a criação do *inexprimível*.<sup>111</sup> (RICH, 1979, p. 202, tradução nossa).

Essa afirmação revela o poder que a poeta, neste momento, atribui à linguagem, o que nos leva a interpretar sua afinidade com o pós-estruturalismo. Rich parece ciente do poder do discurso como um instrumento capaz de realizar transformações. Por essa razão, a poeta não compactua com a clandestinidade da condição de muitas das mulheres que se silenciam e reforça a importância de expressar sua “real existência”. Ao afirmar que “nomear e definir” não faz parte de “um jogo intelectual”, a poeta revela seu desejo de aproximar a escrita da ação, ou seja, a partir da textualidade ela busca alcançar aquilo que é tangível.



A defesa de uma escrita combinada à ação, bem como sua esperança na constituição de um vínculo maior entre as mulheres, revelada principalmente em seus ensaios, “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” e “O significado do nosso amor pelas mulheres é o que precisamos constantemente expandir”, fazem com que Rich seja identificada como uma feminista separatista. O separatismo, de uma maneira geral, surge a partir do momento que,

[...] começamos a questionar nosso lugar na sociedade e somos conduzidos a perguntar como, onde e de que forma participamos dela. Rejeitar algumas relações – resistir a pagar imposto de renda para as armas nucleares e para nos livrar da África do Sul, ou ser um opositor consciente, por exemplo – é se comprometer na recusa de cooperação, na recusa de participação, no *separatismo*.<sup>112</sup> (TONG, 1989, p. 125, tradução nossa).

Esses questionamentos levam algumas feministas lésbicas a reconhecerem os homens como seus principais opressores. Por essa razão, elas passam a defender a absoluta negação de suas participações na instituição da heterossexualidade. Em outras palavras, para essas feministas não basta somente a autonomia delas em relação aos aspectos sociais, econômicos e culturais, mas significava também, principalmente, a rejeição ao relacionamento afetivo e sexual com os homens. Segundo Tong, é notória a intransigência de algumas radicais ao acreditar que “[...] as mulheres não podem ser livres do controle patriarcal enquanto estiverem envolvidas sexualmente com os homens”<sup>113</sup> (1989, p. 125, tradução nossa). O principal álibi na defesa do feminismo separatista é a crença de que através da ruptura com o sistema patriarcal as mulheres teriam a oportunidade de adquirir seu próprio poder e estabelecer novas relações entre elas. Entretanto, Rich, embora identificada por algumas críticas como feminista separatista, demonstra mais flexibilidade em relação à sua posição, como Tong acrescenta: “Mas esse chamamento pela não participação na heterossexualidade pode ser interpretado menos absolutamente como foi

por Adrienne Rich que acreditava que todas as feministas – incluindo as heterossexuais – são, até o ponto em que elas desejam se identificarem com outras mulheres, lésbicas [...]”<sup>114</sup> (1989, p. 125-126, tradução nossa). O que a diferenciava das demais separatistas é que ao invés de focar seu discurso no rompimento da relação sexual com os homens, Rich concentrava seu discurso na construção de relações mais fraternas entre as mulheres.

### **Rich e as feministas na fronteira**

A poeta busca estabelecer diálogo com outras escritoras que, assim como ela, também se sentem marginalizadas e procuram combinar arte e política por compreenderem que é através da politização que se torna possível alcançar reais transformações. Sua aproximação com a escrita de Gloria Anzaldúa e Cherríe Moraga reforça seu desejo de compreender a fronteira como espaço de tensão entre origem, gênero, classe, etnia, orientação sexual e outras questões que permeiam a cultura ocidental para que ela possa repensar seu lugar nesse processo.

As contribuições de Anzaldúa e Moraga, ambas norte-americanas de descendência hispânica, entre outras vozes emergentes do chamado “Terceiro mundo”, são de grande importância para uma nova configuração do movimento das mulheres e para a teorização de Rich. Essas escritoras, prioritariamente comprometidas com a teoria feminista lésbica, têm, assim como Rich, denunciado a heterossexualidade, mas vão além das fronteiras do gênero ao incorporarem ao seu discurso a experiência do mestiço em uma sociedade etnocêntrica como a dos Estados Unidos da América. Tanto Anzaldúa quanto Moraga, entre outras mulheres de origens asiáticas e negras, revelam a tensão entre a diversidade de

identidades presente na sociedade estadunidense e apontam a necessidade do reconhecimento da existência de especificidades na opressão vivida por elas. Como Rich nos lembra, a experiência de uma mulher branca não pode ser considerada a mesma vivida por uma mulher negra ou asiática. Existe, por parte dessas autoras, uma preocupação em valorizar a cultura de origem e buscar o vínculo com seu passado histórico. De acordo com Maggie Humm,

O tom e as formas de expressão das asiáticas e negras são uma parte importante de seu significado. As feministas asiáticas e negras exploram com intensidade as ligações materiais e emocionais entre mães e filhas de gerações diferentes, compartilhando uma responsabilidade pelas mulheres asiáticas e negras que vai além de sua história imediata ou lugar nacional.<sup>115</sup> (1992, p. 123, tradução nossa).

Essas escritoras procuram não deixar que a cultura a qual estão inseridas apague sua cultura de raiz. Por essa razão, procuram manter o vínculo não somente com seus antepassados, mas também o contato com a língua materna. Grande parte dessas escritoras entremeia o espanhol em suas narrativas escritas na língua inglesa. Cherríe Moraga, em seu ensaio “Art in America con Acento” (Arte na América com sotaque), discute sua difícil posição de escritora latina em um país que subjuga a cultura não-americana. A autora retrata a condição dos grupos étnicos nos Estados Unidos e demonstra o desconforto social vivido por esses grupos. Moraga politiza sua arte e a coloca como um instrumento de denúncia das atitudes governamentais dos Estados Unidos em relação a outras culturas:

Uma escritora irá escrever, a partir ou não de um movimento, mas ao mesmo tempo, para as Chicanas, lésbicas, homossexuais e escritoras feministas – qualquer uma escrevendo contra o solo da cultura anglo-misógina – são os movimentos políticos que têm permitido nossa escrita submergir dos lugares secretos em nossos diários para a esfera pública.<sup>116</sup> (1990, p. 304, tradução nossa).

A escrita propicia o resgate de um passado histórico que foi silenciado. De acordo com Homi Bhabha, “[...] o crítico deve tentar apreender totalmente e assumir a responsabilidade pelos passados não ditos, não representados, que assombram o presente histórico” (1998, p. 34). Gloria Anzaldúa, assim como Rich e Moraga, também faz referência ao sentimento de deslocamento vivido pelas homossexuais, feministas, mulheres do Terceiro Mundo e aquelas de diferentes raças e etnias na sociedade norte-americana. Diz ela: “Nós somos os grupos homossexuais, pessoas que não pertencem a lugar nenhum, nem ao mundo dominante, nem estamos completamente inseridas em nossas respectivas culturas”<sup>117</sup> (1992, p. 143, tradução nossa). Anzaldúa sugere a criação do *El Mundo Zurdo* (O mundo canhoto), o lugar onde as diferenças étnicas, culturais, políticas, entre outras que têm sido consideradas ameaças à sociedade, são aceitas e incorporadas na união de forças para transformar o mundo. Os discursos de Moraga, Anzaldúa e mesmo Rich são mecanismos de pressão de ações políticas que visam melhorar a qualidade de vida desses grupos. Essas escritoras procuram não somente estender as reivindicações feministas, como também mobilizar o discurso acerca da política cultural. Por isso, buscam por autoridade no campo cultural. Através do trabalho intelectual, elas têm condições de disputar por um lugar na arena política.

No mundo contemporâneo, a intolerância à diferença tem sido uma constante principalmente nos países desenvolvidos. O debate acerca da resignificação das fronteiras territoriais é um elemento importante na busca por uma ação política efetiva à medida que torna essas relações menos tensas. Rich tem buscado compreender esses conflitos que também perpassam a questão feminista. O fato de explicitar, em suas obra, a ambigüidade

da identidade dos grupos étnicos demonstra que a escritora encontra, na escrita, uma forma de valorizar a condição marginalizada. Juan Flores e George Yúdice afirmam que “[...] todos os grupos culturais precisam do senso de valor para poderem sobreviver” (1992, p. 80). Portanto, na obra de Rich, outras questões entrelaçam a opressão feminina que não estão calcadas somente na questão do gênero, mas também de classe, etnia e orientação sexual. Esse argumento que hoje é corrente no movimento feminista foi uma novidade quando Rich falou sobre sua luta junto com Anzaldúa e Moraga.

Sendo assim, o fato de em 1981 a poeta demonstrar em seu ensaio “Toward a More Feminist Criticism” afinidades com a escrita de Moraga e Anzaldúa, que estavam fora do circuito intelectual elitista e que mais tarde seriam classificadas como pertencentes à histórica fase do movimento feminista contemporâneo, revela sua inquietude em relação à posição das feministas radicais, com as quais Rich até então se identificava. Diz a autora:

Eu quero instigar a crítica de literatura que se informe não somente a partir da exegese literária, mas em um concreto e embasado conhecimento do movimento feminista – o que significa ler não somente livros de mulheres, mas jornais feministas, periódicos, panfletos, artigos; estudos sobre mulheres violentadas, mães que dependem de benefícios, conflitos econômicos e sexuais no local de trabalho, esterilização compulsória, incesto, mulheres na prisão [...] <sup>118</sup> (1986, p. 89, tradução nossa).

Rich novamente provoca a crítica feminista a estabelecer uma relação mais complexa e abrangente com o conhecimento. Relação essa que irá desestabilizar a visão homogeneizante e valorizar outras vivências que certamente impulsionam a luta das mulheres por melhores condições na sociedade. Segundo Toril Moi: “[...] ao realçar as diferentes situações e os interesses conflituosos dos grupos específicos de mulheres, essas abordagens críticas forçam as feministas brancas, heterossexuais a reexaminarem seu próprio, por vezes, totalitário conceito de ‘mulher’ como uma categoria homogênea” <sup>119</sup>

(1985, p. 86, tradução nossa). A essencialização do conceito de mulher não só intensifica a discriminação em relação às outras que não são brancas, as homossexuais, de diferentes etnias e/ou classes sociais, como também perpetua a soberania de um grupo em relação ao outro.

Também Judith Butler problematiza a visão de unidade entre as mulheres. A teorização de Butler acerca das mulheres nos serve de apoio para compreender a prática cultural exercida por Rich. Entretanto, percebemos que as duas escritoras apresentam algumas divergências em relação à formulação de suas teorias. Enquanto Butler produz uma teoria filosófica e, por vezes, considerada complexa, Rich procura produzir uma teoria que seja lida e compreendida pelas mulheres comuns.

Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler tensiona a coerência e estabilidade da categoria ‘mulheres’ que, mesmo depois de a crítica feminista ter ampliado o conceito dessa categoria para o plural (mulheres), continua ‘excludente’ pois ainda deixa intocáveis questões relacionadas à classe e raça (2003, p. 34). Mesmo havendo o interesse em agrupar uma gama maior de diversidade entre as mulheres em nome do diálogo e da democratização das relações na busca pela unidade delas, é possível perceber que não necessariamente as contradições são debatidas no interior do movimento.

Butler aponta a fragilidade das alianças (coalizões) em nome da unidade da categoria. Segundo seu ponto de vista, “insistir *a priori* no objetivo da ‘unidade’ da coalizão supõe que a solidariedade, qualquer que seja seu preço, é um pré-requisito da ação política” (2003, p. 35). A unidade colocada como uma meta da ação política tende a obliterar as diferenças, desconsiderando aquelas identidades emergentes que não obedecem

ao que a autora nomeia como “ideal normativo”, ou seja, a identidade que corresponda aos ideais sociais de cada gênero. Por isso, Butler sugere a ‘coalizão aberta’, isto é, uma aliança mais ampla, capaz de articular uma unidade que propicie a desestabilização do conceito normativo e que consiga reunir uma diversidade maior entre as várias posições do conjunto das mulheres. Em suas palavras: “Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembléia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor” (2003, p. 37). A ausência de um modelo padrão estabelecido *a priori* permitiria a afluência de outras identidades. Seguindo essa linha de pensamento, Butler se apóia principalmente nas questões que reforçam e confirmam o conceito de identidade relativizada, pois “[...] a ‘identidade’ [é] assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade [...]” (2003, p. 38). Portanto, uma das formas de desestabilizar esses conceitos é a partir da valorização das diferentes experiências das mulheres.

Nesse sentido, assim como Butler, Rich ultrapassa as fronteiras do binarismo masculino/feminino questionando a unidade do eu como é visível em muitos de seus poemas. Em “The Stranger” (O estranho), poema que faz parte da coletânea *Mergulho na destruição*, a poeta declara: “[...] se eles perguntam minha identidade/o que posso dizer senão/eu sou o andrógino/sou a mente viva que você falha ao descrever/em sua língua morta [...]”<sup>120</sup> (1973, p. 19, tradução nossa). Rich não só relativiza a fixidez do eu como também assume múltiplas subjetividades. A partir de sua escrita, principalmente seus ensaios críticos, podemos inferir que ela vem discutindo a necessidade de se questionar a estabilidade do conceito de identidade, das noções de gênero e seu lugar na cultura

estadunidense. Em 1984, Rich declara em seu ensaio “Notes toward a Politic of Location” (Anotações sobre uma política do local): “Desse modo, os sentimentos brancos permanecem no centro. E sim, eu preciso me deslocar da base e do centro dos meus sentimentos, mas com a percepção corretiva de que meus sentimentos não são o centro do feminismo”<sup>121</sup> (1986, p. 231, tradução nossa). A poeta, nesse ensaio, reforça a sua crítica ao movimento feminista em seu país que, embora venha debatendo outras produções teóricas que abordam uma diversidade maior das experiências das mulheres, ainda mantêm a idéia de que são as responsáveis pela história do feminismo.

As reflexões de Butler nos servem também como parâmetro para compreender o momento em que Rich abandona a corrente feminista radical e passa a repensar sua orientação teórica. No prefácio da coletânea *Blood, bread, and poetry: Selected prose 1979-1985* (Sangue, pão, e poesia: prosa selecionada 1979-1985), a poeta assume estar:

Descontente com os impulsos polarizadores dentro do feminismo radical, com o academicismo dos estudos das mulheres, com a facilidade com que a sociedade se dirige ao conservadorismo, de como o feminismo pode obscurecer no enclave das mulheres e como a afirmação feminista das mulheres pode transformar-se em mero idealismo.<sup>122</sup> (1986, p. xiii, tradução nossa).

Essa passagem reflete sua descrença no movimento que tem como base o ideal de transformação, mas que parece estar limitado a si mesmo. Rich critica principalmente o distanciamento cada vez maior entre o que as mulheres idealizam na teoria e o que elas realizam na prática. Se, em seu estágio inicial no movimento das mulheres, a desigualdade de gênero era vista por ela como o principal eixo opressor, a poeta, nessa fase, percebe a pressão do poder econômico e da cultura dominante como fortes influências nas relações de desigualdades sociais. Em um outro momento ela acrescenta:

Como outros movimentos sérios e vibrantes, o feminismo deveria ter se oposto aos padrões culturais imprevistos antes dos anos 80: ao



autoconsumo crescente e indiferente da classe média tanto em relação às idéias quanto à ordem social maior, somada a concentração do poder da mídia e dos recursos dos meios em menos e poucas mãos, durante e além dos anos de Reagan.<sup>123</sup> (2001, p. 2, tradução nossa).

Nessa citação ela menciona como o ideal de transformação feminista estava cada vez mais afastado da maioria das pessoas, pois as mudanças estavam ocorrendo e não eram incorporadas à agenda feminista. Sendo assim, Rich passa a demonstrar, em sua escrita, a visão de que a desigualdade econômica é tão relevante quanto a desigualdade nas relações de gênero. Por essa razão tem atribuído à sua arte o papel de tensionar o poder estabelecido. Em seu ensaio “What If” (Supondo), publicado em 2003, afirma:

A arte revolucionária reside, pela sua natureza, nas extremidades. Esse é seu poder: a tensão entre sujeito e forma, entre o que *é* e o que pode ser. Extremidades entre ruína e celebração. Nomeando e lamentando o prejuízo, mantendo a dor vocal de forma que isso não se torne normalizado nem aceitável.<sup>124</sup> (2003, p. 242, tradução nossa).

Por isso, a poeta aposta na arte que seja capaz de manter aceso o questionamento, de não deixar obscuras as injustiças estabelecidas pelo poder público e que incorpore as mais diversas questões que tem subjogado os indivíduos. Não permitir que as relações de desigualdades sejam normalizadas e aceitáveis é não perder o contato com as experiências das pessoas nem permitir que as idéias continuem separadas dos seus cotidianos.

A teorização de Rich demonstra a difícil trajetória das mulheres na sociedade em sua luta por uma condição melhor e, ao mesmo tempo, revela algumas das contradições e ou limitações vividas por elas. O dinamismo do mundo atual tem trazido mudanças em um curto espaço de tempo e exigido respostas imediatas. A história do feminismo de Rich nos mostra que as mulheres que se sobressaíram na história, em sua maioria, receberam educação formal e passaram a frequentar o lugar legitimamente masculino. A percepção de que o discurso é um importante instrumento de poder na sociedade contemporânea, como

Rich argumenta, tem incitado as mulheres a buscar não somente articular seu próprio discurso, mas também sua legitimidade intelectual ao participar no campo de lutas cultural.

### **As mulheres e o discurso**

A análise da escritora e crítica literária Toril Moi acerca do estágio atual do movimento feminista anglo-americano nos possibilita perceber que os avanços na luta das mulheres têm se dado principalmente pela ênfase na política sexual como enfrentamento. Aqui aparece um ponto de convergência entre a teoria de Moi e a escrita de Rich. A poeta tem revelado tanto em sua obra poética, quanto em sua obra crítica, a necessidade de se rediscutir as políticas sexuais que tem sido a base do domínio de um gênero sobre o outro. Rich busca mostrar que há um entrelaçamento das questões que afligem as mulheres e que estão diretamente ligadas à questão sexual. Para Moi, “se a crítica feminista tem subvertido os julgamentos críticos estabelecidos é devida a sua ênfase radicalmente nova nas *políticas sexuais*”<sup>125</sup> (1985, p. 87, tradução nossa). Da mesma forma, segundo Rich, é justamente a partir da abertura ou consideração de outras experiências que tem surgido a possibilidade das mulheres ampliarem não somente seu campo de lutas, mas também suas conquistas (1985, p. 87).

A escrita de Rich tem revelado seu esforço em politizar as questões que, em geral, são consideradas do âmbito privado. Por essa razão, seus questionamentos acerca da relação heterossexual compulsória, da maternidade institucionalizada e do homossexualismo velado demonstram a necessidade de repensar as bases que tornam

estáveis o discurso hegemônico e estabelecer novas significações dos conceitos de subjetividades. Segundo Sandra Almeida,

A necessidade de uma re-negociação de conceitos identitários aparece com frequência em textos de escritoras contemporâneas [...], geralmente descrito em narrativas com conteúdo auto-biográfico, e vivenciado através de um corpo gendrado e do questionamento de noções de identidades preestabelecidas. (2006, p. 197).

Essa é também a experiência de Rich, pois, a partir do questionamento e da renegociação das subjetividades é possível estabelecer novas formas de vivenciar o corpo, nesse caso, o corpo feminino. Rich, através de sua escrita, tem procurado compreender o corpo das mulheres como um espaço entremeado por imposições culturais, por essa razão, tem analisado as forças discursivas impostas sobre o corpo como forma de compreender suas subjetividades.

O discurso de apropriação do próprio corpo, tema esse que será abordado mais detalhadamente no capítulo quatro, não somente explicita a submissão sexual feminina no sistema patriarcal, como também possibilita a abertura do debate acerca dos reais desejos e experiências das mulheres. Uma das principais temáticas da poética de Rich é a teorização do corpo, principalmente o corpo lésbico. Tanto as escritoras heterossexuais quanto as homossexuais têm priorizado a discussão sobre o corpo gendrado e relatam a violência sexual desde o estupro até o uso da pornografia para demonstrar a desigualdade nas relações de gênero. Procuram também, por outro lado, ressignificar de forma positiva este corpo marcado pela violência. Talvez seja por essa razão que o corpo tem sido uma constante temática na escrita das mulheres. Portanto, conhecer a história através do passado e reconhecer que a desigualdade do gênero se baseou principalmente na idéia do corpo como espaço de poder contribui para que as mulheres compreendam sua histórica

submissão. Essa consciência, como Rich nos mostra, pode ser então um passo fundamental na tomada de atitude para a transformação da condição feminina.

Assim, Rich mantém constantes suas indagações referentes não somente aos rumos do movimento feminista nos Estados Unidos, mas também ao próprio lugar que ela, como poeta e intelectual, tem ocupado na esfera pública. Embora tenha críticas à elitização do movimento feminista em seu país, a poeta não descarta a importância da organização das mulheres rumo às transformações sociais. O contato com outras (os) escritoras (es) que assim como ela problematizam a visão da cultura ocidental como o centro reforça sua postura de busca pelo alargamento das fronteiras discursivas no sentido de deixar em aberto o espaço para o questionamento. Rich tem demonstrado também, através de seus poemas, ensaios e entrevistas sua proximidade com as idéias marxistas. Na verdade, Rich continua tendo como base os princípios marxistas que atribuem a relação de opressão de gênero às divisões de classe (GIDDENS, 2001, p. 533). No entanto, a poeta reconhece que na contemporaneidade outros fatores exercem semelhante influência no sistema de opressão que sobrepõem às diferenças de gênero. A poeta tem feito referência a si mesma como “uma impenitente socialista e feminista”<sup>126</sup> (2003, p. 261). Sua obra tem privilegiado o discurso que valoriza a materialidade como base para as transformações sociais, e, por essa razão, a poeta vem enfocando a necessidade de unir o discurso à ação.

Sendo assim, pretendo abordar, no capítulo seguinte, a trajetória da poeta como uma intelectual que tem buscado, através de sua arte, não somente compreender a direção do movimento feminista na luta por um futuro melhor, mas também problematizar a supremacia de seu país em relação ao resto do mundo. Assim como suas precursoras, ela também coloca a educação formal como um dos principais pilares na transformação da

condição das mulheres; por isso tem revelado o desejo de reduzir, através de sua arte, a distância entre o intelectual e a sociedade em geral.

## Capítulo 3

### A intelectual e o poder

Adrienne Rich alcançou, nos últimos anos, o *status* de uma das mais conhecidas poetisas e intelectuais em seu país. Sua obra não mais se restringe somente aos Estados Unidos, pois seus poemas e ensaios críticos têm sido traduzidos para várias outras línguas. A postura crítica da escritora em relação à política adotada pelo governo estadunidense tem lhe propiciado visibilidade como poeta, mas também como intelectual. A poeta tem usado essa expressividade na mídia para manifestar sua indignação com os rumos da política de seu país e engendra um discurso de ativismo político que assume um posicionamento crítico diante das conseqüências desastrosas dessa política.

Sua participação no movimento feminista, conforme abordada no capítulo anterior, somada ao engajamento político fizeram com que Rich, juntamente com outras críticas, forçasse, de certa maneira, a entrada e permanência das mulheres na esfera política. A percepção de que o poder está fundado, principalmente, no discurso, faz com que a poeta não só busque fortalecer o discurso das mulheres, mas também requerer seu próprio reconhecimento como uma intelectual. Por essa razão, uma das principais reivindicações de Rich tem sido tornar legítimo seu lugar no campo de luta cultural. Sua relação com o poder se baseia na crítica ao poder instituído e no fortalecimento do poder instituinte, capaz de ir além da mera participação nas instituições. Diante da relevância de sua arte como um instrumento de questionamento e pressão no âmbito da esfera política, busco evidenciar, nesse capítulo, a posição da poeta como intelectual que participa crítica e ativamente das questões políticas de seu país e de sua interação com outros países.

À luz da reflexão de alguns críticos, discuto o papel dos intelectuais no mundo contemporâneo, principalmente no contexto estadunidense, buscando compreender como Rich tem ressignificado os espaços de resistência política por meio da escrita. Procuo focar a obra de Rich, como escritora e poeta, para verificar de que forma ela legitima seu discurso em um espaço ainda tradicionalmente masculino e de que modo rompe com o discurso patriarcal – base de sua educação formal – e busca revelar outras experiências em seu fazer literário e em seu discurso político. Investigo como sua escrita reflete a intenção de diminuir o distanciamento entre a intelectual e seus leitores e de que maneira a poeta articula sua posição política, que parte de uma formação intelectual tradicional, para uma prática que se ajusta à lógica moderna, destacando as possíveis contradições e tensões que daí resultam.

### **Os intelectuais no passado**

Em *Os intelectuais e as massas*, John Carey faz um estudo da inteligência literária européia no período de 1880 a 1939. Segundo o autor, nessa época, a maioria dos intelectuais se mostra contrária à vulgarização da arte e estabelece um distanciamento entre eles, colocados em um patamar superior e, as massas, descritas como um grande contingente de pessoas consideradas culturalmente inferiores (CAREY, 1993, p. 16).

Carey afirma que com a expansão do capitalismo os intelectuais se vêem frustrados diante das grandes transformações sociais, principalmente daquelas relativas à cultura. A superpopulação nos grandes centros urbanos e a popularização da arte fazem com que se mostrem indignados com as mudanças ocorridas no mundo moderno. Esse sentimento irá

acarretar em muitos deles o desejo de se distinguirem em relação aos homens "comuns", ou seja, de se colocarem em uma posição superior no campo do conhecimento. A grande maioria dos intelectuais, nessa época, se declara contrária à vulgarização da arte, alguns até de forma mais radical, estabelecendo assim um maior distanciamento das massas. A partir da constituição da idéia de vanguarda, porém, os intelectuais se unificam como grupo na defesa da diferença cultural. John Carey, ao refletir sobre essa questão, afirma:

A expansão maciça dos subúrbios e os antagonismos, as divisões e o sentimento de perda irrecuperável que gerou foram importantes fatores formadores da cultura inglesa do século XX. Exacerbaram a sensação de isolamento entre o intelectual e aquilo que ele considerava como hordas provincianas, também chamadas de classe média ou burguesia, cuja estupidez e pequenez mental é retratada (isto é; inventada) com deleite pelo intelectual. (1993, p. 54).

Nesse sentido, podemos notar que grande parte dos intelectuais europeus e alguns norte-americanos desse período abordado por Carey irão defender e reforçar o distanciamento entre eles e a sociedade em geral através da afirmação da existência de uma cultura superior. A visão que prepondera será a de que a massa não tem condições de ser instruída e que uma elite pensante se torna fundamental na condução da sociedade. Segundo Carey, “a imagem mais comum da massa em Nietzsche é uma manada de animais. Mas também a representa como um enxame de moscas venenosas, ou como gotas de chuva e ervas daninhas, arruinando altivas estruturas” (1993, p. 30). A imagem retratada pelo filósofo não só desumaniza a multidão, mas também a coloca como maléfica e capaz de contaminar a vanguarda intelectual. Essa distância entre os interlocutores da cultura e o restante da população se justificaria principalmente pela visão errônea, na percepção de Carey, da incapacidade de a massa compreender e valorizar a arte.



A intolerância apresentada pelos intelectuais em relação à questão de classe se estende também à questão do gênero. Segundo Carey, Nietzsche é enfático ao afirmar que “a crença de que as mulheres são iguais ou merecem educação é um sinal de superficialidade [...]” e que elas “[...] deveriam ser tratadas como propriedades, escravas ou animais domésticos” (1993, p. 74). Rebaixadas pelo filósofo e oprimidas na sociedade patriarcal, as mulheres não teriam, por um longo tempo, igual direito à educação. Elas foram relegadas a um segundo plano, pois mesmo se pertencessem a uma classe superior, ainda assim não seriam aceitas na esfera política. Embora as mulheres, no começo do século XX, se esforçassem pela democratização da educação feminina, o que observamos é que ainda predominava a supremacia masculina. Como afirma Carey, “o aristocrata intelectual do início do século XX é uma fantasia quase exclusivamente masculina. Paralelamente, as mulheres, as crianças e a vida familiar são vistas como preocupações secundárias” (1993, p. 74). Historicamente as idéias circulantes na esfera pública estavam diretamente relacionadas aos homens. As mulheres, mesmo tendo acesso à educação, tinham dificuldades em se afirmar não somente na esfera pública, mas também no campo intelectual. Logo, elas precisariam encontrar formas de luta que não só lhes garantisse seus direitos à educação, como também lhes permitissem ocupar espaço e poder no campo de luta política.

Os intelectuais estão ligados à cultura assim como os políticos ao poder. A princípio, poderíamos pensar que eles estão a serviço do poder político no que se refere a formular idéias e ações que irão promover esse poder. Assim, cumpririam o papel de dar suporte teórico para quem verdadeiramente ocupa o lugar no governo e tem a responsabilidade direta com a ação política – o político. Norberto Bobbio, discutindo a

relação entre o intelectual e o político, traça a diferença que norteia o trabalho dos intelectuais e dos políticos. Para ele, “[...] a tarefa do intelectual é a de agitar idéias, levantar problemas, elaborar programas ou apenas teorias gerais; a tarefa do político é a de tomar decisões” (1997, p. 82). Assim sendo, o trabalho dos intelectuais se resume a idealizar e teorizar o que os políticos realizarão ou colocarão em prática.

A relação íntima entre essas duas esferas tem levado alguns críticos a responsabilizar os intelectuais por rumos históricos desastrosos. Um caso extremo que podemos citar é a aproximação feita por alguns autores entre a Filosofia de Nietzsche e o Nazismo. As reflexões elaboradas por Nietzsche na defesa de uma sociedade saudável e menos numerosa podem ter sido modelo para as atrocidades conduzidas por Hitler. De maneira análoga, Carey fala do romancista norueguês Knut Hamsun que “[...] acabou encontrando seu grande terrorista em Hitler, sendo o único grande intelectual europeu que lhe permaneceu fiel até o fim” (CAREY, 1993, p. 13). Embora haja afinidades entre as reflexões de Nietzsche e Hamsun e o Nazismo, o processo que desencadeou esse último foi muito mais amplo, não podendo, é claro, ser o filósofo e o escritor responsabilizados pelo seu desenvolvimento histórico.

### **Os intelectuais no presente**

No mundo contemporâneo em que há cada vez mais incerteza e descrença nos valores universais, o papel dos intelectuais se torna um dos principais temas de discussão. Um seminário promovido pelo Ministério da Cultura, no segundo semestre de 2005, no Brasil, reuniu um grupo de intelectuais no debate sobre os rumos da cultura e a função deles nesse processo. Os conferencistas retomaram desde os intelectuais clássicos até os

intelectuais contemporâneos. Na verdade, como mostra Bobbio, os intelectuais sempre estiveram próximos ao poder e essa relação entre eles e o poder tem sido discutida desde os tempos mais remotos; sejam como filósofos ou sábios na Antigüidade, sejam na figura dos profissionais ligados ao campo da produção cultural na modernidade, os intelectuais sempre mantiveram alguma relação com o poder econômico, político ou ideológico em diferentes sociedades e épocas.

A globalização e o avanço tecnológico da modernidade, por sua vez, colocaram novos desafios para os intelectuais que se vêem cada vez mais dependentes dos meios de comunicação. Para Vera Lúcia Follain de Figueiredo: “A mídia é, hoje, o grande espaço de divulgação e legitimação dos discursos [...]” (2004, p. 146). Reconhecendo que o discurso é seu principal instrumento de trabalho, os intelectuais procuram manter, atualmente, uma relação de proximidade com a mídia. Tal relação, na maioria das vezes, se revela frágil, pois os intelectuais, para corresponder às expectativas dos meios de comunicação, acabam se submetendo à lógica midiática e traindo seus ideais ou, ainda, não se sujeitam à mídia, mas correm o risco de serem esquecidos ou ignorados. A preocupação com a mídia, que é controlada por grupos econômicos, tem feito com que eles priorizem aspectos mercadológicos em prejuízo às adesões a valores humanistas que muitas vezes entram em conflito com interesses econômicos e sociais. Para Eduardo Prado Coelho:

A transferência de valor que autorizava os universitários a falarem para fora dos limites da sua competência opera hoje, sobretudo, na passagem do domínio mediático (onde a competência é mais de comunicação do que de um saber substancial) para o domínio da intervenção intelectual – embora os profissionais dos mass media considerem importante uma caução do tipo cultural, e daí a forma como se legitimam através da publicação de livros (de reflexão, de crônicas, ou de reportagens ou muitas vezes até de ficção). (2004, p. 22).

Essa passagem, de uma certa forma, remete ao fato de que os intelectuais de hoje já não conseguem falar de tudo como supostamente faziam no passado devido à tempestade de informações e à efemeridade dos fatos. Seus grandes desafios têm sido conseguir acompanhar a quantidade e a velocidade dos acontecimentos no mundo contemporâneo para serem capazes de atender ao imediatismo imposto pelos meios de comunicação. A complexidade que envolve os intelectuais, na atualidade, está associada ao desconforto causado tanto pelas crises nos valores universais, quanto pela proliferação cultural ocorrida a partir do século XX. Por isso, é importante repensar esse papel tendo como base uma nova realidade.

O intelectual palestino Edward Said, residente nos Estados Unidos desde sua adolescência, considera essas razões e procura abordar em seu livro *Representações do intelectual* as questões que têm reconfigurado a condição dos intelectuais na sociedade moderna. É compreensível que as constantes transformações sociais influenciem e atinjam também suas vidas, mas o que Said problematiza é a forma como os intelectuais têm incorporado os novos valores. Segundo o autor, atualmente é o profissionalismo que os ameaça:

Por profissionalismo eu entendo pensar no trabalho do intelectual como alguma coisa que você faz para ganhar a vida, entre nove da manhã e cinco da tarde, com um olho no relógio e outro no que é considerado um comportamento apropriado, profissional – não entornar o caldo, não sair dos paradigmas ou limites aceitos, tornando-se, assim, comercializável e, acima de tudo, apresentável e, portanto, não controverso, apolítico e ‘objetivo’. (SAID, 2005, p. 78).

Essa objetividade e adequação a um determinado comportamento do intelectual moderno impedem que seu trabalho se desvincule de forças controladoras. Os “filósofos ou boêmios” do passado, que em certa medida tinham mais liberdade e autonomia para

produzir seus saberes, foram substituídos pelos “profissionais” do presente que se vêm cada vez mais atrelados às pressões mercadológicas. Com a efervescência das informações reproduzidas pelos meios de comunicação de massa e a emergência em dar respostas aos acontecimentos, os intelectuais revelam a incapacidade de abarcar a totalidade. Por isso, assim como ocorre com a maioria das profissões, eles também estão sujeitos à especialização frente ao mercado cada vez mais amplo e diversificado. Por outro lado, a especialização é uma forma de engessar o pensamento à medida que restringe a área de conhecimento. De acordo com o autor: “A especialização também mata os prazeres do arrebatamento e da descoberta, ambos irredutivelmente presentes na índole do intelectual” (SAID, 2005, p. 81). Especificamente no campo literário, a especialização tem significado, com grande frequência, priorizar a arte que se orienta por metodologias e teorias impessoais, desconsiderando por vez a história, a música ou a política (SAID, 2005, p. 81). Esses argumentos do autor nos levam a concluir que a impessoalidade, no campo intelectual, tem limitado as possibilidades do uso do conhecimento na busca por transformações sociais e aumentado a distância entre os intelectuais e as pessoas que eles supostamente querem representar.

De maneira análoga, Max Weber já apontava, no começo do século XX, a especialização como a principal prerrogativa do “trabalhador científico”. Em uma palestra proferida na Universidade de Munique em 1918, o sociólogo, ao discutir a Ciência como vocação, afirma, “[...] a Ciência entrou numa fase de especialização antes desconhecida [...]” (1963, p. 160). Para o autor, o que garante a realização do trabalho científico são a dedicação e o esforço da especialização, mas o envolvimento afetivo com o trabalho não pode ser deixado de lado. Weber demonstra que a concepção da Ciência é comumente associada ao “intelecto frio” em contraposição ao “coração e a alma” (WEBER, 1963, p.

161). O sociólogo parece apontar a desvantagem do trabalho unicamente mecânico e objetivo do conhecimento, por isso traça um paralelo entre o trabalho científico e o trabalho artístico. Esse paralelo demonstra que ambos dependem do esforço e dedicação, mas o trabalho artístico se prima principalmente pelo envolvimento emocional com seu objeto de arte. Segundo Weber, “[...] a dedicação íntima à tarefa, e apenas ela, deve elevar o cientista ao auge e à dignidade do assunto a que ele pretende servir. E isso não difere quanto ao artista” (1963, p. 163). Sendo assim, o envolvimento e a familiaridade que mobilizam o artista na composição de sua arte deveriam mobilizar também o cientista no exercício de sua tarefa.

A “inspiração” em relação à pesquisa do trabalho científico, geralmente ignorada no meio intelectual, é tão relevante quanto o esforço árduo do cientista. Para Weber: “Cientificamente, a idéia de um diletante pode ter a mesma influência, ou ainda maior, para a Ciência que a idéia de um especialista. Muitas de nossas visões são devidas, precisamente, a diletantes” (1963, p. 161). Por isso, o autor estabelece um contraponto entre o perito e o diletante no que se refere ao resultado de uma idéia. No entanto, deixa claro que tanto o trabalho árduo do perito quanto o “entusiasmo” do diletante são fundamentais para a obtenção de resultados no trabalho científico. Weber desmistifica a separação entre a vida pessoal e o trabalho do cientista. Nesse sentido, reforça a importância do diálogo do cientista com o mundo exterior. Ressalta, ainda, que somente a dedicação ao trabalho na elaboração de uma idéia não garante o resultado da atividade do especialista, mas a liberdade e o desprendimento do exercício dessa tarefa é que promovem a idéia que, em geral, ocorre nos momentos mais inusitados.

A valorização do diletantismo observada em Weber encontra eco na discussão do profissionalismo em Edward Said. Ao pensar nos intelectuais como profissionais, Said afirma: “A ameaça específica ao intelectual hoje, seja no Ocidente, seja no mundo não ocidental, não é a academia, nem os subúrbios, nem o comercialismo estarrecedor do jornalismo e das editoras, mas antes uma atitude que vou chamar de profissionalismo” (2005, p. 78). Se Weber já criticava o aspecto puramente racional da Ciência, Said descaracteriza o aspecto propriamente econômico da posição dos intelectuais na sociedade. A profissionalização modela o comportamento dos intelectuais. A preocupação em preservar suas imagens diante da opinião pública acaba minando uma possível conduta de assumirem o papel de articuladores na representação de uma filosofia, visão ou atitude que desafie o poder.

Nesse sentido, os intelectuais de hoje têm se tornado previsíveis, pois estão sempre prontos a dar respostas que, na maioria das vezes, são aquelas já esperadas. As palavras “diletantismo” e “amadorismo” possuem conotações positivas no contexto descrito por Weber e Said, respectivamente. O diletantismo, da forma como é empregada pelo sociólogo, considera como diretriz do “trabalho científico” a paixão no lugar da obrigação; da mesma forma, o amadorismo, no trabalho intelectual sugerido por Said, desconsidera seu caráter primordialmente econômico, pois o amadorismo, compreendido nesses termos, se refere ao exercício da atividade por gosto, sem considerar somente o retorno financeiro. Diz o autor, “[...] chamarei essa atitude de *amadorismo*, literalmente uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita” (SAID, 2005, p. 86). Ao sugerir que os intelectuais assumam uma posição de amadorismo, Said instiga os indivíduos ao exercício da autonomia em relação ao conhecimento e pensamento. Do “trabalhador científico” eram esperadas supostas certezas,

já os intelectuais contemporâneos deveriam se mostrar mais reflexivos e indagadores sobre o mundo a sua volta:

[...] o espírito do intelectual como um amador pode transformar a rotina meramente profissional da maioria das pessoas em algo muito mais intenso e radical; em vez de se fazer o que supostamente tem que ser feito, pode-se perguntar por que se faz isso, quem se beneficia disso, e como é possível tornar a relacionar essa atitude com um projeto pessoal e pensamentos originais. (SAID, 2005, p. 86-87).

Esse despreendimento enfatizado tanto por Weber como por Said não torna inválida a responsabilidade e compromisso com o trabalho tanto dos cientistas quanto dos intelectuais. Na verdade, ambos demonstram que a fidelidade aos princípios éticos de responsabilidade está além do meramente profissional e, por esta razão, instigam os indivíduos a refletir sobre o papel deles no mundo contemporâneo.

Adrienne Rich parece incorporar em seu trabalho intelectual essas características debatidas pelos dois teóricos. A poeta tem demonstrado, através de seus poemas, ensaios críticos e entrevistas, seu compromisso primordial com o discurso que tensiona e desestabiliza o poder instituído. Sua arte não se limita a “metodologia e teorias impessoais”, como observa Said; ao contrário, a poeta procura priorizar sempre as questões sociais e políticas relacionadas ao seu tempo e espaço em seu discurso, mas também transita pela história e a música, entre outras manifestações culturais da modernidade. Dessa forma, podemos concluir que seu posicionamento como intelectual está mais próximo ao diletantismo que à especialização, pois Rich se mantém em constante diálogo com o mundo exterior.

Também em relação ao amadorismo proposto por Said, Rich parece se ajustar, pois a poeta tem assumido, desde o início da carreira, sua postura publicamente, desafiando a estrutura de poder na sociedade estadunidense. O fato de recusar o prêmio oferecido pelo



presidente Bill Clinton em 1997, como já mencionado no capítulo anterior, revela seu compromisso como intelectual que não sucumbe à persuasão do poder institucionalizado. Sua atitude ao publicar a carta endereçada à Casa Branca explicitando as razões que a levaram a tomar tal decisão revela, por um lado, sua despreocupação em preservar a imagem de uma poeta de prestígio mediante a opinião pública e, por outro lado, reforça a intenção de manter uma outra imagem, ou seja, como aquela que tem a coragem de dizer não ao poder instituído. Na verdade, Rich se recusa a receber o destaque na imprensa como uma artista reconhecida pelo então presidente dos Estados Unidos, mas se apropria desse reconhecimento para articular um outro discurso que coloca às avessas as intenções desse presidente. Esse episódio nos leva a vê-la como uma amadora nos termos colocados por Said.

A poeta vem demonstrando, também, sua coerência discursiva não somente quando revela as contradições da democracia estadunidense, mas também ao tornar transparentes os conflitos no interior do movimento feminista. Também em relação a essa questão, a poeta se posiciona publicamente contra os rumos do movimento. Contudo, podemos concluir que é como diletante e amadora que ela encontra reconhecimento como intelectual.

Por outro lado, mesmo sendo uma entre as poucas vozes que repudiam a soberania de seu país, percebemos que Rich consegue articular e negociar com a mídia, abrindo espaços para não somente criticar os equívocos da autoridade suprema estadunidense, mas também legitimar seu lugar como uma intelectual que radicaliza e se posiciona contra o poder estabelecido. Nessa relação com os meios de comunicação, Rich procura sempre não ceder sua visão de mundo em troca de sua visibilidade na mídia.

Como observado por vários teóricos, os intelectuais contemporâneos precisam ter trânsito e capacidade de se articularem com os meios de comunicação para serem ouvidos. No entanto, esse envolvimento com a mídia não deve transformá-los em simples atores que dizem sempre o que se espera que eles digam, optando, na maioria das vezes, por um discurso neutro que não os comprometa. Contrariamente, eles precisam reconhecer que sua representação deve estar associada a um processo mais amplo de compromisso com a crítica social em defesa daqueles que representam. Rich, como intelectual, tem demonstrado esse comprometimento através de sua arte. A poeta procura não deixar que seus pensamentos cristalizem por compreender que as relações sociais e políticas fazem parte de um processo inacabado e contínuo. Segundo Said:

As representações do intelectual – o que ele representa<sup>127</sup> e como essas idéias são apresentadas para uma audiência – estão sempre enlaçadas e devem permanecer como parte orgânica de uma experiência contínua da sociedade: a dos pobres, dos desfavorecidos, dos sem-voz, dos não representados, dos sem-poder. Estes são igualmente concretos e permanentes; não podem sobreviver se forem transfigurados e depois congelados em credos, declarações religiosas ou métodos profissionais. (2005, p. 114).

Talvez seja esse um dos principais dilemas dos intelectuais no momento atual: conseguir acompanhar o desenvolvimento do mundo sem perder o vínculo com seus ideais de transformação social. A autonomia dos intelectuais não deve se restringir somente em relação ao poder político, mas ao poder em geral. Eles devem manter sempre aberto o diálogo, possibilitando os constantes questionamentos conjunturais. O compromisso dos intelectuais com os ideais de uma sociedade mais justa precisa, de acordo com Said, ir além da vaidade pessoal.

Nesse sentido, Rich participa do grupo de intelectuais que de alguma forma influenciam ou participam do campo político, principalmente por meio de sua obra que

objetiva discutir o “[...] desenvolvimento do trabalho intelectual e teórico como uma prática política” (HALL, 2003, p. 207). A poeta tem mostrado seu interesse, cada vez maior, em vincular sua arte à ação política. Por isso, faz-se necessária também uma análise mais precisa da própria noção de poder, se ele se justifica na afirmação sartriana de que “[...] o poder é essencialmente o poder do Estado” ou se “[...] está em toda parte, e apenas secundariamente no aparelho de Estado [...]”, afirmação essa defendida por Foucault (WOLFF, 2006, p. 63). Sendo assim, Francis Wolff relaciona duas posições dos intelectuais na contemporaneidade – a primeira, defendida por Sartre, classifica-os como “totais” por se mostrarem capazes de falar sobre tudo e em nome de todos e a segunda, defendida por Foucault, atribui-lhes o papel de “[...] estar disseminado em todo corpo social, conduzindo a cada vez uma luta específica” (2006, p. 63). A polarização entre as duas representações demonstra que nenhum dos dois intelectuais acima descritos consegue ser ouvido, pois o primeiro não consegue abarcar a universalidade e o segundo permanece cada vez mais preso à sua especificidade. A angústia causada por essa polarização tem feito com que grande parte dos intelectuais busque sua independência na relação com o Estado.

A autonomia dos intelectuais em relação ao Estado possibilita a compreensão mais global da política a ser conduzida e lhes garante a liberdade na elaboração de um ideal desvinculado dos interesses político-partidários. Isso não quer dizer que eles não possam exercer as duas funções simultaneamente, mas é importante perceber que, no exercício do poder, os intelectuais por vezes se vêem de alguma maneira atrelados a princípios partidários de um determinado governo. Há uma tensão entre o compromisso com a teoria e o interesse maior do Estado. Não se trata, portanto, de separar a cultura (intelectual) da política (poder), mas sim de garantir o que Bobbio chama de “autonomia relativa da cultura”. A cultura deve estar a serviço da política, mas é necessário que haja espaço para a

“[...] reflexão, distanciamento crítico, que geralmente é o que o mundo espera do homem da razão” (BOBBIO, 1997, p. 106). Ou seja, os intelectuais políticos não deveriam estar presos a uma única diretriz partidária, mas sim abertos às reflexões em busca de uma visão mais ampla que orientará a ação política.

Sob esse aspecto, parece-me oportuno pensar na posição de Rich não somente como uma intelectual que se nega a reproduzir na mídia um discurso neutro que preserve sua imagem, mas também como uma intelectual que reforça, através do discurso, sua autonomia em relação ao Estado que é responsável por políticas que ela, como cidadã, tem repudiado. A poeta tem se colocado entre as imagens do intelectual total e do intelectual local, pois sua obra transita e procura discutir tanto sobre as questões universais quanto as específicas. Ela relata desde as questões de ordem mundial até as questões mais peculiares, específicas e subjetivas em sua obra literária, desde a posição do escritor até a temática do corpo feminino como um espaço de poder.

### **Escrita e poder**

Tendo em mente a dificuldade de mediação entre cultura e política e consciente dessa conflituosa relação, interessa-me concentrar na fusão feita por Rich entre a poesia e o ativismo político. A poeta e intelectual tem se recusado a atrelar-se ao poder e usa a escrita como o principal instrumento de luta. Nesse sentido, apoiada no argumento de que “[...] a palavra sempre foi a principal arma do intelectual” (FIGUEIREDO, 2004, p. 143), Rich tem conseguido fazer da escrita um poderoso instrumento de luta pela transformação social. Para a teórica política alemã Hannah Arendt:

O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as

palavras não são empregadas para velar intenções, mas para revelar realidades e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades. (2001, p. 212).

É essa fusão que Rich idealiza em sua arte. A poeta, ecoando com frequência as reflexões de Arendt – mesmo que, por vezes, criticamente – reforça a necessidade da interdependência entre “a palavra e o ato”, ou seja, entre o discurso e a ação. Para Rich, é preciso “[...] no ato da escrita, sentir nossas próprias ‘questões’ encontrando as ‘questões’ do mundo, reconhecer como estamos no mundo e o mundo em nós”<sup>128</sup> (2003, p. 27, tradução nossa). É através da experiência da escrita que Rich estabelece seu vínculo com o mundo. A poeta procura, através das palavras, “revelar realidades” sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. Sua afirmação citada acima reflete ainda a adesão ao pensamento de Arendt quando a teórica alemã afirma: “Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares e, assim, apresentam-se ao mundo humano [...]” (2001, p. 192). Sendo assim, é por meio dessa revelação que seu discurso alcança a esfera pública.

Contudo, embora seja evidente o diálogo constante de Rich com a teoria de Arendt, notamos também que em seu ensaio “Conditions for Work” (Condições de trabalho), a poeta tece críticas duras à teórica. Em sua visão:

A discussão das mulheres como as trabalhadoras na reprodução, das mulheres como operárias na produção, do relacionamento do trabalho não remunerado das mulheres no lar propiciando a separação entre esfera ‘privada’ e ‘pública’, do corpo das mulheres como mercadoria – essas questões não foram levantadas pela primeira vez nos anos 60 e 70; elas já tinham sido documentadas nos anos 50 quando *A condição humana* estava sendo escrito. Arendt mal e mal faz referência, em geral em pé de página, ao compromisso de Marx e Engels com esse tema; e ela escreve como se o trabalho de Olive Schreiner, Charlotte Perkins Gilman, Emma Goldman, Jane Addams, para citar somente algumas escritoras, não tivesse existido.<sup>129</sup> (1995, p. 211-212, tradução nossa).

Rich não desconsidera a relevância do trabalho intelectual de Arendt, mas condena a atitude da autora ao ignorar a questão do gênero em seu livro *A condição humana*. Para a poeta, Arendt não somente negligencia a participação das mulheres no processo de trabalho no mundo moderno, mas também ignora as contribuições das feministas que já haviam abordado a questão do papel das mulheres na sociedade contemporânea. Se por um lado a poeta critica Arendt por deixar de lado a questão do gênero em *A condição humana*, por outro lado, percebemos também que, Rich, em muitos momentos, se apropria do pensamento dela, como, por exemplo, ao afirmar: “A questão da sobrevivência econômica em manter o trabalho de alguém é terrivelmente real, mas as questões mais terríveis permanecem mais profundas como quando uma mulher é forçada, ou se permite, levar uma vida censurada”<sup>130</sup> (1995, p. 211, tradução nossa). Essa passagem, a meu ver, reproduz o pensamento de Arendt quando afirma que, “[...] ser escravo e prisioneiro de si mesmo é tão ou mais amargo e humilhante que ser escravo de outrem” (2001, p. 223). Rich retoma a idéia de Arendt para reforçar a opressão do gênero. Sendo assim, a poeta procura discutir as reflexões da teórica, mas sob a ótica do feminismo. Ao unir, por meio da ação nos termos de Arendt, escrita e ativismo político, Rich pretende criar espaços para relações mais fraternas entre os seres humanos. Para a poeta, a coerência do trabalho intelectual depende da possibilidade de ação engendrada pelo discurso e também pela escrita.

Ricardo Piglia, escritor argentino, discute a relação entre a experiência e a linguagem em seu ensaio “Una propuesta para el nuevo milenio” (Uma proposta para o novo milênio). O autor fala da dificuldade em relatar a experiência tal como foi vivida e sentida sem somente informar sobre ela. Piglia se refere a um ponto cego da experiência que a ficção consegue atingir. Talvez seja essa uma das grandes dificuldades dos poetas em suas buscas intermináveis por alcançar o limite da linguagem e conseguir expressar o

inexpressável. Rich explicita, através de sua obra, a dificuldade e incansável busca para decifrar essa linha tênue. A poeta procura, através dos diversos “eus”, dialogar com o outro. Seu poema “A escola entre as ruínas” é um exemplo da tentativa em relatar a experiência do outro. A poeta assume outras vozes para descrever a vulnerabilidade e impotência do ser humano em situações de guerra. O poema demonstra a insegurança e a inevitabilidade do medo dos alunos e professores mediante os constantes bombardeios. O poema é o relato insano da destruição. Ao apontar, no título do poema, algumas das cidades que já foram alvos de ataques dos Estados Unidos, a poeta está mais uma vez assumindo sua posição política ao denunciar e responsabilizar seu país pela crueldade com o outro. Rich busca de alguma forma identificar o sofrimento do outro. Nas palavras de Piglia, ela procura “[...] sair do centro, deixar que a linguagem fale também na margem, no que se ouve, no que chega do outro”<sup>131</sup> (2001, p. 03, tradução nossa). O fato de a poeta revelar, nesse poema, o sofrimento das crianças atingidas pelo bombardeio demonstra seu compromisso como intelectual que pretende mostrar o outro lado da história e distorcer o discurso normalizado. Rich busca, dessa forma, tensionar e desestabilizar a argumentação que rotula o outro seja como violento, terrorista ou simplesmente diferente. Ao fazer isso, a poeta cumpre o papel intelectual, assim compreendido por Said, de não se acomodar à versão histórica oficial e apresenta outra “narrativa” que desafia a “memória nacional” (SAID, 2004, p. 47).

Rich vem demonstrando, através da arte, suas indagações em relação à idéia da nação. A poeta não descarta a importância da identificação com a nação, mas procura dissociar o discurso de busca pelas raízes culturais daquele que propaga e perpetua o patriotismo exacerbado. Segundo a poeta:

Como mulheres, eu penso que é essencial que reconheçamos e investiguemos nossas identidades culturais, nossas identidades nacionais, mesmo se rejeitarmos o patriotismo, o jingoísmo, o nacionalismo

oferecido a nós como ‘o estilo americano de vida’. Talvez a desilusão mais arrogante e malevolente do poder norte-americano – do poder ocidental branco – tenha sido a desilusão do destino, que o branco está no centro, que o branco é dotado de certo direito ou missão para julgar, esquadrihar, assimilar e destruir os valores de outros.<sup>132</sup> (1986, p. 183, tradução nossa).

Essa passagem revela sua consciência do poder de seu país que age no sentido de violar e devastar outras culturas. Assim, mesmo tendo sido orientada durante toda a vida a valorizar e se identificar com sua nação, a poeta busca repensar as bases desse discurso que tem garantido a própria supremacia destruindo os valores culturais de outros povos, principalmente em termos do papel da mulher, como a citação acima nos mostra. Em seu ensaio, “North American Tunnel Vision” (Cegueira Norte-Americana), relata:

Como uma feminista nos Estados Unidos, parece-me necessário examinar a forma como nós participamos da tendência chauvinista cultural norte-americana. A crença inconsciente de que os brancos norte-americanos possuem o direito superior de julgar, selecionar e esquadrihar outras culturas e de que nós somos mais ‘avançados’ que as outras pessoas desse hemisfério. (E que esse chauvinismo cultural se alimenta constantemente do racismo). Até mesmo quando analisamos e rejeitamos o chauvinismo patriarcal, até quando nos desvinculamos desses princípios destrutivos e expressamos outros valores, nós trazemos em nós – eu tenho encontrado em mim mesma – não somente uma branca, mas especificamente uma cegueira norte-americana.<sup>133</sup> (RICH, 1986, p. 162, tradução nossa).

Como a citação acima mostra, a autora não só reconhece as dificuldades do rompimento com a visão de que os Estados Unidos são uma nação hegemônica, como também faz autocrítica em relação à sua própria alienação. Rich assume que ela não somente está inserida nesse contexto como também, por vezes, se sente envolvida e acaba por reproduzir também essa hegemonia. Ela, como intelectual, se vê na obrigação de não deixar cristalizar esses valores que têm servido como justificativa para inferiorizar e massacrar o outro. Por ter essa visão crítica em relação ao poder legitimado que vem do



centro é que a poeta investe na descentralização da cultura hegemônica e passa a apostar no reconhecimento das diversas produções culturais que vem brotando nas margens. Rich tem procurado, nos últimos anos, investigar e compreender a fronteira como um espaço de produção cultural.

Em seu ensaio “A poet’s education” (A educação do poeta), Rich intercala os textos dos poetas norte-americanos de origem mexicana Jimmy Santiago Baca e Gloria Anzaldúa. Baca, assim como Anzaldúa, fala da importância da margem na definição de sua identidade. Rich demonstra de que forma o bilingüismo, pois ambos mesclam o espanhol e o inglês em suas narrativas, foi determinante para a auto-afirmação dos dois chicanos<sup>134</sup> como sujeitos em uma sociedade que discrimina e exclui o diferente. A poeta reitera a importância da linguagem, mas descaracteriza a poesia como sendo um privilégio de uma elite intelectual: “É mentira que poesia é somente lida por ou ‘fala para’ as pessoas nas universidades ou para uma elite de círculos intelectuais”<sup>135</sup> (RICH, 2003, p. 206, tradução nossa). O excerto de Baca citado por Rich em seu ensaio se refere ao período em que ele era prisioneiro e encontra na escrita uma forma de se revelar: “Não havia nada mais humilhante do que ser incapaz de me expressar, minha desarticulação aumentava meu senso de risco, de estar em perigo”<sup>136</sup> (RICH, 2003, p. 209, tradução nossa). A incapacidade de expressão reforça o sentimento de inferioridade e impotência. No silêncio da prisão, o poeta desenvolve sua capacidade de se expressar. O cárcere lhe rende o envolvimento com a literatura e a paixão pela poesia. Em seu encontro com os poetas Neruda, Paz e Hemingway, através das leituras, Baca percebe que “A linguagem deles era a magia que podia me libertar de mim mesmo [...]”<sup>137</sup> (RICH, 2003, p. 207, tradução nossa). Rich mostra, nesse ensaio, como Anzaldúa e Baca se articulam por meio da fronteira cultural e fazem dela um lugar de crítica constante. Baca afirma: “Eu comecei a aprender minha

própria língua, as palavras e frases bilíngües explicando meu próprio lugar no universo [...]”<sup>138</sup> (RICH, 2003, p. 207, tradução nossa). Através do texto bilíngüe, Anzaldúa revela o traço fronteiriço das identidades chicanas. Rich busca, portanto, no diálogo com esses escritores, reconhecer a margem como um lugar de produção cultural.

A cultura na fronteira é também tema de discussão para o palestino Edward Said. Em sua análise das representações dos intelectuais, Said aponta a ambivalência da condição dos intelectuais no exílio. Segundo o autor: “A condição de marginalidade, que pode parecer irresponsável e impertinente, nos liberta da obrigação de agir sempre com cautela, com medo de virar tudo de cabeça para baixo, preocupados em não inquietar os colegas, membros da mesma corporação” (SAID, 2005, p. 70). Nesse sentido, na margem, os intelectuais têm autonomia tanto em relação à cultura de origem quanto à cultura do país em que residem. O fato de eles não se sentirem vinculados a nenhuma das duas culturas os proporciona uma mobilidade maior para a realização do trabalho crítico. Said ainda deixa claro que, à margem, os intelectuais podem se sentir angustiados devido ao distanciamento de suas culturas, mas desfrutam também dos privilégios dessa posição. Segundo o autor:

[...] é também muito importante insistir no fato de que essa condição traz em seu bojo certas recompensas e até mesmo privilégios. Assim, embora você não seja nem um ganhador de prêmios, nem bem-vindo a todas essas sociedades honorárias autocongratulatórias que rotineiramente excluem desordeiros embaraçosos que desobedecem às regras do sistema ou poder, você *está* ao mesmo tempo colhendo algumas coisas positivas do exílio e da marginalidade. (SAID, 2005, p. 66).

Essa passagem revela que a instabilidade na margem se torna um aspecto positivo na atividade dos intelectuais no exílio, pois permite que suas ações sejam pautadas por seus princípios ideológicos e não em resposta a interesses de outrem. A autonomia dos intelectuais da fronteira os liberta das amarras com o poder, por isso eles podem “ousar”,

indo além em seus discursos, como acrescenta Said, “o intelectual que encarna a condição de exilado não responde à lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção” (2005, p. 70). O fato de esses intelectuais que vivem no exílio não se sentirem comprometidos com o poder público lhes permite relatar suas idéias livremente. Na verdade, embora estejam inseridos naquela cultura, eles sempre serão estrangeiros tanto em relação aos países de onde vieram quanto aos países onde residem, ou seja, mesmo estando próximos tanto à cultura de origem quanto à cultura do país em que residem, os intelectuais não pertencem a nenhuma delas. O fato de estarem na fronteira possibilita o olhar sobre as duas culturas. Segundo Figueiredo:

O desenraizamento reforça a imagem do intelectual como aquele que mantém a devida distância de tudo, situando-se numa região fronteira que lhe permitiria alcançar a imparcialidade, independente de seu engajamento na defesa de etnicidades marginalizadas (2004, p. 137).

Assim como os intelectuais exilados que se situam na margem, as mulheres também ocupam uma posição fronteira na cultura. Igualmente desautorizadas, elas fazem uso dessa prerrogativa para demonstrar suas visões. Em *Da mulher nascida*, Rich analisa as conseqüências do sistema patriarcal na vida das mulheres, levando-nos a perceber as razões que as levam a temerem seus posicionamentos no campo intelectual. Como já mencionado nos capítulos anteriores, o discurso patriarcal permeia e ameaça todas as relações da vida social das mulheres. A timidez e o temor ao desempenho das mulheres na esfera pública fizeram e ainda fazem com que muitas delas não estejam atentas aos próprios desejos, deixando-se levar pelo dos outros. A base da insegurança das mulheres, na esfera intelectual, se justifica em constantes afirmações de que o campo do saber estava diretamente ligado aos homens. A partir da consciência de seus valores, principalmente

através da educação, elas procuraram ressignificar suas existências. Em um outro ensaio, “Taking Women Students Seriously” (Considerando as estudantes seriamente), Rich afirma: “Eu sugeriria que não a biologia, mas a ignorância em relação a nós mesmas tem sido a chave para a nossa impotência”<sup>139</sup> (RICH, 1979, p. 240, tradução nossa). Em outras palavras, através do conhecimento do seu passado histórico e de suas próprias condições, limitações e sucessos, as mulheres têm condições de compreender que a suposta impotência associada a elas foi determinada por um discurso patriarcal preconceituoso e inferiorizante.

O desconhecimento quanto ao desempenho do trabalho intelectual das mulheres se deve, em grande parte, ao processo alienante ao qual foram submetidas e/ou se submeteram. Rich busca compreender e romper com esse processo na tentativa de fazer valer seus próprios valores. O fato de assumir publicamente sua reorientação sexual e se dedicar a uma escrita mais engajada na defesa pelos direitos de expressão dos homossexuais foi um exemplo de sua tentativa de minar os conceitos preestabelecidos.

Através da publicação de seus ensaios críticos e entrevistas, percebemos que a poeta tem buscado compreender e valorizar o trabalho de outras poetisas marginalizadas. Assim como os intelectuais diaspóricos que flutuam entre uma e outra cultura, Rich busca mostrar que sua posição em relação à escolha sexual também é ambivalente em uma sociedade que discrimina aquele que é socialmente diferente. Embora haja semelhanças em relação ao lugar que ocupam na sociedade, é preciso reconhecer que o fato de ser ela uma norte-americana criticando a própria nação pode ter conseqüências menores para si do que terá para os intelectuais que estão na fronteira. Não se trata de medir qual discriminação é mais intensa e sim perceber que em um país onde o patriotismo é exarcebado a questão da origem pode, por vezes, sobrepor à questão do gênero. No entanto, notamos também que a

poeta tem uma postura responsável diante do que escreve e defende. Em seu ensaio “The Muralist” (A muralista) publicado na coletânea *What Is Found There: Notebooks on Poetry and Politics* (O que é encontrado lá: agendas sobre poesia e política), Rich afirma:

Dizer que um poeta é sensível e responsável – o que pode significar? Para mim, isso significa que ela ou ele é livre para se tornar artisticamente mais complexo, sério, e integrado quando mais consciente das grandes questões dela, dele, de seu próprio tempo. Quando a mente do criador é estendida ao máximo pelas demandas de seu tempo – não às modas, ao modismo, às rodinhas sociais, aos elegantes e às propagandas políticas, mas às mensagens profundas de crise, esperança, desespero, visão, as vozes anônimas, que pulsam através da comunidade humana como sinais de desequilíbrio, doença, o renascimento do pulso através do corpo humano.<sup>140</sup> (RICH, 2003, p. 52-53, tradução nossa).

Através dessa passagem, a poeta demonstra duas questões que perpassam a figura dos intelectuais de hoje. A primeira refere-se à banalização do trabalho dos intelectuais modernos que têm cada vez mais se distanciado das questões relacionadas à opressão e sofrimento dos seres humanos em resposta às demandas dos modismos presentes nos meios de comunicação de massa. A segunda diz respeito ao seu compromisso e responsabilidade em defender os ideais de uma sociedade mais justa e igualitária.

O fato de se assumir publicamente homossexual somada a outras questões que a colocam na marginalidade (mulher, feminista e de descendência judaica) reforçam sua identificação com grupos minoritários. Essa percepção fortalece seu desejo de estreitar ainda mais a relação entre poesia e política. A convicção de que algo poderia ser feito no processo de transformação social é reforçada através do contato com os alunos do programa SEEK e com a retomada de leituras de autores clássicos como Jean Paul Sartre, Albert Camus, passando por W.E.B. Du Bois, James Baldwin, Audre Lorde até os textos produzidos pelos seus alunos. A partir do diálogo entre os autores pesquisados e o que

estava sendo produzido pelos seus alunos, Rich se convence ainda mais do poder da linguagem como um instrumento de transformação social. Para Yorke:

Rich devia reconhecer que era impossível criar e usar uma linguagem a qual a tiraria do silêncio. A linguagem deve ser usada como testemunha de alguém ou de um povo para desidentificar a cultura dominante, descrever e analisar, fazer valer, libertar as ditaduras impostas ao invés de aceitar uma versão pré-determinada do que é. Rich aprendeu de imediato que ‘linguagem é poder’: e, progressivamente, reconheceu o potencial revolucionário da linguagem para mudar a realidade daqueles ‘que sofrem de injustiças’.<sup>141</sup> (1997, p. 40-41, tradução nossa).

Assim como os intelectuais diaspóricos, Rich não se sente inserida na cultura que critica, como Yorke acrescenta, “Rich recusa a identificação com qualquer forma de identidade unitária e evita a limitação radical da política feminista, expansivamente inclui uma multiplicidade de diferenças, demonstrando a urgência de suas tensões e jogos nos campos politizados de sua escrita”<sup>142</sup> (1997, p. 115, tradução nossa). Rich se revela transgressora, principalmente por ter migrado da identidade da mulher ajustada à sociedade e que fazia tudo para corresponder às expectativas dessa sociedade até assumir publicamente a postura de homossexual politicamente engajada. A poeta rompe com um conceito de identidade que estaria, segundo Judith Butler, “[...] assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade [...]” (2003, p. 38). O posicionamento na margem rompe com a identificação fragilizada daquela (e) que é vitimada (o). O fato de estar à margem, de viver e participar das tensões ali presentes expõe o indivíduo e faz com que ele desenvolva mecanismos para conviver com a resistência.

Contudo, seu discurso apresenta também algumas contradições. Em uma entrevista em 2005, quando questionada sobre a relação do intelectual com o poder, a poeta declara:

[...] mas eu penso que o lugar do intelectual em meio a isso tudo é de se manter em contato com o ativismo e estar informado sobre o mundo a nossa volta. Nós temos essa responsabilidade direta de não nos

desesperarmos por saber que o mundo não tem nenhum poder. Novamente eu utilizo o Galeano ao perceber que o poder do mundo é diferente de outros tipos de poderes. O mundo precisa de seus povos, talvez coletivamente, mas também individualmente e o impacto individual pode crescer em direção a um senso coletivo da realidade.<sup>143</sup> (RICH, 2005, tradução nossa).

Tal declaração nos leva a crer que Rich projeta na figura do intelectual alguém capaz de conduzir de alguma forma a coletividade, ou seja, mesmo reiterando em vários outros momentos a impossibilidade de transformação, somente a partir do individual, a meu ver, ela revela, nessa passagem, sua visão de que o povo precisa ser conduzido. Nesse caso, o poeta ou artista será aquele que está à frente para abrir o caminho.

Rich vem incorporando as realidades de outras culturas à sua escrita, principalmente através dos ensaios críticos, por isso tem procurado, nos últimos anos, direcionar seu olhar para fora do país. A poeta tem procurado dialogar com outros escritores que estão fora de seu circuito intelectual. Na passagem acima citada, Rich faz uma interlocução com o escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano. Esse autor tem, prioritariamente, abordado em sua crítica o compromisso político de denunciar as explorações sofridas pelos países da América Latina. Dessa maneira, o fato de Rich fazer referência ao pensamento de Galeano demonstra sua intenção em ampliar seu campo de visão. Contudo, percebemos ainda que ela revela também sua impotência para desvendar os valores coletivos e parte para o enfrentamento dos micropoderes a partir, a princípio de uma perspectiva individual para depois invocar o coletivo. Sendo assim, ela partirá da geografia mais restrita – o corpo gendrado – para compreender o global.

### A cor da escrita

O desenvolvimento de sua consciência do racismo foi igualmente importante para uma tomada de atitude em relação à preferência sexual, que se reflete também em sua formação intelectual. Rich fala como o contato com o movimento dos afro-americanos e com a literatura dos negros foi fundamental para que ela compreendesse o outro lado da história. Entrevistada em abril de 2005, Rich declara:

Bom, deixe-me dizer que nos anos 60 eu estava preparada para os movimentos políticos e para a ação política. O primeiro movimento que eu pude visivelmente perceber foi o movimento pelos direitos civis no Sul do país e a luta dos afro-americanos pelos direitos humanos que teve um impacto muito forte em mim, porque eu cresci em um ambiente sulista branco. Eu sabia sobre o racismo, pois isso foi, por muitos anos, um assunto proibido em meu mundo. Ouvir a retórica dos afro-americanos definindo a natureza e estrutura do racismo foi completamente libertador para mim intelectual e emocionalmente, porque eu também sabia o que o racismo fazia com os brancos. Eu sabia por dentro, eu sabia como manter aquele assunto proibido protegido em todos os tipos de relacionamento com as sociedades brancas e que também nos tornava irreais. Então, esse foi o primeiro movimento que eu pude perceber lá fora, pois falavam de coisas que eu já conhecia, mas que até então não tinha nomeado. A escrita de James Baldwin foi absolutamente importante para mim na minha formação como uma intelectual. Ele seria feliz em não ser um ativista, mas tinha que ser e em certa maneira era resistente, mas foi levado a isso.<sup>144</sup> (RICH, 2005, tradução nossa).

O contato com a escrita de Baldwin, assim como o seu envolvimento com o movimento libertário dos negros, contribuiu para que ela tivesse uma compreensão mais nítida da opressão sofrida pelos negros na sociedade estadunidense e uma visão do racismo diferente daquela recebida em sua educação. A diferença racial estava presente, mas era velada, por isso Rich assume que o discurso acerca da definição e estrutura do racismo foi



libertador para ela. Sendo assim, para a poeta, também o racismo é institucionalizado, pois discrimina e exclui a diversidade. Segundo Giddens:

A idéia do racismo institucional sugere que o racismo permeia todas as estruturas da sociedade de um modo sistemático. De acordo com essa visão, instituições como a polícia, o serviço de saúde e o sistema educacional, todas elas promovem políticas que favorecem certos grupos enquanto discriminam outros (2005, p. 209).

A discriminação infiltrada nessas instituições oprime e inferioriza o negro. A poeta não ignora que o racismo baseado no traço físico tenha tomado uma dimensão mais ampla em sociedades como a estadunidense, na qual o racismo biológico se transformou no racismo cultural. Rich retorna ao corpo biológico como um elemento básico de onde origina toda essa discriminação que se encontra difundida nos mais diversos setores da sociedade. Em seu ensaio “Anotações sobre uma política do local”, a poeta afirma: “Eu fui identificada pela cor e sexo da mesma forma que seguramente uma criança negra foi identificada pela cor e sexo – embora as implicações de uma identidade branca tenham sido mistificadas pela presunção de que as pessoas brancas estão no centro do universo”<sup>145</sup> (1986, p. 215, tradução nossa). Nesse sentido, o racismo é um outro fator importante na compreensão do corpo como um espaço de resistência. Rich procura pensar nas implicações do corpo negro, por isso assume também que o movimento pela libertação dos negros foi um fato importante que criou oportunidade para desencadear outras lutas, como o movimento dos trabalhadores e das mulheres que visam melhores condições na sociedade.

Assim como Rich, a teórica feminista e intelectual bell hooks também tem demonstrado a importância de se debater as questões raciais na contemporaneidade. Afro-americana, professora universitária, hooks tem lutado pela democratização do saber e pela

transformação da condição dos negros, das mulheres e dos pobres na sociedade estadunidense. Em *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics* (*Anseio: raça, gênero, e políticas culturais*), a escritora expõe alguns dos fatores que inferiorizam não só os negros, mas também as mulheres ao longo da história no ocidente. hooks relata seu esforço para não deixar que os valores do presente apaguem o passado de luta dos negros:

Pensando novamente sobre espaço e lugar, eu ouvi a afirmação ‘nossa luta é também uma luta da memória contra o esquecimento’; a politização da memória que se distingue da nostalgia, que espera que alguma coisa seja como já foi um dia, um tipo de ato inútil, daquele que lembra que serve para iluminar e transformar o presente.<sup>146</sup> (HOOKS, 1990, p. 147, tradução nossa).

Politizar a memória do sofrimento implica refletir racionalmente sobre ela (memória) como forma de ressignificar o presente ou fazer com que o novo olhar sob o passado transforme a experiência dos negros no presente. O esforço de hooks em assumir e valorizar suas raízes em uma sociedade que discrimina e inferioriza o negro, principalmente pobre, demonstra sua reação e coragem. Rich, da mesma forma, assume sua homossexualidade publicamente e, assim como hooks, reforça a importância em levar essas questões por vezes percebidas como pertencentes unicamente à esfera privada para o campo político. Tanto hooks quanto Rich revelam a margem como espaço de resistência, espaço esse que propicia o rompimento do silêncio que é revelado através da escrita. Segundo hooks, “[...] nossa sobrevivência depende de nossa habilidade em conceituar alternativas, sempre improvisadas. Teorizar sobre essa experiência estética e criticamente está na agenda da prática cultural radical”<sup>147</sup> (1990, p. 149, tradução nossa). Rich e hooks instigam as mulheres à prática cultural, principalmente através da escrita, por isso o trabalho das duas tem oferecido uma grande contribuição para repensarmos a relação dos intelectuais com o

poder no contexto estadunidense. Ambas desafiam a legitimidade cultural dominante e criam espaços para os discursos contra-hegemônicos. Segundo hooks, “foi essa marginalidade que eu estava nomeando como um lugar central para a produção do discurso contra-hegemônico que não é somente encontrado nas palavras, mas nos hábitos de ser e na forma como alguém vive”<sup>148</sup> (1990, p. 149, tradução nossa). Suas próprias vidas demonstram a resistência aos valores preestabelecidos, isto é, não basta somente analisar e descrever as relações de opressão é preciso realizar mudanças na prática cotidiana.

Rich e hooks têm procurado formas de democratizar as informações e o conhecimento em suas relações com a cultura na busca por atenuar o distanciamento entre os intelectuais e as pessoas comuns. Para hooks é necessário “considerar que o que nós escrevemos sobre ‘cultura’, somente para nós que somos intelectuais, pensadoras críticas, é uma continuação de uma idéia hierárquica de conhecimento que falsifica e mantém estruturas de dominação”<sup>149</sup> (1990, p. 128, tradução nossa). Pensando sob esse aspecto, a tarefa dos intelectuais parece confortável, pois, por um lado, continuam mantendo a distância entre eles que supostamente detêm o conhecimento e os outros e, por outro lado, tendo seus saberes já legitimados raramente encontram resistência em relação ao que defendem. hooks, porém, acrescenta, “minha luta com a forma, conteúdo e etc... tem sido orientada pelo desejo de transmitir conhecimento nas formas que tornam acessíveis a um amplo número de leitores”<sup>150</sup> (1990, p. 129, tradução nossa). Da mesma forma, Rich, assim como hooks, revela o desejo de encontrar uma linguagem que seja capaz de abranger um número maior de leitores.

### A escrita da ação e ação da escrita

Em seu ensaio, “Power and Danger: Works of a Common Woman” (Poder e perigo: trabalhos de uma mulher comum), Rich demonstra a importância da linguagem como um mecanismo de transformação social. Para a poeta, “[...] enquanto nossa linguagem for inadequada, nossa visão permanecerá sem forma, nosso pensamento e sentimento estarão percorrendo os velhos ciclos, nosso processo será ‘revolucionário’ mas não ainda transformador”<sup>151</sup> (RICH, 1979, p. 247-248, tradução nossa). A articulação das idéias é um exercício que deve se materializar através da escrita. Para Rich, o poder está na retórica, na capacidade de articular a fala que seja suficiente não somente para a compreensão do processo de submissão, mas que seja também capaz de responder e combater o discurso dominante. Entretanto, a poeta deixa claro ainda que não tem a pretensão de atingir transformações concretas na sociedade, somente através da escrita poética ou literária, como ela mesma pontua na introdução de *What Is Found There* (O que é encontrado lá) ao afirmar, “a poesia não pode nos dar as leis, instituições e os representantes; os antídotos que precisamos: somente o ativismo público através do número massivo de cidadãos pode fazer isso”<sup>152</sup> (RICH, 2003, p. xviii, tradução nossa). Rich reconhece que na solidão o indivíduo se torna fraco. Por isso, mais uma vez, é possível aproximar a visão de Rich à de Arendt quando essa última afirma, “[...] a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir” (2001, p. 201). É, portanto, na união com os outros e através da combinação entre consciência e ação política que as mudanças sociais se tornam possíveis. O papel dos intelectuais, nesse processo, segundo Rich, é importante à medida que possam assumir uma posição corajosa de denúncia das injustiças sociais.

Rich tem demonstrado, através de sua escrita, um compromisso cada vez maior para criticar e denunciar o poder público. Em seus ensaios críticos e nas entrevistas concedidas pela autora, ela reforça de forma explícita seu interesse em fazer da escrita um instrumento que contribua com as transformações sociais. Sua poesia também reflete esse propósito, entretanto, pela própria estrutura formal do gênero literário, a linguagem usada nas entrevistas e nos ensaios deixa mais claro seu objetivo. Por isso, no percurso de sua trajetória literária, no momento em que Rich rompe com a imitação do discurso poético masculino, ela rompe também com a estrutura formal da poesia, como afirma Maria Isabel Mansilla Blanco: “No entanto, a revolução formal de Rich também se refere à sua evolução nos anos sessenta, época em que Rich abandona a simetria formal dos poemas anteriores para optar pelo verso sem métrica nem rima”<sup>153</sup> (2001, p. 11, tradução nossa). Rich tem tentado atribuir também à sua poética uma maneira de articular uma linguagem que seja semelhante àquela expressa nos ensaios e entrevistas.

Rich continua fazendo com que sua arte, nesse caso a poesia, possua ritmo e musicalidade, mas que possa ser também um instrumento que abranja a questão política. Por isso, a poeta rechaça a idéia de que a arte não possa estar associada à política. Ao contrário, ela deixa claro que a poesia precisa estar cada vez mais associada à ação política, como afirma em seu ensaio “Blood, Bread, and Poetry: The Location of the Poet” (Sangue, pão, e poesia: o local do poeta): “Eu sentia mais e mais urgentemente a dinâmica entre a poesia como linguagem e a poesia como um tipo de ação, aprofundando, queimando, esfolando, colocando-se em diálogo com o outro além do eu individual”<sup>154</sup> (RICH, 1986, p. 181, tradução nossa). Novamente a poeta faz repercutir a voz de Arendt para mostrar como a ação e o discurso são inseparáveis. As expressões “aprofundar” “queimar” e “esfolar” têm

a conotação de tirar o acabamento que encobre o conteúdo e dá uma aparência às coisas. Essas expressões demonstram a intenção da autora em ultrapassar a superfície discursiva, fazendo com que sua escrita provoque incômodos e possa desnudar as relações sociais. Em outras palavras, Rich busca alcançar a tangibilidade da escrita. Sendo assim, a poesia não permanece na crítica puramente textual, mas se torna um elemento que propicia a efetivação da ação política. Por essa razão, em grande parte de sua poética, Rich prioriza os aspectos ideológicos em sua escrita que tem uma correspondência com a prática.

A poeta ressalta a importância social da linguagem e desmistifica a aura popular da imagem do poeta como alguém que está em um nível superior. Ela não ignora a habilidade do poeta no jogo e na articulação das palavras, mas ressalta a importância em estabelecer, na poesia, a ligação com o mundo à sua volta. Sua intenção é trazer a poesia para a realidade das pessoas, ou seja, Rich tenta combinar sua arte com a política e não ficar apenas no exercício estético da arte pela arte. A poeta assume que uma das maneiras encontradas por ela para registrar historicamente e politizar sua obra foi datando todos os poemas:

Por volta de 1956, eu comecei a datar meus poemas por ano. Eu fiz isso porque tinha rompido com a idéia de que um poema é um evento único, condensado, um trabalho de arte completo em si mesmo. Eu sabia que a minha vida estava mudando, meu trabalho estava mudando e eu precisava indicar aos leitores meu senso de estar envolvida em um longo processo em progresso.<sup>155</sup> (RICH, 1986, p. 180, tradução nossa).

Mais uma vez, a poeta desmistifica a figura do artista. O registro temporal de sua obra reflete sua consciência de que o trabalho intelectual não pode ser considerado acabado, pois se ele está comprometido a relatar o estar no mundo em um momento histórico específico, isso significa assumir também a instabilidade da própria escrita que relata esses

momentos políticos e culturais. Tal atitude nos permite acompanhar sua trajetória e perceber que sua visão, principalmente em relação à poética, sofre mudanças à medida que ela se envolve nos movimentos sociais e políticos, como demonstrado no capítulo um. Rich rejeita a separação da poesia de política ou sua arte da vida e demonstra que sua poesia só tem sentido se estiver refletindo a diversidade de suas próprias relações sociais: “Existe a visão erroneamente mística da arte que assume um tipo de inspiração sobrenatural, uma posse das forças universais não relacionadas às questões de poder e privilégio ou a relação do artista com o pão e sangue”<sup>156</sup> (RICH, 1986, p. 178, tradução nossa). A partir dessa passagem, percebemos que a poeta explicita sua relação com o trabalho intelectual. Ela descaracteriza a aura do artista e nos faz ver os interesses que perpassam a função do intelectual na contemporaneidade.

Rich afirma ainda que mesmo quando foi orientada a valorizar a forma, passou a perceber que a poesia podia representar mais do que simplesmente a sonoridade, a rima e o ritmo. Por isso, a autora tem buscado estabelecer uma relação mais tangível entre a escrita, nesse caso a poesia, e os sentimentos que tenta descrever. A poeta expressa também a impossibilidade de alcançar transformações somente a partir da ação individual, por isso, em *Campos sombrios da República*, Rich traz à tona as vozes de outros intelectuais como Hannah Arendt, Rosa Luxemburg, W. H. Auden e Bertolt Brecht, para evidenciar a contribuição histórica desses autores, reforçando a importância da ação coletiva no processo de transformação social. No poema que abre a coletânea “Que tempos são esses”, citado abaixo, a poeta faz coro ao poema “Aos que virão depois de nós” de Bertolt Brecht:

Existe um lugar entre dois grupos de árvores onde a grama cresce  
na colina  
e a velha revolucionária estrada termina em sombras  
próxima a um templo religioso abandonado pelos perseguidos

que desapareceram naquelas sombras.

Eu andei por lá apanhando cogumelos à margem do terror, mas  
não seja tolo,  
isso não é um poema Russo, isso não acontece em outro lugar, senão  
aqui,  
nosso próprio país se aproximando mais e mais de sua própria verdade e  
terror,  
suas próprias formas de fazer as pessoas desaparecerem.

Eu não te direi onde é o lugar, a armadilha escura das matas  
encontrando o facho de luz despercebido –  
encruzilhadas fantasmas - oprimidas, paraíso das folhas caídas:  
E já sei quem quer comprá-lo, vendê-lo, fazê-lo desaparecer.

E eu não te direi onde é, então porque eu o digo  
alguma coisa? Porque você ainda ouve, porque em tempos como esses  
tem você que ouvir de qualquer modo, é necessário  
conversar sobre as árvores.<sup>157</sup> (RICH, 1995, p. 3, tradução nossa).

O poema de Rich é um questionamento à obscuridade da república estadunidense. Assim como no poema de Brecht, Rich também critica a alienação a que as massas estão sujeitas. Em: “[...] não seja tolo,/isso não é um poema Russo, isso não acontece em outro lugar, senão aqui,/nosso próprio país se aproximando mais e mais de sua própria verdade e terror [...]” (RICH, 1995, p. 3, tradução nossa), a poeta faz repercutir o poema de Brecht: “[...]Aquele que ri é porque ainda não recebeu a terrível notícia”. Ambos poemas expressam o sentimento de angústia em relação às arbitrariedades cometidas em seus países. Brecht também aposta no poder do discurso, pois ao afirmar que “[...] a linguagem sem malícia é sinal de estupidez”, ele reforça a idéia de que a linguagem deveria estar associada à realidade do mundo. De forma semelhante, a voz poética em Rich procura



alertar a população que está alheia aos acontecimentos políticos em seu país. Ela reafirma sua posição de não compactuar com as crueldades exercidas pelo governo estadunidense e busca apresentar os desdobramentos da “democracia”, ou seja, a poeta busca revelar as formas como aquela democracia na qual ela acredita, pode ser garantida. Nesse poema, a voz poética assume o papel de intelectual que se coloca como visionário que tem consciência dos “tempos sombrios” em seu próprio país. Assim como Brecht, Rich também atribui à linguagem um poder revolucionário.

Em outro poema dessa mesma coletânea, “Pôr-do-sol, dezembro, 1993”, Rich demonstra a importância da poesia como um instrumento capaz de desencadear a conscientização, mas expressa também a vulnerabilidade da (o) poeta e dos cidadãos estadunidenses no final do século:

Perigoso naturalmente traçar  
paralelos    Ainda mais perigoso escrever

como se houvesse um curso permanente, nós e nossos poemas  
protegidos:    a vida individual, protegida

poemas, idéias, deslizando  
no ar, inocente

Eu abandonei o tombadilho e cada borda  
brilhava com o orvalho frio, poderia congelar essa noite

Cada borda é diferente claro, mas cada uma cintila  
molhada, debaixo de um complicado céu: montes de tinta dilatados

cinza pesado descarregando na costa  
um arco-íris repentinamente e casualmente

revelando sua extensão

Perigoso não pensar

como que a terra ainda era em lugares  
 enquanto as chaminés estremeciam com seus primeiros  
 descarregamentos.<sup>158</sup> (RICH, 1995, p. 29, tradução nossa)

Para Langdell, “[...] a missão de Rich, nessa coletânea, é explorar aqueles campos (os campos obscuros da República), escrupulosamente percorrendo-os em busca das verdades que a América, como nação, tem negligenciado e almejado por necessidade”<sup>159</sup> (2004, p. 198, tradução nossa). Se, por um lado, a poeta se sente ameaçada, pois é “perigoso escrever”, por outro lado, mais “perigoso é não pensar” e deixar que o holocausto aconteça “enquanto as chaminés estremeciam com seus primeiros descarregamentos”. A poeta demonstra o pouco valor atribuído aos poetas: “[...] poema, idéias, deslizando no ar longe do solo [...]”, por isso assume a responsabilidade intelectual em denunciar os rumos desastrosos para os quais sua nação se dirige. Nesse sentido, Rich reforça o pensamento de Edward Said em relação à função dos intelectuais na sociedade que seria de estarem envolvidos com os conflitos e demandas da comunidade na qual estão inseridos.

Há, portanto, um interesse em relatar, na poesia, os acontecimentos mundanos que afligem os seres humanos. Os poemas e as idéias não podem, segundo Rich, ficar “deslizando no ar” longe do solo, é preciso aterrissá-los. Sua intenção em politizar a poesia passa pela vontade de democratizar a linguagem. Por isso, mais uma vez, busco aproximar as reflexões do crítico Edward Said acerca do papel dos intelectuais na sociedade moderna à escrita de Rich, pois assim como Said, a poeta procura repensar sua função na sociedade e sua responsabilidade em relação à arte que produz. Ela busca dialogar com outros escritores marginalizados e valorizar a arte que não se prima pelo princípio mercadológico; ao

contrário, em sua visão, o intelectual precisa estar atento ao objetivo e tipo de arte que tem produzido. A poeta conclui seu ensaio “Sangue, pão e poesia” afirmando: “Esse tipo de arte – como a arte de tantos outros não canonizados na cultura dominante – não é produzida como uma mercadoria, mas como parte de uma longa conversa com os antepassados e o futuro”<sup>160</sup> (RICH, 1986, p. 187, tradução nossa). Segundo Rich, seguindo mais uma vez a linha de Arendt, é necessário que haja uma relação orgânica entre a poesia e a ação política que leva à transformação social (1986, p. 184). Sendo assim, uma das formas encontradas pela autora para compreender a importância que a escrita cumpre como forma de ação será partir da geografia mais restrita, ou seja, a partir da teorização do corpo nesse processo. Rich busca entender de que forma o corpo gendrado tem sido um espaço que não somente reflete as opressões sociais, como também resiste a essas imposições, abrindo caminho para uma ação política que se faz através da escrita.

## Capítulo 4

### Corpo e escrita

Uma característica marcante da escrita de Adrienne Rich é o uso das imagens do corpo para falar de sua ação política e para descrever as relações de dominação sofridas pelas mulheres ao longo dos anos. Na busca por compreender o processo de discriminação sexual, a poeta retoma a questão do corpo como uma das principais premissas que justificaram o domínio de um gênero sobre o outro<sup>161</sup>. O retorno ao corpo e a análise da construção cultural discursiva em torno dele possibilitam a compreensão do processo que legitimou a relação de dominação na sociedade. Para a crítica literária Judith Butler “[...] o corpo é apresentado como superfície e cenário de uma inscrição cultural” (2003, p. 186). Os valores traçados nesse cenário encontram legitimidade através do discurso no qual as significações de gênero e identidade do sujeito são articuladas (2003, p. 186). Para ela, o corpo, mais especificamente o corpo feminino, tem refletido a arbitrariedade de um conjunto de demandas sociais.

A partir dessa idéia do corpo feminino como um lugar culturalmente demarcado, enfoco, neste capítulo, algumas questões presentes na obra de Adrienne Rich que perpassam as representações do corpo. Investigo como a poeta e escritora faz do corpo feminino um espaço de reflexão sobre as relações de dominação, resistência e luta das mulheres. Busco compreender de que forma ela teoriza a questão do corpo que, para ela, não é dissociada da ação política dos intelectuais. Nesse sentido, analiso como Rich articula em seu discurso a significação e ressignificação do corpo gendrado através de suas produções críticas e literárias.

Rich procura analisar em vários momentos de sua obra as forças discursivas que são impostas ao corpo feminino. Para a autora, o discurso que estabelece normas que naturalizam o comportamento de homens e mulheres é também responsável pela tradicional divisão entre o corpo e a mente. Em *Da mulher nascida*, a escritora demonstra como a apropriação do corpo das mulheres foi um elemento importante no processo de dominação social. Em sua visão:

A organização física que tem significado, por gerações de mulheres, como involuntária e a maternidade contratada, é ainda um recurso feminino pouco tocado ou compreendido. Temos tido a tendência a *tornar* nossos corpos – de forma cega e escrava, em obediência às teorias masculinas sobre nós – ou tentar existir apesar deles.<sup>162</sup> (1986, p. 285, tradução nossa).

Essa passagem revela a dificuldade em desestruturar as bases da concepção tradicional do corpo das mulheres como espaço de apropriação. O discurso que questiona a função do corpo feminino como sendo diretamente ligado à reprodução e à organização física involuntária, segundo a autora, ainda permanece pouco debatido. Afinal, continuamos a tratar nossos corpos de acordo com as duas definições abordadas pela autora, isto é, nós os tratamos como um objeto aos olhos masculinos ou os conduzimos, mas ignorando suas reais possibilidades e condições. Dessa maneira, um dos maiores desafios impostos às mulheres na modernidade, de acordo com Rich, tem sido questionar as bases do discurso que legitima a cisão entre mente e corpo e repensar novas formas de inverter esse discurso. A poeta procura, não somente através de seus poemas, mas principalmente por meio de seus ensaios críticos, desfazer essa separação e imprimir a visão da correlação cultural e histórica entre o corpo e a mente, principalmente em relação às mulheres.

Analisando a história das mulheres no Ocidente, vimos que elas têm sido colocadas à margem da esfera pública. Mesmo se levarmos em conta os avanços obtidos nas últimas

décadas em relação à participação delas tanto na política quanto na cultura, as mulheres ainda são estigmatizadas por uma suposta inferioridade feminina. Seus esforços na busca por uma participação legítima na política encontram barreiras baseadas nessa noção estereotipada de inferioridade, que embora venham sendo debatidas e questionadas, ainda persistem em muitas relações sociais atuais.

Mark Mazower, historiador britânico, faz um estudo da democracia européia no século XX em seu livro *Continente sombrio* e discute como o controle sobre o corpo passa a ser um elemento importante na concepção da nação moderna. No mundo ocidental, principalmente no período que compreende as duas grandes guerras mundiais, o discurso acerca do controle do Estado sobre o corpo dos indivíduos assumiu uma dimensão visível em relação aos interesses da sociedade capitalista. A diminuição da população européia, que já vinha ocorrendo, se agravou após a Primeira Guerra Mundial e fez com que parte das lideranças governamentais na França, Inglaterra e Alemanha propagasse a idéia da importância da natalidade. A preocupação era principalmente com a queda de nascimento das “raças brancas”. Mazower faz uso dessa expressão para se referir especificamente ao contexto europeu do começo do século XX em que alguns países temiam a miscigenação das raças. Com isso, tais países priorizaram medidas tanto para incentivar o crescimento familiar quanto para reprimir métodos contraceptivos e a realização de abortos.

No discurso da importância da constituição da família fica evidente o interesse do Estado sobre o controle do corpo feminino, pois, recaía sobre as mulheres a responsabilidade e o compromisso em fazer a família crescer (MAZOWER, 1998, p. 87). Dessa forma, a liberdade delas era cerceada, uma vez que seu direito de escolha era negado. A vida das mulheres ficava restrita ao universo familiar, pois quanto mais filhos tinham, menos tempo e condições teriam para o mundo fora de casa. Também é verdade que a

permanência das mulheres dentro de casa configurava um outro interesse do Estado que era a garantia do trabalho doméstico. Se por um lado era forte o argumento de compromisso e dever com sua função reprodutora, por outro as mulheres já demonstravam, nessa época, resistência em submeter seus corpos aos interesses do Estado, como afirma Mazower:

Em toda a Europa, porém, os desejos do Estado e os das mulheres estavam longe de coincidir. Continuou sendo tão difícil fazer cumprir a legislação do século XX sobre o aborto quanto sua equivalente napoleônica. Os processos foram poucos e não tiveram grande impacto sobre uma prática que se mantinha amplamente difundida entre mulheres de todas as classes (1998, p. 94).

Portanto, mesmo sob pesado discurso do ponto de vista legal, moral ou religioso, as mulheres, de alguma forma, continuaram a quebrar a lógica estranha do controle do Estado sobre seus corpos.

Essa idéia do corpo como alvo dos interesses do Estado pode também ser analisada à luz do trabalho de Michel Foucault. Em *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*, Foucault discute o processo histórico da legislação penal e as formas de punição usadas pelo poder público para reprimir os delinquentes. Em sua análise, o corpo se torna um dos principais elementos na compreensão das relações de poder entre o Estado e o indivíduo. Nesse estudo, o autor demonstra que a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder teve início ainda na época clássica. A forma como o corpo passa a ser compreendido favorece o discurso de sua otimização econômica que resulta no domínio e controle dos indivíduos. Em instituições como os hospitais, as prisões, os quartéis, as escolas e principalmente as fábricas, os indivíduos são geograficamente alocados de forma que possam ser observados e vigiados. Foucault demonstra de que forma as disciplinas adotadas por essas instituições modelam o comportamento dos indivíduos, ou seja: “Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada

de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 1991, p. 127). Através desse trabalho exercido sobre o corpo é possível controlar o tempo, o espaço e os movimentos dos indivíduos. O corpo se torna obediente ou dócil; pode ter ao mesmo tempo sua capacidade elevada em relação à utilidade econômica, ou reduzida quanto a sua sujeição.

Portanto, um dos pilares discursivos na organização social da política foi a utilização da imagem do corpo humano como representação do corpo político moderno. De acordo com Susan Bordo,

Na antiga metáfora do corpo político, o estado ou a sociedade foi imaginado como um corpo humano, com diferentes órgãos e partes simbolizando diferentes funções, necessidades, componentes sociais, forças e assim por diante – a cabeça ou a alma para a soberania, o sangue para a vontade do povo, os nervos para o sistema de recompensa e punições, e daí por diante.<sup>163</sup> (1999, p. 251, tradução nossa).

Essa metáfora do corpo humano ilustrava a sociedade como um todo sendo que, para que houvesse harmonia e bom funcionamento desse corpo, os órgãos precisariam ter sintonia entre si e responder aos comandos do cérebro. No entanto, essa idéia corporativista<sup>164</sup>, a partir da visão liberal, revelava fragilidades em sua concepção ao pressupor que os diferentes grupos sociais por ela representados possuíam interesses comuns. Os conflitos entre os grupos que compunham esse corpo eram ignorados e o grupo que apresentasse resistência ao poder soberano era marginalizado. O órgão que não respondia adequadamente aos comandos do cérebro era considerado doente. A anomalia poderia ser tratada ou, em casos mais extremos, o membro poderia ser mutilado. Esse modelo não somente desconsiderou os conflitos entre os diferentes grupos sociais como também determinou a submissão das mulheres nessa representação. A diversidade entre os



gêneros e classes sociais foi ofuscada pelo princípio da universalidade. As mulheres, assim como os negros, os homossexuais, os trabalhadores, entre outros grupos marginalizados, foram excluídas da participação desse corpo político universalizante e idealizado.

Moira Gatens, em “Corporeal Representation in/and the Body Politic” (Representação corpórea no/e o corpo político), analisa as bases da representação do corpo humano na teoria política e demonstra de que forma as mulheres foram subjugadas nesse processo. A imagem eleita para a representação desse corpo, embora tenha a pretensão de ser neutra, revela ter mais características do gênero masculino do que do feminino, como afirma a autora: “A atual crítica feminista tem mostrado que o corpo neutro, assumido pelo estado liberal é implicitamente um corpo masculino”<sup>165</sup> (1997, p. 84, tradução nossa). Algumas características como a saúde e a capacidade física do corpo foram essenciais na elaboração de um discurso que justificasse a soberania de um gênero sobre o outro e estabelecesse as premissas para a participação na vida pública. A suposta fragilidade física das mulheres justificava sua exclusão do exercício político e, conseqüentemente, seu papel secundário nessa representação. As mulheres, quando são agregadas a esse modelo, ocupam, obviamente, uma posição periférica como demonstra Gatens,

As representações do corpo humano são, na maioria das vezes, do corpo masculino e pode ser que nas margens alguém encontre suplementos das representações do sistema reprodutivo feminino: o peito lactante, a vagina, os ovários, partículas de corpos, fragmentos do corpo.<sup>166</sup> (1997, p. 84, tradução nossa).

Essa representação, na margem, demonstra a visão do corpo feminino fragmentado – fragmentos esses que têm uma relação direta com a função reprodutora – ou seja; o corpo é apresentado como objeto a serviço dos interesses da nação. A participação das mulheres na esfera política tem sido um retrato dessa representação. Em grande parte, suas

participações têm se dado de forma isolada, pois ao longo dos anos, tem sido pequena sua presença no centro do corpo político.

Embora Foucault não tenha feito, nesse estudo, referências específicas ao corpo das mulheres, interessa-me aqui traçar essa relação análoga, verificando como o discurso patriarcal “fabrica” o corpo feminino, isto é, de que forma o corpo feminino mais que o masculino se torna um objeto modelado e controlado na sociedade moderna. Através do discurso patriarcal, o corpo feminino se torna propriedade do controle masculino. Nesse sentido, a sujeição das mulheres vai sendo sutilmente construída através dos discursos e reforçada por instâncias sociais como a família, a igreja, a justiça, entre outras. Os dispositivos disciplinares analisados por Foucault em relação ao corpo humano se ajustam perfeitamente ao corpo e comportamento femininos. De acordo com Foucault,

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (1991, p. 153).

De forma semelhante ao adestramento analisado por Foucault, o patriarcalismo encontrou sua forma discursiva de disciplinar o corpo feminino. A partir do discurso, o sistema patriarcal não só naturaliza a submissão do gênero feminino ao masculino como reitera a relação hierárquica entre eles. A internalização desse discurso acerca da disciplina reforça a submissão das mulheres e reduz as possibilidades de elas agirem como sujeitos.

Bordo afirma que o feminismo inverteu a metáfora do “corpo político” encontrada nos filósofos do passado para “as políticas do corpo” no presente. Essa outra dimensão apresentada pelo feminismo tem possibilitado uma discussão mais ampla a respeito do papel das mulheres na sociedade e favorecido uma nova visão em relação à representação do corpo feminino, não só no contexto sócio-cultural, mas também político. Sendo assim,

torna-se fundamental reconhecer ainda o corpo como um meio de cultura. De acordo com Liz Yorke,

O corpo feminino é sempre mediado pela linguagem. A forma como compreendemos nossos corpos tem sido constantemente modelada de acordo com os significados psíquicos e sociais difundidos pela cultura da mesma forma que nossa visão de nós mesmas é construída em relação aos contextos geográficos, temporais e familiares.<sup>167</sup> (1997, p. 15, tradução nossa).

O reconhecimento do corpo como um espaço de expressão cultural nos possibilita compreender, por exemplo, o momento atual. A preocupação com o corpo feminino tem atendido cada vez mais às demandas de um ideal de feminilidade imposto pelos meios de comunicação. Talvez estejamos vivendo o momento no qual a “docilidade” do corpo, ou seja, o corpo obediente e sujeito às mais diversas modificações da forma como Foucault compreende, esteja sendo levada às últimas conseqüências. O corpo exageradamente magro, perfurado ou moldado pelos ajustes cirúrgicos se tornou o espaço que reflete essas demandas sócio-culturais. Por isso, esse reconhecimento do corpo como meio de expressão cultural é fundamental na criação de possibilidades de intervenção política.

Apoiada na discussão de Susan Bordo em “Feminism, Foucault and the Politics of the Body” (Feminismo, Foucault e as políticas do corpo), pode-se perceber os desdobramentos do discurso acerca do corpo feminino como espaço de apropriação e dominação para compreender as formas que Adrienne Rich, assim como outras escritoras contemporâneas, tem encontrado para ressignificar esse discurso. A temática do corpo feminino como um instrumento apropriado, seja para atender aos interesses do Estado, seja para corresponder aos prazeres dos homens, é o foco principal da análise de Rich em *Da mulher nascida*. Embora seu objetivo primeiro seja abordar as implicações da maternidade como experiência e instituição, a poeta acaba realizando um estudo detalhado das diversas

representações do corpo feminino e suas complexidades na relação com os homens e com os organismos de poder do Estado. Rich instiga as mulheres a desvendar e conhecer as possibilidades do próprio corpo, não permitindo que o sistema patriarcal perpetue a dominação que até então tem sido garantida. Em sua visão fica evidente como o corpo feminino cumpre o papel de responsável pelos interesses do Estado ao ser a fonte de reprodução da vida humana.

De maneira análoga, Bordo se apóia nas idéias de Foucault para analisar a relação de poder sobre o corpo das mulheres na contemporaneidade. Para isso, apresenta duas vertentes do pensamento foucaultiano debatidas pelo movimento feminista. A primeira tem como orientação o referencial marxista e a segunda o pós-modernista. Se na primeira vertente as mulheres são sempre consideradas objetos do desejo masculino e se encontram alienadas nas relações de poder, atendendo aos interesses da sociedade capitalista; a vertente pós-moderna considera outras tensões na relação de dominação, pois, de acordo com essa visão, as mulheres nem sempre são dominadas ou estão alienadas por também exercerem ativamente o poder. Em outras palavras, para o pós-modernismo existem espaço e possibilidade de questionamento sobre a posição das mulheres em relação ao poder (BORDO, 1999, p. 254).

Nesse sentido, Bordo discute os elementos discursivos que formam e reforçam o ideal de feminilidade, mas também questiona a posição das mulheres nesse processo. Segundo a autora, “[...] em questões de beleza e feminilidade são as *mulheres* as responsáveis por qualquer escravização que sofrem pelos caprichos e tiranias corporais da ‘moda’”<sup>168</sup> (BORDO, 1999, p. 251, tradução nossa). A obsessão com a realização das mudanças no corpo tem sido uma resposta às exigências do ideal de beleza impostas pelos meios de comunicação de massa.

A partir das idéias foucaultianas, Bordo reconhece que o poder moderno é descentralizado, isto é, ele está disseminado e presente nas relações cotidianas em toda a estrutura social. No entanto, o fato de ele se configurar através da impessoalidade não significa que não haja uma diferenciação entre os membros que fazem parte e participam dessas relações como afirma a autora: “[...] o fato do poder não ser mantido por *alguém* não requer que ele esteja igualmente mantido por *todos*. Ele não é ‘mantido’ por ninguém; mas as pessoas e os grupos *estão* posicionados diferentemente dentro dele”<sup>169</sup> (BORDO, 1999, p. 253, tradução nossa). Essa diferença nos posicionamentos nos permite visualizar como as práticas discursivas assumem um papel importante no processo da dominação de um gênero sobre o outro. São as práticas discursivas que informam e garantem a internalização das normas sociais. Por isso, o discurso assume um papel importante, pois além de informar e impor regras ele também oculta as forças dominantes e silencia os dominados. Segundo a autora: “Para Foucault, o poder moderno (que se contrapõe ao poder soberano) é não-autoritário, não-conspirador e, de fato, não-orquestrado; ainda assim, produz e normaliza os corpos para atender às relações predominantes de domínio e de subordinação”<sup>170</sup> (BORDO, 1999, p. 252, tradução nossa). Mesmo compreendendo que o poder se encontra disseminado entre os mais diversos campos que compõem a vida dos indivíduos, ainda assim, podemos considerar que pelo menos no mundo ocidental predomina a relação de dominação masculina e a submissão feminina.

Não se trata, portanto, de opção entre as vertentes marxista ou pós-moderna, mas de considerar que ambas são importantes na compreensão das relações de poder do corpo como Bordo conclui, “[...] ambas as perspectivas, eu argumentaria, são essenciais para a compreensão teórica adequada do poder e do corpo”<sup>171</sup> (1999, p. 255, tradução nossa). Embora aceitando que o poder se encontra descentralizado na contemporaneidade e que as

mulheres, no mundo de hoje, têm mais autonomia em relação aos seus corpos, ainda assim a questão crucial da submissão de seus corpos se baseia nas premissas do discurso patriarcal. Esse argumento perpassa também a teorização feita por Rich acerca das representações do corpo feminino.

### **Corpo apropriado<sup>172</sup>**

Rich busca, através da representação do corpo, espaços para intervir na sociedade. Sendo assim, grande parte de seus poemas privilegia imagens do corpo como um instrumento que reflete as relações de poder na sociedade. Também em *Da mulher nascida*, ela analisa as raízes do poder patriarcal e a forma pela qual as mulheres se sujeitaram ao domínio masculino. Rich procura abordar todas as questões que envolvem o corpo feminino, tanto do ponto de vista físico, quanto sócio-econômico e cultural. Em sua análise, o matrimônio e a maternidade se constituem como instituições que visam primordialmente à exploração de interesses econômicos e políticos.

A poeta parte do eu para compreender o outro, do pessoal para o político; por isso utiliza também sua obra crítica para relatar, ao leitor, sua própria experiência. Rich relata sua experiência na ocasião da primeira gravidez, separando a maternidade biológica da maternidade institucionalizada. Revela sua alienação quanto ao desconhecimento das condições do próprio corpo e em corresponder ao comportamento esperado pela sociedade. Segundo ela, o discurso acerca da maternidade impõe às mulheres regras de comportamento que reforçam o comodismo e limitam suas atividades intelectuais. Assim admite: “Eu me distanciei tanto da minha experiência física imediata quanto da minha vida intelectual”<sup>173</sup> (RICH, 1995, p. 39, tradução nossa). A razão desse distanciamento é que ela

se deixou levar pelo discurso que rotulou a experiência, ao invés de observar e sentir de fato sua própria vivência. Por essa razão, ela desmistifica o discurso que impõe comportamentos, ou seja, para ela, “A maternidade institucionalizada demanda das mulheres o ‘instinto’ maternal no lugar da inteligência, a abnegação ao contrário de auto-realização e a relação com os outros ao invés da criação do eu”<sup>174</sup> (1995, p. 42, tradução nossa). Embora tenha explicitado sua angústia nesse processo, a poeta procura inverter as questões que objetivam justificar a fragilidade física e a força das mulheres para demonstrar que, contrariamente à idéia de vulnerabilidade inerente à condição feminina, a capacidade de procriar comprova a resistência física das mulheres. Ao refletir sobre a própria experiência, Rich afirma:

Estou convencida [...] que a biologia da mulher – a difusa, sensualidade intensa irradiando do clitóris, seios, útero e vagina; os ciclos lunares da menstruação; a gestação e o gozo de vida os quais podem ocorrer no corpo feminino – tem de longe mais implicações radicais do que possamos chegar ainda a apreciar. O pensamento patriarcal tem limitado a biologia da mulher às próprias especificações. A visão feminista tem recuado em relação à biologia feminina por essas razões. Eu acredito que ainda alcançaremos a visão de nossa fisicalidade como recurso em vez de destino.<sup>175</sup> (1995, p. 39-40, tradução nossa).

Nessa passagem, a poeta aponta novas possibilidades para compreender a fisicalidade das mulheres em contraposição à limitação imposta pelo sistema patriarcal. Rich responsabiliza o sistema patriarcal por reduzir a biologia da mulher aos seus interesses através do discurso que a rotula de complexa, instintiva, sagrada, entre outras definições que limitam as mulheres. Por essa razão, segundo Rich, cabe a elas compreender sua corporalidade para reverter esse discurso.

Nessa obra, a poeta demonstra de que forma o corpo feminino é manipulado pelas instituições de controle social e aponta a dificuldade enfrentada pelas mulheres no combate ao discurso patriarcal. Por isso, ela expõe a ambivalência da figura materna demonstrando

que os diversos sentimentos que perpassam o cotidiano das mães tais como o ódio, a impaciência, o descontentamento com a rotina, entre outros, que são silenciados e não assumidos, na maioria das vezes, ocorrem por temor ao sentimento de culpa. Essa culpa surge por não se forçarem a suportá-los ou até mesmo por admitirem experimentar tais sentimentos que não correspondem ao ideal da figura materna. O fato de a escritora ter assumido esses sentimentos contraditórios foi, na verdade, uma forma de se contrapor ao discurso estabilizador da imagem angelical e passiva comumente esperada das mães. Na visão de Yorke,

Os argumentos de Rich pressupõem que o corpo materno é vívido: ele está em suas especificidades ligado diretamente aos domínios social e político e é um lugar crucial de luta no qual as instituições culturais de ordem psicanalítica, sexual, tecnológica, econômica, médica, legal, entre outras, disputam o poder.<sup>176</sup> (1997, p. 65, tradução nossa).

Como essa citação demonstra, Rich revela os propósitos do discurso patriarcal ao estabelecer a maternidade como destino das mulheres. A poeta analisa a maternidade do ponto de vista racional, buscando se distanciar do discurso moral que tornam as mulheres alienadas e acomodadas a essa condição. Nessa análise, através da escrita, Rich abre espaços para a consciência crítica das contradições, ambigüidades e imposições nas experiências das mulheres como mães (YORKE, 1997, p. 66). Se o que direciona e controla o comportamento das mulheres está fundamentalmente ancorado no discurso, só lhe resta então desestabilizar esse discurso. Por isso, ela busca compreender as bases do discurso patriarcal para, em um segundo momento, desqualificar esse discurso. Ao fazer isso, Rich não só tensiona a autoridade patriarcal como também questiona as bases que sustentam a organização política e social, como Yorke afirma:

Rich enfaticamente desafia os conhecimentos definidos pelos homens e as estruturas sóciopolíticas ao identificar as múltiplas formas nas quais eles têm constrangido e subjugado os corpos das mulheres através da



história em diferentes épocas e em diferentes partes do mundo.<sup>177</sup> (1997, p. 66, tradução nossa).

Como reitera a autora, a dominação sofrida pelas mulheres, nas relações sociais, está fundamentalmente ligada ao domínio que os homens exercem ao longo dos anos sobre seus corpos. Esse domínio tem também relação com os interesses econômicos na sociedade capitalista. Para a poeta, “o corpo feminino tem sido tanto território quanto máquina, a selva virgem a ser explorada e a linha de montagem que produz vida”<sup>178</sup> (1995, p. 285, tradução nossa). Em outras palavras, o corpo das mulheres se tornou um instrumento a serviço das instituições sóciopolíticas e culturais. O discurso que justifica o papel secundário das mulheres na sociedade reforça a idéia de sua função reprodutora e estabelece as diretrizes que configuram o ideal de feminilidade. Nesse ideal, as mulheres têm que se adequar a um padrão que corresponda às expectativas em relação a uma determinada postura. A delicadeza e a fragilidade são atributos tradicionais que valorizam o corpo em detrimento da capacidade de raciocínio e fortalecem o discurso que visa perpetuar a subordinação feminina.

A tradicional dissociação do corpo e mente favorece o processo de submissão por desvalorizar a mente e transformar o corpo em objeto. Esse desmembramento enfraquece, sobretudo, as mulheres que, ao internalizar esse discurso, acabam reforçando a suposta vulnerabilidade feminina. Esse será um dos principais aspectos enfocados por Rich no combate ao discurso que estabeleceu a relação dicotômica entre os homens e as mulheres. O discurso que naturaliza a separação entre a mente e o corpo tem por objetivo descaracterizar a capacidade intelectual feminina e intensificar a idéia do corpo feminino como lugar de apropriação. Sendo assim, Rich procura reverter esse discurso demonstrando

como a tomada de consciência dessa imposição cultural é importante na conquista da autonomia das mulheres sobre seus corpos.

A partir das reflexões sobre o próprio corpo quando estava grávida, a poeta conclui: “O que me mobilizou no final foi a determinação em recuperar – o que uma mulher pode, na medida do possível, junto com outras mulheres – a separação entre corpo e mente; não me perder jamais tanto psíquica e fisicamente daquela forma”<sup>179</sup> (RICH, 1995, p. 40, tradução nossa). Ela admite suas dificuldades com a experiência da maternidade, por isso, reforça a importância de buscar mudanças na condição das mulheres. Em sua visão, restabelecer a união do corpo e da mente, principalmente no caso das mulheres, é um dos primeiros passos na conquista por sua autonomia. Segundo a autora: “Para viver uma vida plenamente humana precisamos não somente do controle sobre nossos corpos (embora o controle seja um pré-requisito); temos que tocar a unidade e ressonância de nossa fisicalidade, nossa ligação com a ordem natural, a base corporal de nossa inteligência”<sup>180</sup> (RICH, 1995, p. 40, tradução nossa). Para ela, não basta somente re-apropriar o corpo, mas, é necessário também que as mulheres consigam restabelecer o vínculo entre a razão e a corporalidade. Em outras palavras, para alcançar o controle sobre suas vidas, elas devem assumir o domínio dos próprios corpos. Em outra passagem, Rich demonstra claramente sua consciência dessa apropriação pelas mulheres de seus próprios corpos:

No argumento de que ainda não conseguimos explorar ou entender nossa base biológica, o milagre e paradoxo do corpo feminino e seus significados político e espiritual, pergunto se realmente as mulheres não podem começar enfim, a *pensar através do corpo*, conectar o que foi tão cruelmente desordenado – nossa grande capacidade mental, raramente usada; nosso senso tangível altamente desenvolvido; nossa índole pela observação de detalhes; nossa complicada, permanente, doida e multi prazerosa fisicalidade.<sup>181</sup> (1995, p. 284, tradução nossa).

Rich mais uma vez reitera a relevância de agregar o que foi dividido, por isso “pensar através do corpo” é responder às necessidades do próprio corpo, e utilizar a “capacidade mental”, ao invés de permitir que o corpo seja submetido à vontade de outrem. Através dessa passagem, percebemos que a poeta tem consciência da importância da ressignificação do corpo feminino, desta vez pelas próprias mulheres. Por isso, Rich demonstra a relevância em compreender o significado político que o corpo assume, isto é, a suposta inferioridade das mulheres não é uma questão natural e sim construída pelo discurso. O que Rich reivindica, na verdade, é a reunião do que foi historicamente fragmentado: razão e emoção. Sendo assim, através da politização e da inversão do discurso dominante, é que novas possibilidades são abertas para a ressignificação desse discurso.

Por suas reflexões claras e contundentes em *Da mulher nascida*, Rich chocou a opinião pública na época de sua publicação e sofreu várias críticas. Alexander Theroux, em sua resenha sobre o livro, afirma: “*Da mulher nascida*, desperta em mim, francamente, como um tipo de colapso nervoso, um exorcismo, um exame de consciência”<sup>182</sup> (COOPER, 1984, p. 307, tradução nossa). O crítico condena, principalmente, o fato de Rich ter feito uso de sua experiência pessoal para teorizar sobre a maternidade como instituição. Theroux não somente ironiza o trabalho de Rich ao se referir ao livro como “as confissões da santa Adrienne” ao invés de um manifesto feminista, como também classifica de exagerada a sua análise do sistema patriarcal (1984, p. 304).

Contudo, uma parte considerável das idéias formuladas no livro *Da mulher nascida* já sofreu avanços ao longo dos 31 anos que se passaram, desde sua primeira publicação em 1976, mas essa obra ainda é um trabalho profundo e consistente sobre as questões que afligem as mulheres.

A temática do corpo gendrado também explorada em *Da mulher nascida* está presente também em seus poemas. Em “Os tigres da tia Jennifer”, já explorado no capítulo um, Rich demonstra estar ciente da apropriação masculina do corpo da mulher. Por isso, usa a imagem das mãos da tia Jennifer para demonstrar a submissão a qual estavam sujeitas as mulheres: “os dedos da tia Jennifer manuseiam a lã/acham difícil até puxar a agulha de marfim” e “quando a tia estiver morta, suas mãos aterrorizadas irão repousar/todavia marcadas pelas provações a que ela se submeteu” (1993, p. 4, tradução nossa). Nesse poema, o corpo responde às tensões vividas por meio das reações demonstradas em: “mãos aterrorizadas” e “os dedos acham difícil”. Anos mais tarde, a poeta faz referência ao poema no ensaio crítico “Quando despertamos de entre os mortos: a escrita como re-visão” para mostrar que, mesmo na época em que escreveu o poema, quando ainda era muito jovem e influenciada por outros poetas, ela reconhecia a submissão das mulheres. No entanto, ainda não se sentia preparada para assumir sua própria visão crítica na escrita. Segundo ela: “Naqueles anos, formalismo era parte da estratégia – como luvas de asbestos, isso me permitia lidar com materiais os quais eu não podia manusear de mãos vazias. Uma estratégia posterior foi o uso do eu poético masculino [...]”<sup>183</sup> (1979, p. 40-41, tradução nossa). Tanto a preocupação com a forma do poema quanto o uso de um eu poético masculino foram estratégias usadas por ela para entremear aspectos da experiência feminina que demonstram uma certa relação de sujeição.

Rich deixa claro também, nesse ensaio, que durante aproximadamente 20 anos, a partir do começo de sua produção poética, ela escrevia sob forte influência do pai que era seu principal crítico e incentivador. Relata que em toda a poesia com a qual estabelecia contato, nessa época, as mulheres eram representadas apenas como habitantes dos poemas escritos pelos homens, representadas pela beleza e juventude ou ameaçadas pela falta

desses atributos (RICH, 1979, p. 39). Em outras palavras, as mulheres eram retratadas como objetos através das características físicas e de seus corpos.

Rich analisa, nesse ensaio, a forma como a figura masculina é retratada na poética de Sylvia Plath e de Diane Wakoski. Em sua visão: “O que me impressiona no trabalho de ambas é que o Homem aparece como, senão um sonho, um fascínio e terror, e que a fonte de fascínio e terror é, o poder do Homem – de dominar, tiranizar, escolher, ou rejeitar a mulher”<sup>184</sup> (1979, p. 36, tradução nossa). O contraponto dessa representação é que a imagem feminina aparece como inferiorizada. Para Rich, mesmo considerando que tais argumentos são o que move a poesia dessas autoras, é importante também ressaltar que existe um componente histórico que diferencia os papéis atribuídos a cada gênero, os quais podem ter influenciado as duas poetisas. Segundo Rich:

Enquanto a mulher tem sido uma magnificência para o homem e tem servido como o modelo do pintor e a musa do poeta, mas também a consoladora, enfermeira, cozinheira, a condutora da semente dele, sua secretária assistente e relatora de manuscritos, o homem tem representado um papel bem diferente para a mulher artista.<sup>185</sup> (1979, p. 36, tradução nossa).

Nessa diferenciação apontada pela autora, o carisma do homem, retratado pela artista, está na maioria das vezes relacionado ao seu poder sobre ela (RICH, 1979, p. 36). A representação da mulher sempre esteve tradicionalmente vinculada à idéia de servidão e utilidade. Tal idéia tende a fortalecer cada vez mais seu papel secundário na sociedade. Rich prossegue sua análise demonstrando que um dos maiores desafios da mulher escritora, nessa época, ecoando uma das premissas básicas de Woolf em *Um teto todo seu*, era encontrar referências femininas que pudessem colocar a mulher escritora em contato consigo mesma. Segundo seu ponto de vista: “[...] mas precisamente o que ela [a mulher escritora] não encontra é aquela pessoa meditativa, monótona, confusa, de vez em quando

entusiasmada, ela mesma, que se senta na escrivinha tentando articular as palavras”<sup>186</sup> (1979, p. 39, tradução nossa). Uma vez representada somente através de imagens, em sua maioria silenciada, a mulher escritora não conseguia estabelecer nenhuma ligação com o que ela percebia em si mesma, ou seja; suas contradições, sentimentos e frustrações não eram retratados.

Nesse sentido, quando Rich opta por relatar o cotidiano de uma mulher (tia Jennifer), aparentemente comum, já revela sua intenção em estabelecer uma relação mais próxima com as mulheres de seu tempo e seus cotidianos em contraposição aos mitos femininos usados pelos poetas masculinos. Rich elege uma figura feminina diferente daquelas apresentadas pelos poetas e mostra o trabalho que essa mulher realiza. Também é verdade que, embora oprimida, a tia Jennifer não é retratada como absolutamente alienada na esfera doméstica, pois o trabalho da tapeçaria realizado por ela sugere a semelhança e permanência do trabalho da escrita: “Os tigres na tapeçaria que ela fez/continuarão a marchar, orgulhosos e destemidos” (RICH, 1993, p. 4, tradução nossa). Rich declara ainda que: “Foi importante para mim que a tia Jennifer fosse uma pessoa diferente de mim tanto quanto possível – distanciada pelo formalismo do poema, pelo seu tom objetivo e observador – até por colocá-la em uma geração diferente da minha”<sup>187</sup> (1995, p. 40, tradução nossa). Se, por um lado, a poeta assume, nesse ensaio, que o “formalismo” no poema era uma estratégia que a preservava na composição poética do período; por outro lado, tal estratégia revela principalmente seu grau de dependência da opinião masculina. Embora houvessem diferenças entre a imagem da tia Jennifer e a poeta, e mesmo delimitando o distanciamento entre elas, percebemos que Rich, já nesse poema, começa a abordar as mulheres vistas a partir do olhar de outra mulher, pois, mesmo se colocando à distância, a poeta busca compreender a experiência da mulher relatada no poema, revelando

sua identificação com essa mulher. A poeta demonstra, dessa forma, a condição submissa a qual as mulheres estavam sujeitas tanto na sociedade quanto em relação à cultura. Sendo assim, se por um lado o poema “Os tigres da tia Jennifer” reflete sua intenção em retratar a mulher comum, abandonando os “mitos” usados pelos poetas da época; por outro lado, o poema sugere a impossibilidade de mudança, naquele momento, na condição dessa mulher, pois sua liberdade só acontecerá quando ela estiver morta.

A visão do corpo feminino como propriedade a serviço dos interesses da nação, neste caso, da formação da nação, parece visível nessa passagem do seu longo poema “From an Old House in América” (De uma velha casa na América):

“acorrentada aos corpos do meu lado  
Eu sinto minhas dores começarem

Sou levada a esse continente  
mandada aqui para ser frutífera

meu corpo um navio vazio  
produzindo filhos para essa selva

filhos que irão partir  
em seus cavalos, filhas

as quais os sucos irão desaguar como o meu  
dentro do *arroyo*<sup>188</sup> de parto de crianças mortas, massacres [...] <sup>189</sup>  
(GELPI, 1975, p. 79, tradução nossa)

Nessa passagem, Rich retrata o passado histórico da chegada das mulheres ao continente norte-americano. A poeta retoma a época da colonização para demonstrar o papel das mulheres como responsáveis por procriar e povoar a nação que estava se formando. Em: “meu corpo um navio vazio/produzindo filhos para essa selva”, percebemos como o corpo da mulher é objetificado e colocado a serviço dos interesses da nação. O poema também demonstra os diferentes papéis atribuídos aos gêneros, uma vez que os

filhos terão liberdade, pois “irão partir em seus cavalos”, enquanto as filhas estão predestinadas a seguir o mesmo caminho da mãe.

### **Corpo erotizado**

Em “O jogo das curvas”, Selma Regina Nunes Oliveira discute a representação do corpo feminino nas histórias em quadrinhos produzidas nos Estados Unidos e veiculadas no Brasil. Nesse trabalho, Oliveira focaliza as imagens da mãe, da criança e da mocinha ou vilã para analisar o corpo maternizado, o corpo infantilizado e o corpo erotizado (2002, p. 34). Enquanto nas figuras da mãe e da criança existe a preocupação em ressaltar atributos que descaracterizam os aspectos sexuais, a figura da mocinha ou vilã é carregada de “curvas”, exaltando os seios e coxas. O discurso é ambivalente à medida que o mesmo corpo objeto de desejo é deserotizado na condição materna. A mesma representação do corpo feminino presente no imaginário masculino encontra correspondência no olhar das mulheres que vêem em tal representação um ideal de beleza que buscam para si mesmas. A partir da análise dos desenhos, a autora demonstra que tanto o corpo maternizado quanto o corpo infantilizado, embora apresentem ausência de traços que revelam sensualidade, reforçam a imagem do corpo feminino como espaço de apropriação e controle do outro. Segundo a autora,

[...] nas histórias em quadrinhos, o corpo feminino é construído, reelaborado e reatualizado, não como corpo-sujeito, mas como corpo-território para posse e deleite do outro, ou corpo-padrão, no qual as múltiplas identidades da mulher são unificadas e fixadas em representações que significam e resignificam (sic) uma instância de vigilância e controle sobre sua sexualidade. (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

Assim como na escrita de Rich, já mencionado, o corpo feminino nas histórias em quadrinhos é também representado como território a ser apropriado. Da mesma forma, Rich



busca o corpo-sujeito como forma de romper com esse controle sobre a sexualidade, analisado por Oliveira. Em “21 Poemas de amor”, a poeta inverte a representação tradicional do corpo feminino ao eleger o erotismo entre duas mulheres. Rich tira da clandestinidade o lesbianismo, abrindo possibilidades para uma nova forma de exploração do corpo. Segundo seu ponto de vista, a institucionalização da relação heterossexual, através do casamento assim como a maternidade, está, na maioria das vezes, a serviço dos interesses patriarcais. A poeta procura, entretanto, reduzir o distanciamento entre as lésbicas e as heterossexuais. Segundo Liz Yorke: “Ela convida as mulheres para se unirem nos interesses de todas as mulheres a forjarem uma identidade política que seja capaz de abarcar todas as sombras de diferença entre os pólos da dualidade”<sup>190</sup> (1997, p. 78, tradução nossa). Mesmo reconhecendo a existência de tensões e diferenças entre elas, Rich aposta na adesão das mulheres aos interesses que sejam capazes de tornar as políticas da sexualidade mais flexíveis.

Seus poemas da coletânea: *O sonho de uma linguagem comum* privilegiam a relação amorosa entre mulheres, apresentando novas possibilidades de vivenciar o corpo. Ela deixa claro que mesmo sendo iguais em relação ao gênero, suas individualidades e diferenças estão resguardadas como parece visível no poema XII:

Dormindo, girando em círculo como os planetas  
rodando em seu prado de meia noite:  
um toque é suficiente para nos mostrar que  
não estamos sozinhas no universo, nem mesmo no sono:  
os fantasmas do sonho de dois mundos  
caminhando em sua cidade fantasma, quase  
se dirigem ao outro.  
Tenho me despertado para suas palavras emudecidas  
faladas à luz ou à sombra de anos passados  
como se minha própria voz tivesse falado.  
Mas temos diferentes vozes, mesmo no sono,  
e nossos corpos, tão semelhantes, são ainda tão diferentes  
e o passado ecoando através de nossa corrente sanguínea  
é carregado com uma linguagem diferente, diferentes significados –

embora em qualquer crônica do mundo que dividimos  
isso poderia ser escrito com um novo significado  
nós seríamos duas amantes de um único gênero,  
nós seríamos duas mulheres de uma única geração.<sup>191</sup> (RICH, 1978, p.  
30-31, tradução nossa).

Rich explicita sua intenção em ressignificar a relação de amor entre duas mulheres que é condenada pelas convenções sociais: “isso poderia ser escrito com um novo significado” (1978, p. 31). Rich aponta a cumplicidade e identidade entre elas através da capacidade que uma tem em compreender a outra, “tenho me despertado para suas palavras emudecidas” (1978, p. 30). Nessa coletânea, Rich abre novas possibilidades de vivenciar o corpo feminino como Sandra Almeida afirma, “A metáfora do corpo [...] pode ser visualizada como uma corporificação de múltiplas formas de pertencimento, errância, desterritorialização e movência” (2003, p. 103). Rich procura desestabilizar a visão do corpo feminino como um objeto estável e territorializado. Penso que ao questionar a relação heterossexual, Rich não está abordando somente a dominação masculina sobre a mulher, mas provocando as mulheres para que mantenham a interrogação contínua dos seus próprios desejos. Por isso, a poeta faz questão de ressaltar as diferenças entre as duas amantes no poema XII. Nesse sentido, sua obra parece ecoar o pensamento do sociólogo inglês Anthony Giddens a respeito do papel da sexualidade na sociedade moderna, que se baseia principalmente no constante questionamento do eu (GIDDENS, 1993, p. 25).

Em *A transformação da intimidade*, o autor busca compreender os elementos que contribuíram para a “Revolução Sexual” ocorrida nos últimos 40 anos. Segundo Giddens, a busca pela autonomia sexual feminina, o “florescimento” da homossexualidade, tanto masculina quanto feminina, e o surgimento da “sexualidade plástica” – liberada da função reprodutora – foram fundamentais para que a discussão sobre a sexualidade tomasse uma dimensão mais ampla na sociedade. A partir do conceito de “reflexividade social”, Giddens

analisa as variáveis que contribuem para essas mudanças em relação à sexualidade. Nas palavras do autor: “A reflexividade social refere-se à necessidade de estarmos sempre pensando, ou refletindo, a respeito das circunstâncias em que nossas vidas se desenrolam” (GIDDENS, 2005, p. 540). Essa necessidade de reflexão apontada pelo sociólogo demonstra as inquietações dos indivíduos frente a um mundo em descontrole no qual a informação e a globalização têm atribuído um novo significado à noção de tempo e espaço na vida das pessoas. Em meio a tempestade de informações e rápidas transformações, o questionamento do eu tem sido uma constante no processo de reconfiguração da auto-identidade. Para Giddens, “hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro” (1993, p. 41). Em seu raciocínio, a questão vai além da identidade sexual que, claro, é importante no processo da auto-identidade<sup>192</sup>, mas, ainda assim, as indagações acerca da existência continuam.

A reflexividade aplicada ao eu e à sexualidade se refletem principalmente no corpo. Segundo Giddens, o corpo “[...] torna-se um portador visível da auto-identidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida” (1993, p. 42). Tanto a preocupação excessiva com dietas de emagrecimento quanto as perfurações, tatuagens e intervenções cirúrgicas são aspectos que demonstram que o corpo se tornou um lugar de expressão da identidade. Essa questão enfocada pelo sociólogo se ajusta à escrita de Rich no que diz respeito à sexualidade. Ao questionar o domínio do estereótipo heterossexual, a poeta busca compreender a sexualidade sob o aspecto do direito à escolha, isto é, ela reivindica que a relação heterossexual seja apenas uma entre as outras preferências sexuais. Para Giddens:

Hoje em dia a 'sexualidade' tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós 'tem', ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (1993, p. 25).

Pode-se dizer que essa passagem remete à escrita de Rich, nesse caso a poesia, que aponta para a direção de transgredir o papel socialmente “preestabelecido” pelas instituições sociais. Esse posicionamento presente na lírica é igualmente assumido na prosa. Em uma entrevista realizada em junho de 1999<sup>193</sup>, o entrevistador Michael Klein pergunta a Rich: “Uma consciência política forte lhe possibilitou se revelar sexualmente. Os poetas homossexuais ou não de alguma forma têm que se revelar?”<sup>194</sup> e a poeta responde:

Sim, no sentido de como você se relaciona com o mundo e de como você define esse mundo com o qual quer se relacionar. As relações que eu estabelecia com o mundo ao me revelar – assumindo seja qual for o tipo de sexualidade – tinha a ver com o fato de que antes eu criticava a identidade convencional dos homens e mulheres na qual grande parte da poesia do ocidente se baseava, as visões acerca dos espaços público e privado, [e o fato] de que os dois nunca entrarão em acordo – a mulher limitada à esfera privada e o homem à esfera pública.<sup>195</sup> (1999, tradução nossa).

A revelação acerca de sua sexualidade está fundada nas interrogações que ela vinha fazendo a respeito dos diferentes papéis e espaços atribuídos tanto a homens quanto a mulheres na sociedade. Rich demonstra coerência entre o que defende na escrita e o que vive na prática. Por isso, procura colocar a questão da sexualidade também no âmbito da política, pois, para ela, o privado sempre foi também público. Dessa forma, a poeta não só critica o binarismo imposto pelo sistema patriarcal como aposta em políticas que vão de fato respeitar e garantir a liberdade de escolha das pessoas.

Em seu ensaio “Anotações sobre uma política do local”, a poeta resgata a idéia marxista de materialidade como forma de demonstrar que o corpo físico é a base de toda e qualquer experiência humana. Diz a autora:

Mas para muitas mulheres que conheço a necessidade de começar com o corpo feminino – nosso próprio – era compreendida não se ajustando ao princípio marxista *para as* mulheres, mas estabelecendo as bases de onde pudessem falar com autoridade *como* mulheres. Não transcender esse corpo, mas recuperá-lo. Re-vincular nosso pensamento e fala com o corpo desse ser humano particular individual, uma mulher.<sup>196</sup> (1986, p. 213, tradução nossa).

Como mostra essa citação, partir do próprio corpo e compreender as experiências nele refletidas significa, portanto, assumir a responsabilidade por esse corpo, base necessária para exercer a “autoridade como mulheres”. Por essa razão, Rich reforça a idéia de reunir o que foi historicamente desvirtuado através do discurso, o corpo e mente das mulheres. A poeta contrapõe a matéria e a abstração e a teoria e a prática para mostrar que deve haver uma relação de proximidade maior entre elas; caso contrário, a teoria não sairá do campo da abstração e, nesse caso, as mulheres ficarão distantes de uma prática capaz de alterar sua condição. Segundo a poeta: “Teoria – a visão padronizada, mostrando a floresta assim como as árvores – a teoria pode ser o orvalho que surge da terra, se junta às nuvens e retorna para a terra repetidas vezes, mas se ela não tem cheiro da terra, não será boa para a terra”<sup>197</sup> (RICH, 1986, p. 213, tradução nossa). A teoria precisa estar relacionada à prática; caso contrário, a seu ver, de nada valerá para a prática. Sendo assim, para Rich, é necessário materializar a discussão sobre a condição das mulheres, reforçando a idéia de uma ação política que se contrapõe a um modelo preestabelecido de comportamento social.

### O corpo resistente

A partir do reconhecimento da importância da sexualidade na vida dos indivíduos, a escritora percebe a necessidade de se organizar politicamente para resistir às imposições sociais. Rich passa a declarar publicamente, através de seus ensaios críticos e entrevistas, a importância do ativismo político como forma de enfrentamento ao poder público. Através de um discurso político que denuncia a tradicional representação do corpo das mulheres objetificado, a poeta demonstra a necessidade de partir do concreto para desestabilizar o abstrato, isto é, da teorização sobre o corpo físico para o questionamento às imposições culturais discursivas que são refletidas nele. Seu discurso demonstra que a resistência esbarra também no físico. O corpo sente primeiro a necessidade de mudança, como demonstra através de seus versos:

A vontade de mudar começa no corpo e não na mente  
 Minha política é meu corpo, provendo e se expandindo com cada  
   ato de resistência e com cada um de meus fracassos  
 Trancada em um quarto fechado aos quatro anos de idade eu me jogava  
 contra as paredes  
 aquele ato ainda está em mim.<sup>198</sup> (1993, p. 420, tradução nossa).

O corpo, na visão de Rich, manifesta essa necessidade de resistência. Na verdade, ela não se coloca como simples observadora nesse processo. Assume, portanto, a posição de sujeito da ação política na composição poética, apresentando sua visão a partir de duas posições: o ativismo político e o ato da escrita.

A poeta afirma: “Começo, entretanto, não com um continente, um país ou uma casa, mas com a geografia mais oculta – o corpo”<sup>199</sup> (RICH, 2001, p. 64, tradução nossa) A delimitação social geográfica começa a partir do corpo. O fato de ser branca já determina seu lugar no mundo:

Este corpo. Branco, feminino; ou feminino, branco. Os primeiros fatos óbvios e vitalícios. Mas eu nasci em uma seção branca de um hospital no qual separava as mulheres Negras e brancas em trabalho de parto e os bebês negros e brancos no berçário, tanto quanto os negros e brancos eram separados no necrotério. Eu fui definida como branca antes de ser definida como mulher.<sup>200</sup> (RICH, 1986, p. 215, tradução nossa).

Rich reconhece e aponta a distinção que irá nortear a vida do indivíduo a partir do traço físico. Se em seus trabalhos citados anteriormente temos a visão de que a poeta responsabiliza o sistema patriarcal como o principal elemento na desigualdade dos gêneros, nesse ensaio, como já comentado, ela reconhece a raça como outra influência marcante nas relações de opressão. A partir da reflexão sobre sua origem, a poeta procura desestabilizar os valores que supostamente sustentam sua subjetividade. Por isso, reconhece que ser de pele branca por si só já determinava os lugares que ela podia freqüentar em seu país. Essa divisão de espaço favorecia muito mais aos brancos, principalmente aqueles pertencentes às classes sociais mais favorecidas, que os negros. A poeta não somente conclui que por muito tempo negligenciou outras experiências relacionadas à raça, classe ou etnia na compreensão da opressão feminina, como também critica o essencialismo feminino presente na teorização do feminismo considerado radical:

Chegar aos termos da natureza delimitada de (nossa) brancura. Embora sejamos marginalizadas como mulheres, como brancas, ocidentais e produtoras de teoria, nós também marginalizamos os outros, pois nossa vívida experiência é irrefletidamente branca e nossa visão cultural das mulheres está radicada em parte da tradição ocidental. Reconhecer nosso lugar, ter que nomear a base de nossa origem, as condições que temos tomado como certas – confundir entre as reivindicações para o nosso olhar ocidental e branco e o olhar da mulher que vê – medo de perder sua centralidade ao reivindicar a do outro.<sup>201</sup> (RICH, 1986, p. 219, tradução nossa).

Nessa passagem, Rich problematiza a visão tipicamente estadunidense que generaliza a teoria sobre a subordinação das mulheres e a estabilidade do lugar que ocupam. A poeta contesta a tradição ocidental que toma como base a experiência de um

grupo específico para classificar as mulheres como um todo. Através dessa passagem, fica claro que a poeta tem consciência dos privilégios de seu lugar de enunciação e, mesmo procurando compreender outras experiências e/ou outras formas de opressão, Rich expressa a dificuldade de se colocar e falar pela outra. Ela não só questiona a suposta soberania ocidental como também questiona a própria teoria feminista aqui criticada por sua visão essencializante. Para a escritora, a teoria feminista estadunidense está alienada a seu mundo, acreditando:

[...] que somente algumas pessoas podem fazer teoria, que a mente branca e educada é capaz de formular tudo, que somente o feminismo da classe média branca pode saber por todas as mulheres, que somente quando uma mente branca formula, é essa formulação que deve ser tomada seriamente.<sup>202</sup> (1986, p. 230, tradução nossa).

Rich reflete acerca da onipotência e arrogância do movimento feminista em seu país ao querer abarcar teoricamente a condição de todas as mulheres. A autora demonstra que principalmente o feminismo norte-americano marginaliza e desconsidera outras experiências.

Ao refletir sobre sua origem e lugar que ocupa na sociedade, a poeta percebe as bases em que sua subjetividade foi construída. Dessa forma, quando Rich apresenta novas maneiras de vivenciar o corpo – o homossexualismo é uma delas – ela abre novas possibilidades de reconfigurar a identidade gendrada. Para Judith Butler:

[...] existe uma sedimentação das normas do gênero que produzem o fenômeno próprio de um sexo natural, ou uma mulher real, ou qualquer número de ficções sociais predominantes e constrangedoras, e que esta é uma sedimentação que através do tempo tem produzido um conjunto de estilos corporais os quais, de forma reificada, aparecem como uma configuração natural dos corpos nos sexos que existe na relação binária de um com o outro.<sup>203</sup> (1997, p. 407, tradução nossa).

É no sentido de afrouxar essa configuração estabelecida como natural, segundo Butler, que Rich procura manter vivo o constante questionamento acerca do conceito de



identidade. Rich procura abordar também a dimensão do corpo como agente ativo de intervenção política. Por isso, a poeta não só se envolve nos movimentos sociais como também busca visibilidade pública através da escrita crítica e de entrevistas. Sua postura tem sido a de criticar e tensionar o poder institucionalizado. Rich atrela a questão intelectual à questão do corpo e demonstra que a retomada do controle do corpo está fundamentalmente ligada a reorientação política. Isso implica não permitir que até nossos desejos mais íntimos sejam controlados pelo Estado. Rich reforça a importância da politização das questões consideradas próprias do âmbito particular por compreender que a política está a serviço do bem estar da humanidade. Politizar o corpo significa trazer para a teoria sentimentos e questões particulares que, quando se tornam públicas, são percebidas não mais como expressões do indivíduo ou próprias de uma mulher, mas compreendidas e identificadas pelo conjunto das mulheres. Nesse sentido, a teorização proporciona espaço para não somente discutir essas questões, mas também transformá-las. bell hooks afirma,

Eu tenho trabalhado para mudar o jeito que falo e escrevo para incorporar à maneira de dizer um sentido do lugar, de não somente quem eu sou no presente, mas de onde venho e as múltiplas vozes dentro de mim. Eu tenho enfrentado o silêncio e a falta de articulação. Quando digo então que essas palavras surgem do sofrimento, eu me refiro àquela luta interna para nomear o lugar de onde eu consegui voz – o espaço de minha teoria.<sup>204</sup> (1991, p. 146, tradução nossa).

hooks demonstra sua dificuldade com os limites da linguagem para exprimir a experiência humana. Da mesma forma, para Rich a percepção das mulheres com relação à construção cultural de seus corpos e os lugares que eles ocupam é fundamental na afirmação dos seus discursos. O “silêncio” e a “falta de articulação” no discurso é o resultado da condição que foi imposta às mulheres ao longo da história. Como Rich argumenta, o discurso tradicional que enfatiza as imagens do corpo feminino em detrimento da mente contribuiu para que as mulheres se ausentassem na esfera intelectual. Nesse

sentido, para elas, transformar o silêncio e assumir as dificuldades na articulação retórica é criar oportunidades para imprimir uma outra prática.

### **O corpo ressignificado**

Se nos poemas “Os tigres de tia Jennifer” e “De uma velha casa na América”, a poeta retrata o corpo dominado, em “Planetário” parece haver um resgate ou a reapropriação do corpo. No ensaio “Quando despertamos de entre os mortos: a escrita como re-visão”, Rich declara que em “Planetário” existe a união das duas mulheres: a que habita o poema e a que o escreve: “[...] a mulher no poema e a mulher escrevendo o poema se tornam a mesma pessoa”<sup>205</sup> (2001, p. 25, tradução nossa). Rich incorpora a mulher descrita, ou seja, não somente a escreve e a compreende – como faz com as mulheres escritas nos poemas já citados –, mas também retoma esse corpo. Ela estabelece uma nova relação com a sua escrita ao se identificar com a mulher que é exaltada no poema. A poeta busca no espaço galáctico a dimensão do corpo físico para demonstrar o peso ou profundidade do corpo que toma forma na terra, “Eu sou uma nuvem galáctica tão profunda/tão emaranhada que uma onda de luz levaria 15 anos para viajar através de mim”<sup>206</sup> (RICH, 2001, p. 27, tradução nossa). Assim como a nuvem galáctica, a mulher também se sente densa e complexa. Parece haver uma consciência maior da importância em tomar posse desse corpo: “O que vemos, vemos/e ver é mudar/a luz que seca uma montanha e deixa um homem vivo/o batimento cardíaco do pulsar/o coração transpirando através do meu corpo”<sup>207</sup> (RICH, 2001, p. 26-27, tradução nossa). As mulheres, tanto a do poema quanto a que escreve o poema, se identificam e reconhecem a importância da harmonia entre o corpo e a mente: “Eu sou um instrumento em forma de mulher/tentando traduzir pulsações/em

imagens para o alívio do corpo/e a reconstrução da mente”<sup>208</sup> (RICH, 2001, p. 27, tradução nossa). A mediação da linguagem assume um papel essencial na compreensão da subjetividade feminina: “Eu fui capaz de escrever, pela primeira vez, a partir da minha própria experiência como mulher”<sup>209</sup> (2001, p. 22, tradução nossa). Rich reconhece que a partir dessa fase ela rompe também com a escrita que, a seu ver, está comprometida com os valores preestabelecidos por escritores que a antecederam. A partir do momento em que ela assume o controle do seu corpo, assume também o controle da escrita e os riscos dessa decisão:

[...] eu comecei a sentir que meus fragmentos e recortes tinham uma consciência e um tema comum, aquele no qual eu relutava em colocar no papel no princípio, pois eu havia aprendido que a poesia deveria ser universal, o que significava, logicamente, não das mulheres. Até então eu tinha tentado muito não me identificar como uma poeta.<sup>210</sup> (RICH, 2001, p. 22, tradução nossa).

Nessa perspectiva, sua poesia toma outra dimensão a partir do abandono da orientação masculina no exercício da composição poética. A poeta reitera a importância da ação do corpo em sintonia com a mente, mas relativiza seu discurso ao admitir nessas passagens do poema “Trânsito” as debilidades do próprio corpo.

Quando encontro a esquiadora ela está sempre  
andando, esquis e varas nos ombros, rumo à montanha  
se movendo livremente em botas usadas  
pelo novo caminho escolhido com neve fresca  
seu cabelo grisalho quase escondido por  
um boné de muitas cores  
seu corpo de 50 anos de idade, forte e impaciente  
vestido para o frio e velocidade  
seus olhos nivelados aos meus

Quando as irmãs se separam elas se perseguem  
como ela, quem eu deva ter sido uma vez, me persegue  
ou sou eu que a persigo  
parando e observando o caminho  
como ela aparece novamente através dos cristais levemente soprados,  
como seus joelhos fortes a sustentam  
como ela é inconsciente, como isso é simples  
para ela, sem obstáculo ou impedimento como

ela viaja em seu corpo  
 até o ponto de passar, onde a esquiadora  
 e a deficiente precisam decidir  
 se reconhecerem?<sup>211</sup> (RICH, 1993, p. 19-20, tradução nossa).

Rich reconhece as dificuldades e limites do corpo e lamenta não ter mais o vigor físico de outrora. A poeta parece demonstrar, nesse poema, as contraposições entre o corpo sadio da atleta e seu corpo limitado pela artrite. Mesmo tendo a força física, a atleta revela não ter consciência dessa força, como sugere a passagem: “como seus joelhos fortes a sustentam/como ela é inconsciente, como isso é simples/para ela, sem obstáculo ou impedimento/como ela viaja em seu corpo” (1993, p. 19-20). O poema também sugere que esse relato seja o encontro de seus diferentes eus, “seus olhos nivelados aos meus”. Para Keyes: “Se a esquiadora reconhecesse a oradora mais expressiva, a ‘deficiente’, encararia com admiração o vigor dela, a esquiadora casaria sua fisicalidade à força de espírito”<sup>212</sup> (1986, p. 188, tradução nossa). Nesse sentido, esse poema demonstra a intenção constante de Rich em integrar o corpo e a mente.

Também no poema “Tear Gas” (Gás Lacrimogêneo), Rich demonstra a importância do corpo associado à linguagem como instrumento de transformação: “Eu precisava tocar você/com uma mão, um corpo/mas também com palavras/Eu preciso de uma linguagem para que eu possa me ouvir/para que eu me veja”<sup>213</sup> (RICH, 1993, p. 420, tradução nossa). A poeta procura por uma linguagem que esteja em sintonia com o corpo, que seja capaz de corresponder aos comandos do próprio corpo. Para Rich, a linguagem tem que estar em harmonia com o corpo e é, portanto, o elo entre o corpo e a mente.

Susan Bordo afirma, “eu vejo nossos corpos como um espaço de luta, onde devemos *trabalhar* para manter nossas práticas cotidianas a serviço da resistência da dominação de gênero e não a serviço da docilidade da dominação do gênero”<sup>214</sup> (1997, p. 105, tradução

nossa). À medida que as mulheres se submetem às normas de comportamento comumente esperadas pela sociedade, elas contribuem para o fortalecimento da imagem imposta sobre elas. É necessário reconhecer o corpo como lugar de resistência, capaz de transformar a relação de dominação. Por isso, Bordo instiga as mulheres à reflexão de suas práticas cotidianas. Tanto Bordo quanto Rich acreditam que ressignificar a imagem de representação do corpo feminino é um elemento chave no processo de intervenção na sociedade, pois se essa representação do corpo da mulher até então está relacionada ao objeto de exploração e desejo masculino, cabe às mulheres inverter essa imagem. De acordo com Moira Gatens:

Se a imagem do corpo é o que fascina alguém, a voz, a razão, qualquer variação toma forma de linguagem inarticulada. Se a mulher fala de seu corpo, com a sua voz, quem pode ouvi-la? Quem pode decifrar a linguagem de uma histérica, os lamentos de uma hiena, o tagarelar de uma selvagem – sem considerar outras histéricas, hienas e selvagens?<sup>215</sup> (1997, p. 86, tradução nossa).

A articulação e domínio do discurso estão relacionados à articulação e ao domínio do próprio corpo; por isso, a poeta revela seu incansável exercício com as palavras: “Estou só, só com minha linguagem/ e sem sentido/ volto a alguma escrita anos atrás:/ *nossas palavras nos enganam/* querendo uma palavra que irá se derramar como uma lágrima/ sobre a página/ deixando sua marca”<sup>216</sup> (RICH, 1993, p. 419, tradução nossa). Através dessa passagem, a poeta expressa sua intenção em apresentar uma escrita que seja capaz de causar um impacto “deixando sua marca” e que tenha uma relação direta com a vida, “palavra que irá se derramar como uma lágrima”. Rich acredita que através da consciência da representação de seu lugar no mundo é possível buscar reais transformações; por essa razão, ela teoriza a questão do corpo que não se dissocia da questão intelectual em sua escrita.

Rich tem tentado, através de sua escrita, repensar a representação do corpo feminino. A poeta continua acreditando que o patriarcalismo deixou raízes profundas na relação de desigualdade entre os gêneros, mas ela reconhece também que outras formas de opressão influenciam e reforçam o domínio de um gênero sobre o outro. Assim, ela busca desestabilizar o discurso que normaliza a relação de dominação, mostrando que é possível remodelar esse discurso e combinar essa conscientização à ação política no sentido de construir relações mais fraternas entre as pessoas nesse mundo cada vez mais violento. A intolerância tem sido o que norteia as relações sociais, principalmente em seu país. Para ela, a discriminação se faz presente não somente na relação homem/mulher, mas também nas relações com os homossexuais, com os negros, com os mais diversos grupos étnicos de diferentes classes sociais. A poeta busca tensionar as mais variadas áreas do poder institucionalizado, mostrando de que forma o discurso de dominação de um gênero sobre o outro desmembrou e limitou as possibilidades de ação das mulheres. Através da representação do corpo gendrado, Rich problematiza novas possibilidades de ressignificação da condição das mulheres na sociedade. Dessa forma, a poeta procura apostar em políticas que repensem a sexualidade, a diferença de classe, a etnia, enfim, todos os campos políticos que envolvem a vida privada não somente das mulheres, mas também de toda a sociedade, questões essas que estão todas refletidas nas teorizações que a autora faz do corpo.

## **Considerações finais**

I want a poetry that is filmic as a film can be poetic, a poetry that  
is theater, performance, voice as body and body as voice.

Adrienne Rich

Neste trabalho pretendi investigar a poética e a política na obra da escritora estadunidense Adrienne Rich e a forma como a escritora teoriza a ação política, voltada sobretudo para as questões das mulheres na sociedade contemporânea. A partir da análise de seus poemas, ensaios críticos e algumas entrevistas concedidas por ela, busquei compreender de que forma a representação do corpo da mulher se torna um instrumento de resistência em sua escrita.

Para responder a essas questões, busquei, primeiramente, analisar a trajetória histórica da autora, elegendo alguns de seus poemas e ensaios críticos que refletem os diferentes momentos em que ela demonstra seu comprometimento na denúncia das injustiças sociais em seu país. Mediante a visão geral da escrita de Adrienne Rich, duas abordagens me pareceram necessárias, sendo a primeira sua atuação como feminista e a segunda sua atuação como intelectual no contexto estadunidense. Na verdade, essas duas atuações estão correlacionadas, pois à medida que a poeta se propõe a discutir e defender os direitos das mulheres, ela está ao mesmo tempo revelando sua ação política através da esfera política. Por meio da visão de seu posicionamento como poeta, feminista e intelectual, é possível responder as questões que postulei para esse trabalho.

O compromisso em analisar a experiência das mulheres sempre esteve presente na escrita de Rich. Notamos, já em seus primeiros poemas e ensaios críticos, sua intenção em criar espaços para desestabilizar o discurso que subjuga as mulheres. Rich tem levado para a agenda política questões que são tradicionalmente consideradas do âmbito particular. Por essa razão, grande parte de sua obra revela o aprofundamento em questões relacionadas desde à submissividade das mulheres em relação ao matrimônio e à maternidade até às discriminações sociais às diferentes raças, etnias e opções sexuais.

Através da análise de sua trajetória no movimento feminista anglo-americano, foi possível perceber o compromisso de Rich em estabelecer uma relação mais próxima entre escrita e ativismo político. Nesse sentido, tracei o perfil da poeta e escritora através de sua vida e obra procurando observar de que maneira ela articula na escrita o que vivencia também em seu cotidiano. A partir desse olhar sobre sua escrita, transparece o valor que ela tem atribuído à relação entre teoria e prática.

Na verdade, a participação de Rich no movimento feminista fez com que ela percebesse que a desigualdade nas relações de gênero estava fundamentalmente baseada no discurso dominante e, para que as mulheres alcançassem mudanças concretas em suas condições, seria necessário reverter, em primeiro lugar, o discurso que legitimava a relação de submissão. Sendo assim, a poeta passa a apostar em políticas que visam à democratização do conhecimento e da educação, forçando, dessa maneira, a entrada das mulheres no campo de lutas políticas. A escrita de Rich demonstra o investimento no poder do discurso e na legitimidade da ação das mulheres como intelectuais.

Rich aposta na educação formal como um dos principais elementos na conquista por melhores condições de vida das mulheres. Por isso, não só resgata algumas intelectuais do



passado como também elege, em sua escrita, o trabalho de outras escritoras contemporâneas que discutem a importância da ressignificação do discurso que tem subjugado as mulheres. A poeta procura ainda se identificar e dialogar com algumas escritoras que, assim como ela, são marginalizadas por serem homossexuais, ou por serem de diferentes classes e etnias. Essas escritoras também acreditam no poder do discurso como elemento capaz de provocar tensões e desestabilizar o discurso hegemônico. No diálogo com elas, Rich demonstra a importância do trabalho intelectual e revela a fronteira como um lugar também de produção cultural.

A partir das reflexões de alguns intelectuais acerca de seu papel em relação ao poder na sociedade contemporânea, foi possível perceber o posicionamento de Rich nesse contexto. É visível ainda que a poeta tenha conquistado, ao longo de sua trajetória, um lugar de destaque na esfera política estadunidense. Esse destaque é devido, principalmente, à postura crítica e contundente de Rich em relação às tiranias e injustiças dos Estados Unidos no relacionamento com o resto mundo. Também é verdade que essa foi a maneira encontrada por ela para conquistar seu próprio poder. Dileta e amadora nos termos classificados por Weber e Said, respectivamente, Adrienne Rich tem atrelado sua arte à crítica ao poder público. A poeta tem feito uso dessa visibilidade para, através de sua arte, tornar transparente as contradições da democracia em seu país.

Rich tem utilizado sua escrita para propiciar uma outra forma de poder: aquele que questiona as desigualdades, as barreiras, os limites e as violências do poder institucionalizado. Por essa razão, procura compreender os conflitos nas relações de gênero, mas também a discriminação em relação às mulheres, aos homossexuais, aos negros e aos grupos de diferentes etnias em seu país. Sendo assim, ela tem denunciado os mecanismos usados pelas instituições de poder para reprimir e inferiorizar as chamadas minorias nos

Estados Unidos. A poeta tem depositado um grande esforço na articulação de um discurso que seja capaz de desencadear ações políticas efetivas. Por essa razão, tem reafirmado o interesse em estabelecer a aproximação entre teoria e prática. Tal atitude confirma também seu comprometimento e crença nos ideais marxistas e feministas.

A pesquisa nos possibilitou perceber também que a poeta tem incorporado, em seu discurso, outras questões que são tão relevantes à questão das mulheres quanto à desigualdade na relação de gênero. A autora tem procurado alargar o campo de reivindicações da agenda das mulheres e demonstrar que outras formas de opressão relacionadas a diferentes classes, etnias e orientação sexual têm afetado a vida das pessoas na contemporaneidade. Dessa maneira, ela procura repensar o conceito de identidade e o seu lugar como poeta e intelectual no processo de transformação social. Sua própria experiência como lésbica e o contato com as experiências dos negros e com os escritores marginais fazem com que a poeta perceba outras especificidades nas relações que subjagam os indivíduos. Sendo assim, Rich ultrapassa o binarismo nas relações de gênero e vai além ao defender uma escrita que seja capaz de revelar outras tensões que perpassam a desigualdade dos gêneros.

Em sua análise da margem como um espaço de produção cultural, a poeta reconhece outras tensões que desestabilizam e colocam em cheque a idéia de uma identidade preestabelecida. Dessa maneira, Rich passa a discutir os mais diversos elementos que exercem influência na fragmentação do indivíduo e, ao mesmo tempo, atribui poder a um outro discurso que seja capaz de lidar com essa sensação de fragmentação. Para a poeta, é necessário estabelecer um vínculo efetivo entre o discurso e a prática transformadora.

Na busca pelo estreitamento entre discurso e ação, a poeta procura pensar nas bases do discurso que legitimou a submissão de um gênero em relação ao outro e os

desdobramentos dessa visão na modernidade. Em “Anotações sobre uma política do local”, a poeta reflete sobre o seu lugar no mundo, repensando sua origem e as vantagens e desvantagens tanto em relação à localização geográfica, quanto em relação aos valores culturais impostos aos indivíduos. Rich reconhece que, principalmente em seu país, a delimitação da raça está em primeiro plano, ou seja, a diferenciação determinante nas relações de poder na sociedade é definida a partir da cor da pele. Ela reconhece ainda que parte de seu privilégio social está calcado em seu traço físico. Por reconhecer que as bases das imposições culturais estão relacionadas à sexualidade é que a poeta parte em sua crítica do espaço mais restrito: o corpo como a principal premissa na representação das relações de poder na sociedade moderna. Por essa razão, ela discute em sua obra o conceito do corpo como um espaço culturalmente inscrito (Butler, 2003, p. 186). Rich revela o corpo gendrado como um espaço que reflete tanto as imposições sociais, quanto a resistência a essas imposições.

A escrita de Rich procura rever, primordialmente, o discurso que separa mente e corpo, sobretudo das mulheres, como objetivo para justificar e perpetuar sua submissão. A poeta relata também a forma como o corpo feminino tem sido um instrumento em resposta aos interesses não somente dos homens, mas também do Estado. Portanto, para Rich, é através do conhecimento dessa condição que as mulheres terão possibilidades de ressignificar o discurso que legitima tal condição. Mais ainda, o rompimento com o discurso que reforça a relação de submissão propicia a atitude delas em assumir responsabilidade por si mesmas. Se por um lado, através da idéia do corpo apropriado e do corpo erotizado, a poeta demonstra como as mulheres têm sido subordinadas, justificando o papel secundário que exercem na sociedade; por outro lado, através do corpo resistente e do

corpo ressignificado, a poeta apresenta novas formas de vivenciar o corpo feminino e ressignificar o papel a elas atribuído.

Sendo assim, Rich acredita que o domínio do discurso está diretamente ligado ao domínio do próprio corpo e para que haja possibilidades de transformações efetivas na condição de vida das mulheres é necessário que uma questão não esteja desvinculada da outra e que a possibilidade de questionamentos esteja em aberto.

O conhecimento da vida e obra de Rich não apenas nos possibilita indagar sobre a ação das mulheres como escritoras, ativistas políticas e intelectuais, mas pode também contribuir para suscitar as mais diversas indagações acerca da condição das mulheres na contemporaneidade.

Através do diálogo estabelecido nesse estudo entre Rich e as outras vozes aqui abordadas, das mulheres e dos homens, do passado e do presente, das intelectuais e dos intelectuais no centro ou na fronteira, fica para mim evidente o compromisso de Rich com a visão do poder do discurso que, articulado na pluralidade, considera as múltiplas experiências pessoais e também políticas. Talvez seja essa uma das razões que justifique a necessidade da poeta e das outras escritoras e escritores aqui abordados manifestarem sua intenção em manter constante o diálogo como uma possibilidade de concretizar ações políticas efetivas.

## Notas

---

<sup>1</sup> She was fortunate to be born into the Southern and Jewish traditions of respect for learning and for poetry, literature, and love of European art, history, and music.

<sup>2</sup> Rich's earliest mentors were men. From them, she learned how to write poems. Wanting to become a poet, naturally she wrote like the poets she studied and admired – Yeats, Auden, Stevens, Frost.

<sup>3</sup> Aunt Jennifer's tigers prance across a screen,  
Bright topaz denizens of a world of green.  
They do not fear the men beneath the tree;  
They pace in sleek chivalric certainty.

Aunt Jennifer's fingers fluttering through her wool  
Find even the ivory needle hard to pull.  
The massive weight of Uncle's wedding band  
Sits heavily upon Aunt Jennifer's hand.

When Aunt is dead, her terrified hands will lie  
Still ringed with ordeals she was mastered by.  
The tigers in the panel that she made  
Will go on prancing, proud and unafraid.

<sup>4</sup> [...] I hadn't found the courage yet to do without authorities, or even to use the pronoun "I"—the woman in the poem is always "she".

<sup>5</sup> I felt that I had either to consider myself a failed woman and a failed poet.

<sup>6</sup> What frightened me most was the sense of drift, of being pulled along on a current which called itself destiny, but in which I seemed to be losing touch with whoever I had been, with the girl who had experienced her own will and energy almost ecstatically at times, walking around a city or riding a train at night or typing in a student room.

<sup>7</sup> Rich's poems still present 'neatly and modestly dressed' female subjects Auden welcomed into the company of the best poets in America in 1951 in his foreword to *A Change of World*.

<sup>8</sup> [...] Thus I became his partner in a life/Annual, academic [...].

<sup>9</sup> 'Autumn Equinox' is notable for its dramatic realization of a repressed, mutely frustrated wife whose entire life has been invested in furthering her husband's academic career without, in the end, any discernible reward – not that she is asking for any. The wife in the poem cannot find the reasons for her dissatisfaction, but possibly it is the fact of her having felt prevented from pursuing her own talents, ambitions, and career.

<sup>10</sup> Sometimes I call across to Alice Hume  
and meet her at the fence as women meet  
to say the weather's reasonably fine,  
talk husbands, bargains, or philosophize—  
the dry philosophy of neighborhood.  
She thinks perhaps how sharp of tongue and quick  
I used to be, and how I've quieted down,  
without those airs because I'd married Lyman,  
Professor at the college, while her husband was just another farmer.

<sup>11</sup> Night, and I wept aloud; half in my sleep,  
Half feeling Lyman's wonder as he leaned  
Above to shake me. "Are you ill, unhappy?  
Tell me what I can do."

"I'm sick, I guess –  
I thought that life was different than it is."  
"Tell me what's wrong. Why can't you ever say?  
I'm here, you know."

Half shamed, I turned to see  
The lines of grievous love upon his face,  
The love that gropes and cannot understand.

---

“I must be crazy, Lyman – or a dream  
has made me babble things I never thought.  
Go back to sleep – I won’t be so again.”

<sup>12</sup> [...] We have become

As unselfconscious as a pair of trees,

Not questioning, but living [...].

<sup>13</sup> [...] I’m naked, ignorant, a naked man fleeing across the roofs [...].

<sup>14</sup> I feel like them up there:

exposed, larger than life,  
and due to break my neck.

<sup>15</sup> We might also see ‘The Roofwalker’ as another of Rich’s animus poems in which the risks she takes are aspects of her journey into the self.

<sup>16</sup> In effect, she creates for herself the female alliance that she needs, for ‘The Roofwalker’ does not remain sitting in the protection of the patriarchal living room.

<sup>17</sup> *Necessities of Life* provides the opportunity to observe the poet’s growing awareness that being a woman is an essential aspect of her unique creative power.

<sup>18</sup> At the bedrock level of my thinking about this is the sense that language is power, and that, as Simone Weil says, those who suffer from injustice most are the least able to articulate their suffering; and that the silent majority, if released into language, would not be content with perpetuation of the conditions which have betrayed them. But this notion hangs on a special conception of what it means to be released into language: not simply learning the jargon of an elite, fitting unexceptionably into the status quo, but learning that language can be used as a means of changing reality.

<sup>19</sup> In addition to finding an American precursor, Rich looks abroad to the Yiddish poet Kadia Maldovsky in ‘There Are Such Springlike Nights’ and to the Russian Anna Akhmatova in ‘Two Poems.’

<sup>20</sup> Women were not as silent anymore; some were even radical activists. Transformations had occurred and women had experienced them.

<sup>21</sup> A woman in the shape of a monster  
A monster in the shape of a woman  
the skies are full of them

a woman        ‘in the snow  
among the Clocks and instruments  
or measuring the ground with poles’

in her 98 years to discover  
8 comets.

<sup>22</sup>        I am bombarded yet    I stand

I have been standing all my life in the  
direct path of a battery of signals  
the most accurately transmitted most  
untranslatable language in the universe  
I am a galactic cloud so deep    so invo-  
luted that a light wave could take 15  
years to travel through me    And has  
taken    I am an instrument in the shape  
of a woman trying to translate pulsations  
into images    for the relief of the body  
and the reconstruction of the mind.

<sup>23</sup> When she embraced the feminist cause, she gave birth to a powerful rhetoric.

<sup>24</sup> Out here I feel more helpless

with you than without you  
 You mention the danger  
 and list the equipment  
 we talk of people caring for each other  
 in emergencies – laceration, thirst –  
 but you look at me like an emergency

Your dry heat feels like power  
 your eyes are stars of a different magnitude  
 they reflect lights that spell out: EXIT  
 when you get up and pace the floor

talking of the danger  
 as if it were not ourselves  
 as if we were testing anything else.

<sup>25</sup> In *Diving into the Wreck* (1973), Rich no longer looks for a man to protect her, as she begins to act on her own behalf.

<sup>26</sup> Essential to the development of this personal power is bonding among women, which will generate a political power capable of making changes on a larger scale, among them a radical shift in the power structures of the patriarchy.

<sup>27</sup> The power of the fathers has been difficult to grasp because it saturates everything, even the language in which we try to describe it. It is diffuse and concrete, symbolic and literal, universal and expressed with local variations which may obscure its universality.

<sup>28</sup> When we become acutely, disturbingly aware of the language we are using and that is using us, we begin to grasp a material resource that women have never before collectively attempted to repossess (though we were its inventors, and though individual writers like Dickinson, Woolf, Stein, H. D., have approached language as transforming power). Language is as real, as tangible in our lives as streets, pipelines, telephone switchboards, microwaves, radioactivity, cloning laboratories, nuclear power stations.

<sup>29</sup> Yet the fact is that all science, and all scholarship, and all art, are ideological, there is no neutrality in culture.

<sup>30</sup> [...] But for a long time now, feminists have been talking about redefining power; about that meaning of power which returns to the root: posse, potere, pouvoir – to be able, to have the potential, to possess and use one's energy of creation: transforming power.

<sup>31</sup> The token woman is encouraged to see herself as different from most other women; as exceptionally talented and deserving; and to separate herself from the wider female condition; and she is perceived by 'ordinary' women as separate also: perhaps even as stronger than themselves.

<sup>32</sup> A concerted attack is now being waged against homosexuality, by the church, by the media, by all the forces in this country that need a scapegoat to divert attention from racism, poverty, unemployment, and utter, obscene corruption in public life.

<sup>33</sup> At the same time, as male homosexual culture developed, the lives of men have, as ever, been seen as the 'real' culture. Lesbians have never had the economic and cultural power of homosexual men [...].

<sup>34</sup> [...] has always split us into virtuous women and whores, mothers and dykes, madonnas and medusas.

<sup>35</sup> Heterosexuality, like motherhood, needs to be recognized and studied as a political institution – even, or especially, by those individuals who feel they are, in their personal experience, the precursors of a new social relation between the sexes.

<sup>36</sup> Lesbian existence suggests both the fact of the historical presence of lesbians and our continuing creation of the meaning of that existence.

<sup>37</sup> Within the institution exist, of course, qualitative differences of experience; but the absence of choice remains the great unacknowledged reality, and in the absence of choice, women will remain dependent upon the chance or luck of particular relationships and will have no collective power to determine the meaning and place of sexuality in their lives.

<sup>38</sup> She seeks to create and support true lesbian/feminist texts, not only for their pure literary originality but also as reflecting a sexuality and passion previously as ignored, erased, or buried as the female tradition itself.

<sup>39</sup> [...] can be distinguished from other forms of lyric poetry by its determination to connect symbolic, poetic power with literal, political power without promoting simplistic notions of unity or identity between the world in which the poet dreams and the world of her dreams.

<sup>40</sup> Clearly Rich's poetry in *The Dream of a Common Language* is more than simply a reflection of experience: as an act of imagining and conceiving new worlds and new relations, poetry moves the poet and the reader toward a critical and creative understanding of experience and of possibility for action.

<sup>41</sup> [...] I choose to love this time for once with all my intelligence.

<sup>42</sup> Rich's use of performative verbs that relate choice and denial reflect her awareness that language can move us to an engagement and relation with others that makes political action possible and necessary.

<sup>43</sup> Dream does as much; it, too, tells of the survival of women 'in a world masculinity made/unfit for women or men.' In addition, though, it speaks of a new landscape that is metaphorically within the body of women and offers a woman-identified definition of the female.

<sup>44</sup> Rich aims at an awareness of the simultaneity of women's existence; she reaches back into the past to claim a particularly female heritage in order to "re-vise" the present and envision a more feminized future.

<sup>45</sup> Anger and tenderness: my selves

And now I can believe they breathe in me  
as angels, not polarities.

Anger and tenderness: the spider's genius  
to spin and weave in the same action  
from her own body, anywhere-  
even from a broken web.

<sup>46</sup> Claiming authority for ourselves involves acceptance of the contradictions, complexities, and incompleteness of our personal lives and our historical circumstance, not an attempt to escape history or to achieve some objective standpoint from which to survey the whole.

<sup>47</sup> [...] but really I have nothing but myself  
to go by, nothing  
stands in the realm of pure necessity  
except what my hands can hold.

*Nothing but myself? ...My selves*

<sup>48</sup> The quality or state of being complete, unbroken condition, entirety.

<sup>49</sup> I refuse to become a seeker for cures.

Everything that has ever  
Helped me has come through what already  
lay stored in me. Old things, diffuse, unnamed, lie strong  
across my heart.

This from where  
my strength comes, even when I miss my strength  
even when it turns on me  
like a violent master.

<sup>50</sup> At one level, 'Sources' is a search for the origins of her poetic strength and personal character – her poetic origins as well as the origin of her conviction of feminist nationhood.

<sup>51</sup> I have wished I could rest among the beautiful and common weeds  
I can name, both here and in other tracts of the globe. But there  
is no finite knowing, no such rest. Innocent birds, deserts, morn-  
ing-glories, point to choices. leading away from the familiar. When  
I speak of an end to suffering I don't mean anesthesia. I mean know-  
ing the world, and my place in it, not in order to stare with bitter-  
ness or detachment, but as a powerful and womanly series of  
powerful; womanly.

<sup>52</sup> The exploration of sources has as its purpose the search of one's own identity, past and present, not to show how she was victimized, but to help the lyric 'I' and each of us take responsibility for our own identities so that we can use our citizenship, lives, and our solitude most constructively.

<sup>53</sup> Beauty, when you were Young  
we both thought we were young





<sup>63</sup> You must get reinforcement from readers. Do you have readers who come up to you and say, ‘You’ve changed my life?’

<sup>64</sup> ‘Yes, I do, and I usually say to them—which I also believe to be true—You were changing your life and you read my book or you read that poem at a point where you could use it, and I’m really glad, but you were changing your life’. Somehow when we are in the process of making some kind of self-transformation—pushing ourselves out there further, maybe taking some risk that we never believed we would take before—sometimes a poem will come to us by some sort of magnetic attraction. (Entrevista para o jornal *The Progressive* disponível no site [http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m\\_r/rich/progressive.htm](http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m_r/rich/progressive.htm)).

<sup>65</sup> Exploring the nature of her own and others’ urge to form movements, to discover the intellectual and personal origins of a drive toward freedom, to develop their own ideas and voices, and to become part of history, she comes to terms with her own places in the nation, having established both a national identity and female subject position through her speakers in poetry and her feminist essays, thereby establishing her own and other women’s places in history.

<sup>66</sup> I’ve walked there picking mushrooms at the edge of dread, but  
don’t be fooled,

this isn’t a Russian poem, this is not somewhere else but here,  
our own country moving closer to its own truth and dread,  
its own ways of making people disappear.

<sup>67</sup> My feeling is that it is the *activists* who move the rest of us. You don’t make a political movement simply out of words. I’m thinking about grassroots women’s organizations, activists who have sat through hundreds of interviews with battered or raped women, helping to empower them, and who have knowledge about these things which is not metaphorical.

<sup>68</sup> For me it is always a question of language as a probe into the unknown or unfamiliar.

<sup>69</sup> It always surprises me when people write of my work as if I had taken up the cudgels for the “unprivileged” or the “oppressed,” as a kind of missionary work. I write from absolute inner necessity, responding to my location in time and place, trying to find a language equal to that.

<sup>70</sup> An enormous amount is happening globally - different kinds of struggle in different countries, in different societies. When you look at South Africa, there’s enormous leadership by women. Black women in South Africa are maintaining and creating a structure. In that violence-ridden society, in the midst of revolution, they are creating childcare centers and soup kitchens, planting gardens, keeping things going on that human level. That’s not just women doing the service work of the world; those women are leaders of their communities. We could talk about feminism in the Philippines, in India, in Latin America, in the Caribbean, not a monolithic global movement but many movements, all over of the world, contending within and against many different cultures. The United States movement is only a small part of the picture.

<sup>71</sup> [...] We move but our words stand  
become responsible  
for more than we intended

and this is verbal privilege

### III

Try sitting at a typewriter  
one calm summer evening  
at a table by a window  
in the country, try pretending  
your time does not exist  
that you are simply you  
that the imagination simply strays  
like a great moth, unintentional  
try telling yourself  
you are not accountable  
to the life of your tribe  
the breath of you planet

### IV

It doesn't matter what you think.  
 Words are found responsible  
 all you can do is choose them  
 or choose  
 to remain silent [...].

<sup>72</sup> I am thinking this in a country  
 where words are stolen out of mouths  
 as bread is stolen out of mouths  
 where poets don't go to jail  
 for being poets, but for being  
 dark-skinned, female, poor.  
 I am writing this in a time  
 when anything we write  
 can be used against those we love  
 where the context is never given  
 though we try to explain, over and over  
 For the sake of poetry at least  
 I need to know these things.

<sup>73</sup> These poems afford the reader a glimpse of her other political passion, Marxist thought, an intellectual vein she has been mining of late as more conducive to social and political reform [...].

<sup>74</sup> Clearly Rich wants to share with her readers the political philosophies that have driven her recent quest to move beyond feminism into marxism: the first revolution she effected was women's, and the next embraces the equality of men and women governing together.

<sup>75</sup> I have no theories. I don't know what I am being forgiven. I am my art: I make it from my body and the bodies that produced mine. I am still trying to find the pictorial language for this anger and fear rotating on an axle of love. If I still get up and go to the studio – it's there I find the company I need to go on working.

<sup>76</sup> I have lost our way the fault is mine  
 ours the fault belongs  
 to us I become the guide

who should have defaulted  
 who should have remained the novice  
 I as guide failed

I as novice trembled  
 I should have been stronger held us  
 together.

<sup>77</sup> The 'us' are feminists and those in the Movement with her. Does she blame herself for the schisms in the women's movement and the violent verbal clashes between radical, liberal, academic, and working-class feminists, or between various ethnic groups, inviting the inevitable backlash of the 1980s? Could she think that if she had been a stronger or better leader she might have kept the American feminist movement unified?

<sup>78</sup> I could physically feel the weight of the United States of North America, its military forces, its vast appropriations of money, its mass media, at my back.

<sup>79</sup> The School Among the Ruins

*Beirut.Baghdad.Sarajevo.Bethlehem.Kabul. Not of course here.*

80 5

There's a young cat sticking  
 her head through window bars  
 she's hungry like us  
 but can feed on mice  
 her bronze erupting fur  
 speaks of a life already wild

her golden eyes  
 don't give quarter She'll teach us Let's call her

Sister

when we get milk we'll give her some

<sup>81</sup> [...] Don't let your faces turn to stone

Don't stop asking me why [...]

<sup>82</sup> [...] Diarrhea first question of the day

Children shivering it's September

Second question: where is my mother? [...].

<sup>83</sup> [...]but you aren't lost

This is our school [...].

<sup>84</sup> [...] Maybe tomorrow the bakers can fix their ovens [...].

<sup>85</sup> If we study stereotypes of women, the sexism of male critics, and limited roles women play in literary history, we are not learning what women have felt and experienced, but only what men have thought women should be.

<sup>86</sup> Her battle, however, is not against her (male) precursor's reading of the world but against his reading of *her*. In order to define herself as an author she must redefine the terms of her socialization.

<sup>87</sup> It is far harder to kill a phantom than a reality.

<sup>88</sup> The first thing I want to say to you who are students, is that you cannot afford to think of being here to *receive* an education; you will do much better to think of yourselves as being here to *claim* one.

<sup>89</sup> We have been offered ethical models of the self-denying wife and mother; intellectual models of the brilliant but slapdash dilettante who never commits herself to anything the whole way, or the intelligent woman who denies her intelligence in order to seem more 'feminine,' or who sits in passive silence even when she disagrees inwardly with everything that is being said around her.

<sup>90</sup> Responsibility to yourself means refusing to let others do your thinking, talking, and naming for you, it means learning to respect and use your own brains and instincts; hence grappling with hard work ... Responsibility to yourself means that you don't fall for shallow and easy solutions – predigested books and ideas.

<sup>91</sup> But to write poetry or fiction, or even to think well, is not to fantasize, or to put fantasies on a paper. For a poem to coalesce, for a character or an action to take shape, there has to be an imaginative transformation of reality which is no way passive.

<sup>92</sup> The most self-destructive violence is committed by people, who don't know *what* they want, who only know that they are in a state of horrible need, horrible frustration. If a woman really knows what she wants, she's going to tell her husband: 'Look, these are my needs.' Or she's going to leave him, or look for a job, or speak up to her boss. She is not going to go on doing it to her kids or herself.

<sup>93</sup> Whether women require a special tongue or not, whether that discourse arises from the body, as some feminists suggest, *they must enter some discourse for their own health*.

<sup>94</sup> One serious cultural obstacle encountered by any feminist writer is that each feminist work has tended to be received as if it emerged from nowhere; as is each of us had lived, thought, and worked without any historical past or contextual present.

<sup>95</sup> [...] the seriousness of some conflicts came to a head when black women, lesbians, and working-class women used feminist discourse to articulate their sense of exclusion from its 'mainstream', and in doing so suggested that feminism was quite seriously flawed in its modern conceptualization.

<sup>96</sup> I want to ask her (feminist critic) to consider her work a potential resource also, a resource for us, for our movement; to see herself not as writing just for other critics and scholars, but to help make books both 'real and remembered,' to stir ordinary women to read what they might otherwise miss or avoid, to help us all sort through which words, in Lillian Smith's phrase, chain us and which can set us free.

<sup>97</sup> I think that every feminist poet must long—I do—for real criticism of her work—not just descriptive, but analytical criticism which takes her language and images seriously enough to question them [...].

<sup>98</sup> I also need to know when in my work I am merely doing well what I know well how to do and when I am avoiding certain expressive risks. And while I can count on friends for some of this, it would be better for all feminist writers if such principled criticism were to come also from strangers—it would broaden the field in which we are working.

<sup>99</sup> Adrienne Rich was one of the few white feminists to address the thorny issue of racial difference and its impact on feminist thought during the '70s in 'Disloyal to Civilization: Feminism, Racism, Gynephobia' (1978). A palavra Gynephobia usada pela autora refere-se ao um neologismo que traduzi por ginefobia.

<sup>100</sup> This ignorance is, of course, actual. It is bred by what passes for education, which takes white experience as normative, and it is bolstered by the very fear and anxiety it creates.

<sup>101</sup> [...] she herself is culpable of one cardinal error during the course of her discussion, which is to talk about 'women' and 'black people' as if they were two mutually exclusive interest groups, creating a rhetorical chasm in which black women are absorbed and rendered, invisible yet again.

<sup>102</sup> I will be taken more seriously because I am white, because though a lesbian I am often willfully not perceived as such, and because the invisibility of the woman of color who is the scholar/critic *or* the poet *or* the novelist is part of the structure of my privilege, even my credibility.

<sup>103</sup> In particular, lesbian feminist theory has consistently problematized heterosexuality as an institution central to the maintenance of patriarchy and women's oppression within it.

<sup>104</sup> By and large within the women's movement today, white women focus upon their oppression as women and ignore differences of race, sexual preference, class and age. There is a pretence to a homogeneity of experience covered by the word *sisterhood* that does not in fact exist.

<sup>105</sup> Taking up the project of feminism in a freedom-centered frame that is focused on the problem of world-building, the Milan Collective invites us to think sexual difference as *political*: that is, as a *claim* to sexed being that has to be articulated, that is, brought into a *public* relation with other such claims in a *public* space.

<sup>106</sup> What allows a woman to become conscious of oppression, in other words, is not the bare fact or truth of oppression, but a symbolic representation of female freedom.

<sup>107</sup> Rights are not things to be distributed from above, but a demand for something more made from below.

<sup>108</sup> [...] a system characterized by power, dominance, hierarchy, and competition, a system that cannot be reformed but only ripped out root and branch.

<sup>109</sup> In this essay Rich suggests that 'Compulsory Heterosexuality' is a '*political institution*' (637) that guarantees women's continued subordination, because it requires 'male-identification' on the part of most women: this means, as we have seen, putting men's needs, issues, and perspectives first, and denying the existence or potential of woman-identification.

<sup>110</sup> It is the lesbian in us who drives us to feel imaginatively, render in language, grasp, the full connection between woman and woman. It is the lesbian in us who is creative, for the dutiful daughter of the father is only a hack.

<sup>111</sup> For us, the process of naming and defining is not an intellectual game, but a grasping of our experience and a key to action. The word *lesbian* must be affirmed because to discard it is to collaborate with silence and lying about our very existence; with the closet-game, the creation of the *unspeakable*.

<sup>112</sup> [...] we begin to question our place in society, we are led to ask how, where, and in what ways we participate in it. To reject some relations – to resist paying income tax for nuclear weapons, to divest from South Africa, or to be a conscious objector, for example – is to engage in noncooperation, in nonparticipation, in *separatism*.

<sup>113</sup> [...] women cannot be free of patriarchal control so long as women are sexually involved with men.

<sup>114</sup> But this call for nonparticipation in heterosexuality can be interpreted less absolutely, as it was by Adrienne Rich, who believed that all feminist women – including heterosexual women – are, to the extent that they desire to identify with other women, lesbian [...].

<sup>115</sup> The sound and forms of Asian and black expression are an important part of its meaning. Asian and black feminists intensively explore the emotional and material bonds between mothers and daughters and women of different generations, sharing a responsibility to Asian and black women far beyond their immediate historical moment or national place.

<sup>116</sup> A writer will write, with or without a movement, but at the same time, for Chicano, lesbian, gay, and feminist writers – anybody writing against the grain of Anglo misogynist culture – political movements are what have allowed our writing to surface from the secret places in our notebooks into the public sphere.

<sup>117</sup> We are the queer groups, the people that don't belong anywhere, not in the dominant world nor completely within our own respective cultures.

<sup>118</sup> I want to ask the feminist critic of literature to inform herself not just with training in literary exegesis but in a concrete and grounded knowledge of the feminist movement—which means reading not only books by women, but feminist newspapers, periodicals, pamphlets, articles; studies on women battering, welfare mothers, sexual and economic struggles in the workplace, compulsory sterilization, incest, women in prison [...].

<sup>119</sup> By highlighting the different situations and often conflicting interests of specific groups of women, these critical approaches force white heterosexual feminists to re-examine their own sometimes totalitarian conception of ‘woman’ as a homogeneous category.

<sup>120</sup> If they ask me my identity/what can I say but/I am the androgyne/I am the living mind you fail to describe/in your dead language [...].

<sup>121</sup> So white feelings remain at the center. And, yes, I need to move outward from the base and center of my feelings, but with a corrective sense that my feelings are not *the* center of feminism.

<sup>122</sup> Discontent with the polarizing impulses within radical feminism, with the academization of Women’s Studies, with how easily, in a society turning Rightward, feminism can blur into female enclave, how feminist affirmation of women can slide into mere idealism.

<sup>123</sup> Like other serious and vibrant movements, feminism was to be countered by cultural patterns unforeseen before the 1980s: a growing middle-class self-absorption and indifference both to ideas and to the larger social order, along with the compression of media power and resources into fewer and fewer hands, during and beyond the Reagan years.

<sup>124</sup> Revolutionary art dwells, by its nature, on edges. This is its power: the tension between subject and means, between the *is* and what can be. Edges between ruin and celebration. Naming and mourning damage, keeping pain vocal so it cannot become normalized and acceptable.

<sup>125</sup> If feminist criticism has subverted established critical judgements it is because of its radically new emphasis on *sexual politics*.

<sup>126</sup> An unrepentant, socialist and feminist.

<sup>127</sup> No texto original Edward Said ressalta a diferença de gênero: “The intellectual’s representation – what he or she represents [...]” tendo sido, portanto, suprimida pelo tradutor.

<sup>128</sup> [...] in the act of writing, to feel our own “questions” meeting the world’s “questions,” to recognize how we are in the world and the world is in us.

<sup>129</sup> The issue of women as the laborers in reproduction, of women as workers in production, of the relationship of women’s unpaid labor in the home to the separation between “private” and “public” spheres, of the woman’s body as commodity—these questions were not raised for the first time in the 1960s and 1970s; they had already been documented in the 1950s when *The Human Condition* was being written. Arendt barely alludes, usually in a footnote, to Marx and Engels’s engagement with this theme; and she writes as if the work of Olive Schreiner, Charlotte Perkins Gilman, Emma Goldman, Jane Addams, to name only a few writers, had never existed.

<sup>130</sup> The question of economic survival, of keeping one’s job, is terribly real, but the more terrible questions lie deeper where a woman is forced, or permits herself, to lead a censored life.

<sup>131</sup> Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro.

<sup>132</sup> As women, I think it essential that we admit and explore our cultural identities, our national identities, even as we reject the patriotism, jingoism, nationalism offered to us as “the American way of life.” Perhaps the most arrogant and malevolent delusion of North American power – of White Western power – has been the delusion of destiny, that white is at the center, that white is endowed with some right or mission to judge and ransack and assimilate and destroy the values of other peoples.

<sup>133</sup> As a feminist, in the United States it seemed necessary to examine how we participate in mainstream North American cultural chauvinism, the sometimes unconscious belief that white North Americans possess a superior right to judge, select, and ransack other cultures, that we are more ‘advanced’ than other peoples of this hemisphere. (And this cultural chauvinism is constantly feeding itself on racism.) Even as we have analyzed and rejected patriarchal chauvinism, even as we try to disengage ourselves from its destructive principles and to express other values, we carry in us—I had been finding in myself—not only a white but a specifically North American tunnel vision.

<sup>134</sup> Termo usado na crítica literária para designar os descendentes mexicanos que residem nos Estados Unidos.

<sup>135</sup> It’s a lie that poetry is only read by or ‘speaks to’ people in the universities or elite intellectual circles.

<sup>136</sup> There was nothing so humiliating as being unable to express myself, and my inarticulateness increased my sense of jeopardy, of being endangered.

<sup>137</sup> Their language was the magic that could liberate me from myself ...

<sup>138</sup> I began to learn my own language, the bilingual words and phrases explaining to me my own place in the universe.

<sup>139</sup> I would suggest that not biology, but ignorance of our selves, has been the key to our powerlessness.

<sup>140</sup> To say that a poet is responsive, responsible—what can that mean? To me it means that she or he is free to become artistically most complex, serious, and integrated when most aware of the great questions of her, his, own time. When the mind of the maker is stretched to the fullest by the demands of the time—not fads, vogues, cliques, chic, propaganda, but the deep messages of crisis, hope, despair, vision, the anonymous voices, that pulse through a human community as signs of imbalance, sickness, regeneration pulse through a human body.

<sup>141</sup> Rich was to recognise that it is possible to create and use a language in and through which to break out of silence. Language may be used to bear witness for oneself and one's people, to disidentify with the dominant culture, to describe and analyse, to validate, to set free from imposed dictates, rather than accept a predetermined version of what is. Rich learned first hand that 'language is power': increasingly she recognized the revolutionary potential of language to change reality for those 'suffering from injustice'.

<sup>142</sup> Rich refuses identification with any form of unitary identity and, eschewing single-issue radical feminist politics, expansively includes a multiplicity of differences, bringing them into tension and play in the urgently politicized fields of her writings.

<sup>143</sup> [...] But I think the place of the intellectual in all of that is to stay in touch with activism and to be informed about the world around us and we have this key responsibility for that and not to despair about you know the world has no power again from Galeano I take that and to realize that the power of the world is different from other kinds of power the world needs its people maybe collectively but also individually and the individual impact can grow into a collective sense of reality.

<sup>144</sup> Well let me just say that in the 1960s I was ready for political movements and political action. And the first political movement that I could see visibly was the civil rights movements in the native the south and the Afro-American struggle for human rights and it was a very ... it made a profound pressure on me because I had grown up in a white southern ambiance and I knew about racism. It was also for many years in my world a dirty little secret and to hear the rhetoric of the Afro-Americans defining the nature of the structure of racism was completely liberating for me intellectually and emotionally. Because I also knew what racism does to white people I knew from within, I knew how keeping that dirty little secret warmed of all kinds of relationships with the white societies also and made us unreal to ourselves. So this was the first movement that I could see out there that was talking about things that I knew and had no language for up until then. The writing of James Baldwin was incredibly important to me in my formation as an intellectual and he was an example to me of someone who was intellectual and he would be happy not to be an activist but had to be and he was in some ways resistant to it but was drawn into it.

<sup>145</sup> I was located by color and sex as surely as a Black child was located by color and sex – though the implications of white identity were mystified by the presumption that white people are the center of the universe.

<sup>146</sup> Thinking again about space and location, I heard the statement 'our struggle is also a struggle of memory against forgetting'; a politicization of memory that distinguishes nostalgia, that longing for something to be as once it was, a kind of useless act, from that remembering that serves to illuminate and transform the present.

<sup>147</sup> Our living depends on our ability to conceptualize alternatives, often improvised. Theorizing about this experience aesthetically, critically is an agenda for radical cultural practice.

<sup>148</sup> It was this marginality that I was naming as a central location for the production of a counter-hegemonic discourse that is not just found in words but in habits of being and the way one lives.

<sup>149</sup> To consider that we write about 'culture', for only those of us who are intellectuals, critical thinkers, is a continuation of a hierarchical idea of knowledge that falsifies and maintains structures of domination.

<sup>150</sup> My struggle over form, content, etc., has been informed by a desire to convey knowledge in ways that make it accessible to a wide range of readers.

<sup>151</sup> [...] as long as our language is inadequate, our vision remains formless, our thinking and feeling are still running in the old cycles, our process may be 'revolutionary' but not transformative.

<sup>152</sup> Poetry can't give us the laws and institutions and representatives, the antidotes we need: only public activism by massive numbers of citizens can do that.

<sup>153</sup> Sin embargo también refiere la evolución formal de Rich en la que resalta la evolución que se observa en los sesenta, época en la que Rich abandona la simetría formal de los poemas anteriores para decantarse, con claridad por el verso sin metro ni rima.

<sup>154</sup> I felt more and more urgently the dynamic between poetry as language and poetry as a kind of action, probing, burning, stripping, placing itself in dialogue with other beyond the individual self.

---

<sup>155</sup> By 1956, I had begun dating each of my poems by year. I did this because I was finished with the idea of a poem as a single, encapsulated event, a work of art complete in itself; I knew my life was changing, my work was changing, and I needed to indicate to readers my sense of being engaged in a long, continuous process.

<sup>156</sup> There is the falsely mystical view of art that assumes a kind of supernatural inspiration, a possession by universal forces unrelated to questions of power and privilege or the artist's relation to bread and blood.

<sup>157</sup> There's a place between two stands of trees where the grass grows

Uphill

and the old revolutionary road breaks off into shadows  
near a meeting-house abandoned by the persecuted  
who disappeared into those shadows.

I've walked there picking mushrooms at the edge of dread, but

don't be fooled,

this isn't a Russian poem, this is not somewhere else but here,  
our country moving closer to its own truth and dread,  
its own ways of making people disappear.

I won't tell you where the place is, the dark mesh of the woods  
meeting the unmarked strip of light—  
ghost-ridden crossroads, leafmold paradise:

I know already who wants to buy it, sell it, make it disappear.

And I won't tell you where it is, so why do I tell you  
anything? Because you still listen, because in times like these  
to have you listen at all, it's necessary  
to talk about trees.

<sup>158</sup> Dangerous of course do draw  
parallels Yet more dangerous to write

as if there were a steady course, we and our poems  
protected: the individual life, protected

poems, ideas, gliding  
in mid-air, innocent

I walked out on the deck and every board  
was luminous with cold dew It could freeze tonight

Each board is different of course but each does gleam  
wet, under a complicated sky: mounds of swollen ink

heavy gray unloading up the coast  
a rainbow suddenly and casually

unfolding its span  
Dangerous no to think

how the earth still was in places  
while the chimneys shuddered with the first dischargements.

<sup>159</sup> [...] Rich's mission in this book is to explore those fields, scrupulously scouring them for the truths  
America as a nation has overlooked and died for want of.

<sup>160</sup> This kind of art—like the art of so many others uncanonized in the dominant culture—is not produced as a  
commodity, but as part of a long conversation with the elders and with the future.



<sup>161</sup> Sexo se refere às diferenças anatômicas e fisiológicas e o gênero se refere às diferenças psicológicas, sociais e culturais (GIDDENS, 2005, p. 102).

<sup>162</sup> The physical organization which has meant, for generations of women, unchosen, indentured motherhood, is still a female resource barely touched upon or understood. We have tended either to *become* our bodies – blindly, slavishly, in obedience to male theories about us – or to try to exist in spite of them.

<sup>163</sup> In the old metaphor of the body politic, the state or society was imagined as a human body, with different organs and parts symbolizing different functions, needs, social constituents, forces and so forth – the head or soul for the sovereign, the blood for the will of the people, the nerves for the system of reward and punishments, and so forth.

<sup>164</sup> O corporativismo pode ser compreendido aqui como “uma doutrina que propugna a organização da coletividade baseada na associação representativa dos interesses e das atividades profissionais (corporações). Propõe, graças à solidariedade orgânica dos interesses concretos e às fórmulas de colaboração que daí podem derivar, a remoção ou neutralização dos elementos de conflito: a concorrência no plano econômico, a luta de classes no plano social, as diferenças ideológicas no plano político” (INCISA, 1983, p. 287).

<sup>165</sup> Recent feminist work has shown that the neutral body, assumed by the liberal state, is implicitly a masculine body.

<sup>166</sup> Representations of the human body are most often of the male body and, perhaps, around the borders, one will find itself insets of representations of the female reproductive system: a lacting breast, a vagina, ovaries; bits of bodies, body-fragments.

<sup>167</sup> The female body is always already mediated in and through language. How we understand our bodies is continually being shaped within the psychical and social meanings circulating in culture, just as our view of ourselves is constructed in relation to specific familial, temporal and geographic contexts.

<sup>168</sup> in matters of beauty and femininity, it is *women* who are responsible for whatever ‘enslavement’ they suffer from the whims and bodily tyrannies of ‘fashion’.

<sup>169</sup> [...] the fact that power is not held by *anyone* does not entail that there it is equally held by *all*. It is ‘held’ by no one; but people and groups *are* positioned differently within it.

<sup>170</sup> For Foucault, modern power (as opposed to sovereign power) is non-authoritarian, non-conspiratorial, and indeed non-orchestrated; yet it none the less produces and normalizes bodies to serve prevailing relations of dominance and subordination.

<sup>171</sup> Both perspectives, I would argue, are essential to a fully adequate *theoretical* understanding of power and the body.

<sup>172</sup> Os subtítulos desse capítulo foram inspirados no trabalho intitulado “Que corpo é esse?” de Elódia Xavier no qual ela traça uma tipologia das várias representações do corpo encontradas nas narrativas de autoria de mulheres na literatura brasileira no século XX.

<sup>173</sup> I became dissociated both from my immediate, present, bodily experience and from my reading, thinking, writing life.

<sup>174</sup> Institutionalized motherhood demands of women maternal ‘instinct’ rather than intelligence, selflessness rather than self-realization, relation to others rather than the creation of the self.

<sup>175</sup> I have come to believe [...] that female biology – the diffuse, intense sensuality radiating out from clitoris, breasts, uterus, vagina; the lunar cycles of menstruation; the gestation and fruition of life which can take place in the female body – has far more radical implications than we have come to appreciate. Patriarchal thought has limited female biology to its own narrow specifications. The feminist vision has recoiled from biology for these reasons; it will, I believe, come to view our physicality as a resource, rather than a destiny.

<sup>176</sup> Rich’s arguments imply that the maternal body is lived: it is bound up in its specificity with the realms of the social and the political and is a crucial site of struggle in which psychoanalytic, sexual, technological, economic, medical, legal and other cultural institutions contest for power.

<sup>177</sup> Rich does, most emphatically, challenge male-defined knowledges and socio-political structures in identifying the multiple ways in which they have constrained and subdued women’s bodies through history and at different times, in different parts of the world.

<sup>178</sup> The female body has been both territory and machine, virgin wilderness to be exploited and assembly-line turning out life.

<sup>179</sup> What I carried away in the end was a determination to heal—insofar as an individual woman can, and as much as possible with other women—the separation between mind and body; never again to lose myself both psychically and physically in that way.

<sup>180</sup> In order to live a fully human life we require not only *control* of our bodies (though control is a prerequisite); we must touch the unity and resonance of our physicality, our bond with the natural order, the corporeal ground of our intelligence.

<sup>181</sup> In arguing that we have by no means yet explored or understood our biological grounding, the miracle and paradox of the female body and its spiritual and political meanings, I am really asking whether women cannot begin, at last, to *think through the body*, to connect what has been so cruelly disorganized—our great mental capacities, hardly used; our highly developed tactile sense; our genius for close observation; our complicated, pain-enduring, multi-pleasured physicality.

<sup>182</sup> *Of Woman Born*, strikes me, frankly, as a kind of nervous breakdown, an exorcism, an examination of conscience.

<sup>183</sup> In those years formalism was part of the strategy – like asbestos gloves, it allowed me to handle materials I couldn't pick up bare-handed. A later strategy was to use the persona of a man [...].

<sup>184</sup> It strikes me that in the work of both Man appears as, if not a dream, a fascination and a terror; and that the source of fascination and the terror is, simply, Man's power – to dominate, tyrannize, choose, or reject the woman.

<sup>185</sup> Where woman has been a luxury for man, and has served as the painter's model and the poet's muse, but also a comforter, nurse, cook, bearer of his seed, secretarial assistant, and copyist of manuscripts, man has played a quite different role for the female artist.

<sup>186</sup> [...] but precisely what she does not find that absorbed, drudging, puzzled, sometimes inspired creature, herself, who sits at a desk trying to put words together.

<sup>187</sup> It was important to me that Aunt Jennifer was a person distinct from myself as possible—distanced by the formalism of the poem, by its objective, observant tone—even by putting the woman in a different generation.

<sup>188</sup> A deep gully cut by an intermittent stream; a dry gulch. (Um rego profundo cortado por um rio intermitente, uma ravina, tradução nossa).

<sup>189</sup> chained to the corpse beside me  
I feel my pains begin

I am washed up on this continent  
shipped here to be fruitful

my body a hollow ship  
bearing sons to the wilderness

sons who ride away  
on horseback, daughters

whose juices drain like mine  
into the *arroyo* of stillbirths, massacres [...].

<sup>190</sup> She invites women to unite in the interests of all women through forging a political 'identity' that could encompass all shades of difference between the poles of the duality.

<sup>191</sup> Sleeping, turning in turn like planets  
rotating in their midnight meadow:  
a touch is enough to let us know  
we're not alone in the universe, even in sleep:  
the dream-ghosts of two worlds  
walking their ghost-towns, almost address each other.  
I've wakened to your muttered words  
spoken light- or dark-years away  
as if my own voice had spoken.  
But we have different voices, even in sleep,  
and our bodies, so alike, are yet so different  
and the past echoing through our bloodstreams  
is freighted with different language, different meanings—  
though in any chronicle of the world we share

it could be written with new meaning  
 we were two lovers of one gender,  
 we were two lovers of one gender,  
 we were two women of one generation.

<sup>192</sup> Utilizo o termo usado por Giddens que se refere “ao processo de auto-desenvolvimento através do qual formulamos um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta”.

<sup>193</sup> Disponível em <http://www.bostonphoenix.com/archive/lin10/99/06/RICH.html>

<sup>194</sup> *A keen political awareness enabled you to come out sexually. Do poets, gay or not, have to come out in a certain way?*

<sup>195</sup> You do, in terms of how do you connect with the world, and what are you defining as the world that you want to be connected to. The connections I was making with the world by coming out – as having any kind of sexuality – had to do with the fact that early on, I was critiquing the conventional male-female identities on which so much of Western poetry has been based, and the ideas about public and private spaces, [and the fact] that never the twain shall meet – woman defined as the private sphere, man as the public sphere.

<sup>196</sup> But for many women I knew, the need to begin with the female body – our own – was understood not as applying a Marxist principle *to* women, but as locating the grounds from which to speak with authority *as* women. Not to transcend this body, but to reclaim it. To reconnect our thinking and speaking with the body of this particular living human individual, a woman.

<sup>197</sup> Theory—the seeing of pattern, showing the forest as well as the trees—theory can be a dew that rises from the earth and collects in the rain cloud and returns to earth over and over. But if it doesn’t smell of the earth, it isn’t good for the earth.

<sup>198</sup> The will to change begins in the body not in the mind  
 My politics is my body, accruing and expanding with every  
 act of resistance and each of my failures

Locked in the closet at 4 years old I beat the wall with my body  
 that act is in me still.

<sup>199</sup> Begin, though, not with a continent or a country or a house, but with the geography closest in—the body.

<sup>200</sup> This body. White, female; or female, white. The first obvious, lifelong facts. But I was born in the white section of a hospital which separated Black and white women in labor and Black and white babies in the nursery, just as it separated Black and white bodies in its morgue. I was defined as white before I was defined as female.

<sup>201</sup> To come to terms with the circumscribing nature of (our) whiteness. Marginalized though we have been as women, as white and Western makers of theory, we also marginalize others because our lived experience is thoughtlessly white, because our ‘women’s culture’ are rooted in some Western tradition. Recognizing our location, having to name the ground we’re coming from, the conditions we have taken for granted—there is a confusion between our claims to the white and Western eye and the woman-seeing eye, fear of losing the centrality of the one even as we claim the other.

<sup>202</sup> That only certain kinds of people can make theory; that the white-educated mind is capable of formulating everything; that only white middle-class feminism can know for ‘all women’; that only when a white mind formulates is the formulation to be taken seriously.

<sup>203</sup> [...] there is a sedimentation of gender norms that produces the peculiar phenomenon of a natural sex, or a real woman, or any number of prevalent and compelling social fictions, and that this is a sedimentation that over time has produced a set of corporeal styles which, in reified form, appear as the natural configuration of bodies into sexes which exist in a binary relation to one another.

<sup>204</sup> I have been working to change the way I speak and write, to incorporate in the manner of telling a sense of place, of not just who I am in the present but where I am coming from, the multiple voices within me. I have confronted silence, inarticulateness. When I say, then, that these words emerge from suffering, I refer to that personal struggle to name that location from which I come to voice – that space of my theorizing.

<sup>205</sup> the woman in the poem and the woman writing the poem become the same person.

<sup>206</sup> I am a galactic cloud so deep/so involuted that a light wave could take 15 years to travel through me.

<sup>207</sup> What we see, we see/ and seeing is changing/the light that shrivels a mountain and leaves a man alive/Heartbeat of the pulsar/heart sweating through my body.

<sup>208</sup> I am an instrument in the shape/ of a woman trying to translate pulsations/into images for the relief of the body/and the reconstruction of the mind.

<sup>209</sup> I was able to write, for the first time, directly about experiencing myself as a woman.

<sup>210</sup> [...] I began to feel that my fragments and scraps had a common consciousness and a common theme, one which I would have been unwilling to put on paper at an earlier time because I had been taught that poetry should be “universal,” which meant, of course, nonfemale. Until then I had tried very much not to identify myself as a female poet.

<sup>211</sup> Transit

When I meet the skier she is always  
 walking, skis and poles shouldered, toward the mountain  
 free-swinging in worn boots  
 over the path new-sifted with fresh snow  
 her graying dark hair almost hidden by  
 a cap of many colors  
 her fifty-year-old, strong, impatient body  
 dressed for cold and speed  
 her eyes level with mine

When sisters separate they haunt each other  
 as she, who I might once have been, haunts me  
 or is it I who do the haunting  
 halting and watching on the path  
 how she appears again through lightly-blowing  
 crystals, how her strong knees carry her,  
 how unaware she is, how simple  
 this is for her, how without let or hindrance  
 she travels in her body  
 until the point of passing, where the skier  
 and the cripple must decide  
 to recognize each other?

<sup>212</sup> If the skier were to recognize the more ‘soulful’ speaker, the ‘cripple’ who gazes in admiration of her vigor, the skier would marry her physicality to a strength of soul.

<sup>213</sup> I needed to touch you

with a hand, a body  
 but also with words

I need a language to hear myself with  
 to see myself in.

<sup>214</sup> I view our bodies as a site of struggle, where we must *work* to keep our daily practices in the service of resistance to gender domination, not in the service of docility and gender domination.

<sup>215</sup> If what one is fascinated by is the image of one body, one voice, one reason, any deviation takes the form of gibberish. If woman speaks from her body, with her voice, who can hear? Who can decipher the language of an hysteric, the wails of a hyena, the jabbering of a savage—apart from other hysterics, hyenas, and savages?

<sup>216</sup> I am alone, alone with language/and without meaning/coming back to something written years ago:/our words misunderstand us/wanting a word that will shed itself like a tear/onto the page/leaving its stain.

---

## Referências

### Obras primárias de Adrienne Rich:

RICH, Adrienne. *An Atlas of the Difficult World: Poems 1988-1991*. New York: W. W. Norton & Company, 1991.

\_\_\_\_\_. *Arts of the Possible: Essays and Conversations*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

\_\_\_\_\_. *Blood, bread, and poetry: Selected prose 1979-1985*. New York: W. W. Norton & Company, 1994.

\_\_\_\_\_. *Collected Early Poems: 1950-1970*. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

\_\_\_\_\_. *Dark Fields of the Republic: Poems 1991-1995*. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

\_\_\_\_\_. *Diving into the Wreck: Poems 1971-1972*. New York: W. W. Norton & Company, 1994.

\_\_\_\_\_. *The Dream of a Common Language: Poems 1974-1977*. New York: W. W. Norton & Company, 1978.

\_\_\_\_\_. *The Fact of a Doorframe: Selected Poems 1950-2001*. New York: W. W. Norton & Company, 2002.

\_\_\_\_\_. *Fox Poems: Poems 1998-2000*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

\_\_\_\_\_. *Your Native Land: Your Life Poems*. New York: W. W. Norton & Company, 1993.

\_\_\_\_\_. *Midnight Salvage: Poems 1995-1998*. New York: W. W. Norton & Company, 1999.

\_\_\_\_\_. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. New York: W. W. Norton & Company, 1976.

\_\_\_\_\_. *On Lies, Secrets, And Silence: Selected Prose 1966-1978*. New York: W. W. Norton & Company, 1980.

\_\_\_\_\_. *Selected Poems by Adrienne Rich*. London: Chatto and Windus with The Hogarth Press, 1967.

\_\_\_\_\_. *Sources*. Woodside: The Heyeck Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *The School among the Ruins: poems, 2000-2004*. New York: W. W. Norton & Company, 2004.

\_\_\_\_\_. *Time's Power: Poems 1985-1988*. New York: W. W. Norton & Company, 1989.

\_\_\_\_\_. *What Is Found There: Notebooks on Poetry and Politics*. New York: W. W. Norton & Company, 1993.

\_\_\_\_\_. *A Wild Patience Has Taken Me This Far: Poems 1978-1981*. New York: W. W. Norton & Company, 1981.

**Geral:**

ABEL, Elizabeth (Ed.). *Writing and Sexual Difference*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982. 315 p.

ADORNO, Theodor W. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 193-208.

AISENBERG, Nadya. *Ordinary Heroines: Transforming the Male Myth*. New York: Continuum, 1994.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Writing from the Place of the O(o)ther: The Poetic Discourse of Transgression in the Works of Virginia Woolf, Clarice Lispector and Teolinda Gersão*. 1994. 359 p. (Doutorado em Literatura) – The University of North Carolina, Chapel Hill, 1994.

\_\_\_\_\_. Gênero, Identidade, Diferença. *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, v. 6, p. 90-97, 1998/99.

\_\_\_\_\_. Corações fêmeas e especiarias de longe: a nova diáspora e o sujeito. In: DINIZ, Dilma Castelo Branco (Org.). *Brasil – Canadá: Confrontos literários e culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ABECAN/NEC/UFMG, 2003. p. 95-104.

\_\_\_\_\_. A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (Orgs). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: Edufal, 2006. p. 191-199.

ALTIERE, Charles. *Self and Sensibility in Contemporary American Poetry*. New York: Cambridge University Press, 1984.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BENNETT, Paula. *My life, a loaded gun: female creativity and feminist poetics*. Boston: Beacon Press, 1986.

BERE, Carol. The Road Taken: Adrienne Rich in the 1990s. *Literary Review*, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 550-617, 2000.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 395 p. Título original: *The Location of Culture*.

BLANCO, María Isabel Mansilla. *Descripción prosódica de la poesía de Adrienne Rich: 1951-1999*. Orientador: Dra. Pilar Abad García. 2001. 496 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Universidad de Valladolid, Valladolid, 2001.

BLUNT, Alison; Rose, Gillian. *Writing Women and Space: Colonial and Postcolonial Geographies*. New York: The Guilford Press, 1994.

BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

- 
- \_\_\_\_\_. Política. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 954-962.
- BORDO, Susan. Feminism, Foucault and the Politics of the Body. In: PRICE, Janet; SHILDRICK, Margrit (Eds). *Feminist Theory and the Body: A Reader*. New York: Routledge, 1999. p. 247-257.
- \_\_\_\_\_. The Body and the Reproduction of Femininity. In: CONBOY, Katie; MEDINA, Nadia; STANBURY, Sarah. (Eds) *Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory*. New York: Columbia University Press, 1997. p. 90-110.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAREY, John. *Os intelectuais e as massas*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- COELHO, Eduardo Prado. Novas configurações da função intelectual. In: MORGATO, Izabel; GOMES, Renato C., (Orgs.) *O Papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 13-22.
- COOPER, Jane Roberta. *Reading Adrienne Rich: Reviews and Re-Visions, 1951-81*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1984.
- DIOCARETZ, Myriam Díaz. *The Transforming Power of Language: The Poetry of Adrienne Rich*. Utrecht: Hes Publishers, 1984.
- DONOVAN, Josephine. *Feminist Theory: The Intellectual Traditions of American Feminism*. New York: Continuum, 1994.
- EAGLETON, Mary. Finding a Female Tradition. In: *Feminist Literary Theory: a reader*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1996. p. 01-65
- ENKE, Anne. Smuggling Sex through the Gates: Race, Sexuality, and the Politics of Space in Second Wave Feminism. *American Quarterly*, [S.l.], v. 55, n. 4, p. 635-667, Dec. 2003.
- EZELL, Margaret J. M. A Tradition of Our Own: Writing Women's Literary History in the Twentieth Century. In: EZELL, Margaret J. M. *Writing Women's Literary History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993. p. 14-38.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia F. Exílios e diásporas. In: MORGATO, Izabel; GOMES, Renato C., (Orgs.) *O Papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 133-148.
- FLORES, Juan; YÚDICE, George. Fronteiras vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Y Nosotras Latinoamericanas? Estudos sobre gênero e raça*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992. p. 69-86.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Veja: Passagens, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 295 p.

- 
- \_\_\_\_\_. O dispositivo de sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 73-123.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Ponde Vacilo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GATENS, Moira. Corporeal Representation in/and the Body Politic. In: CONBOY, Katie; MEDINA, Nadia; STANBURY, Sarah. (Eds) *Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory*. New York: Columbia University Press, 1997. p. 81-89.
- GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida. *Mulheres à Deriva: Viajantes Anglo-Americanas no Brasil*. Cadernos de Pesquisa. NAPq, 1995.
- GELPI, Barbara C. e GELPI, Alberto. *Adrienne Rich's Poetry and Prose: Poems Prose Reviews and Criticism*. New York: W. W. Norton & Company, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Eds.) *Adrienne Rich's Poetry: Texts of the Poems, the Poet on her Work, Reviews and Criticism*. New York: W. W. Norton & Company, 1975.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da identidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GILBERT, Sandra M, and GUBAR, Susan. Editors Introduction Shakespeare's Sisters: Feminist Essays on Women Poets. In: EAGLETON, Mary (Ed.). *Feminist Literary Theory: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996. p. 174-180.
- \_\_\_\_\_. Infection in the Sentence: The Woman Writer and the Anxiety of Authorship. In: *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1979. p. 45-92.
- GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- GOMES, Renato Cordeiro. O intelectual e a cidade das letras. In: MORGATO, Izabel; GOMES, Renato C., (Orgs.) *O Papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 117-131.
- GREEN, Karen. *The Woman of Reason: Feminism, Humanism and Political Thought*. New York: Continuum, 1995.
- GUBAR, Susan. Prosopopoeia and Holocaust Poetry in English: Sylvia Plath and Her Contemporaries. *The Yale Journal of Criticism*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 191-215, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- HELM, Barbara. Combating Misogyny? Responses to Nietzsche by Turn-of-the-Century German Feminists. *Journal of Nietzsche Studies*, [S.l.], Issue 27, p. 64-84, 2004.



- 
- HOOKS, bell. *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. Boston: South End Press, 1990.
- HOWE, Florence (Ed.). *No More Masks. An Anthology of Twentieth-Century American Women Poets*. New York: Harper, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). *Women and the Power to Change*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1975.
- HUMM, Maggie (Ed.). *Modern Feminisms: Political, Literary, Cultural*. New York: Columbia University Press, 1992.
- INCISA, Ludovico. Corporativismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 287-291.
- KEYES, Claire. *The Aesthetics of Power: The Poetry of Adrienne Rich*. Athens: The University of Georgia Press, 1986.
- KHALIDI, Rashid I. Edward W. Said and the American Public Sphere: Speaking Truth to Power. In: BOVÉ, Paul A (Ed.). *Edward Said and the Work of the Critic: Speaking Truth to Power*. Durham: Duke University Press, 2000. p. 152-164.
- KUNZEL, Regina G. Situating Sex: Prison Sexual Culture in the Mid-Twentieth-Century United States. *GLQ*, Durham, v. 8, n. 3, p. 253-270, 2002.
- LAMBERT, Ellen Zetzel. *A face do amor: a questão da beleza e a libertação da mulher*. Tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
- LANGDELL, Cheri Colby. *Adrienne Rich: The Moment of Change*. Westport: Praeger Publishers, 2004.
- LÉVY, Bernard-Henry. *Elogio dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference. In: FRASER, Elizabeth; HORNSBY, Jennifer; LOVIBOND, Sabina (Eds.). *Ethics: A Feminist Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, 1992, p. 212-222.
- LOTZ, Amanda D. Communicating Third-Wave Feminism and New Social Movements: Challenges for the Next Century of Feminist Endeavor. *Women and Language*, [S.l.], v. XXVI, n. 1, p. 2-9, Jan. 2003.
- MARKS, Elaine; COURTIVRON, Isabelle de (Eds.). *New French Feminisms: An Anthology*. New York: The Harvester Press Limited, 1981.
- MARTIN, Wendy. *An American Triptych*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1984.
- MAZOWER, Mark. *Continente Sombrio: A Europa no século XX*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOI, Toril. *Sexual-textual Politics: Feminist Literary Theory*. New York: Methuen & Co. Ltd, 1985.

---

MORAGA, Cherríe. Art in América con acento. In: FERNÁNDEZ, Roberta. (Ed.). *In Other Words. Literature by Latinas of the United States*. Houston, TX: Arte Público Press, 1994. p. 300-306.

MORRIS, Margaret Kissam. Audre Lorde: Textual Authority and the Embodied Self. *Frontiers*, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 168-188, 2002.

NICK, Halpern. *Everyday and Prophetic: the Poetry of Lowell, Ammons, Merrill, and Rich*. Madison, Wis.: University of Wisconsin Press, 2003.

NOVAES. Aduato. Intelectuais em tempos de incerteza. In: NOVAES, Aduato (Org.). *O Silêncio dos Intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 7-18.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. O Jogo das Curvas. *Comunicação e Espaço Público*, Ano V, n. 1-2, p. 32-43, 2002. Disponível em: [www.unb.br/fac/posgraduacao/revista2002/04\\_sumario.pdf](http://www.unb.br/fac/posgraduacao/revista2002/04_sumario.pdf).

PERREAULT, Jeanne Martha. *Writing Selves: Contemporary Feminist Autography*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Margenes: Caderno de Cultura*, Belo Horizonte; Mar del Plata, Buenos Aires, n. 2, p. 1-3, out, 2001.

\_\_\_\_\_. *Formas Breves*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Título original: *Formas breves*.

RABINOWITZ, Nancy Sorkin. Personal Voice/Feminist Voice. *Arethusa*, [S.l.], v. 34, p. 191-210, 2001.

RICH, Adrienne. *Points of Departure: International Writers on Writing and Politics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1992. p. 5-25.

\_\_\_\_\_. Adrienne Rich on poetry, politics, and personal revelation. *The Boston Phoenix*, 1999. Entrevista concedida a Michael Klein. Disponível em <http://www.bostonphoenix.com/archive/lin10/99/06/RICH.html>. Acesso em: 18 set. 2002.

\_\_\_\_\_. Adrienne Rich: I Happen to Think Poetry Makes a Huge Difference. *The Progressive*, 1994. Entrevista concedida a Matthew Rothschild. Disponível em [http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m\\_r/rich/progressive.htm](http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m_r/rich/progressive.htm). Acesso em: 31 de mar. 2005.

\_\_\_\_\_. Adrienne Rich. Durham, Estados Unidos da América, 15 de abr. 2005. 1 CD-ROM. Entrevista concedida a Juraci Andrade de Oliveira Leão.

\_\_\_\_\_. Adrienne Rich: Credo of a Passionate Skeptic. *Los Angeles Times*, 11 Mar. 2001. Disponível em: [http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m\\_r/rich/onlineessays.htm](http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m_r/rich/onlineessays.htm). Acesso em 24 de set. 2002.

\_\_\_\_\_. Adrienne Rich: Why I Refused the National Medal for the Arts. *Los Angeles Times*, 3 de ago. 1997. Book Section. Disponível em: <

---

[http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m\\_r/rich/onlineessays.htm](http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m_r/rich/onlineessays.htm)>. Acesso em 24 de set. 2002.

\_\_\_\_\_. Adrienne Rich: Defy the Space That Separates. *The Nation*, 7 de out. 1996. Disponível em: < [http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m\\_r/rich/onlineessays.htm](http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/m_r/rich/onlineessays.htm)>. Acesso em 24 de set. 2002.

RUDY, Kathy. Radical Feminism, Lesbian Separatism, and Queer Theory. *Feminist Studies*, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 190-222, 2001.

RUKEYSER, Muriel. *The Life of Poetry*. New York: Paris Press Edition, 1996.

SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage, 1994.

\_\_\_\_\_. O papel público de escritores e intelectuais. In: MORAES, Denis de (Org). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 25-50.

\_\_\_\_\_. *Representations of the Intellectual: The 1993 Reith Lectures*. London: Vintage, 1994.

\_\_\_\_\_. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHNEIR, Miriam. *Feminism: The Essential Historical Writings*. New York: Vintage, 1994.

SELDEN, Raman; WIDDOWSON, Peter; BROOKER, Peter. *A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory*. London: Prentice Hall, 1997.

SHILDRICK, Margrit; PRICE, Janet. Openings on the Body: A Critical Introduction. In: PRICE, Janet; SHILDRICK, Margrit (Eds). *Feminist Theory and the Body: A Reader*. New York: Routledge, 1999. p. 1-14.

SHOWALTER, Elaine (Ed.). *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

\_\_\_\_\_. *The New Feminist Criticism: Essays on women, literature and theory*. London and New York: Virago Press, 1986.

SIELKE, Sabine. *Fashioning the Female Subject: the Intertextual Networking of Dickinson, Moore, and Rich*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

SOTO, Sandra K. Cherríe Moraga's Going Brown: "Reading Like a Queer". *GLQ*, Durham, v. 11, n. 2, p. 237-263, 2005.

STEIN, Kevin. *Private Poets, Worldly Acts*. Athen: Ohio University Press, 1996.

TEMPLETON, Alice. *The Dream and the Dialogue: Adrienne Rich's Feminist Poetics*. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1994.

THURSTON, Michael. The Poetic is the Political. *College Literature*, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 142-148, 2002.

TONG, Rosemarie. *Feminist Thought: A Comprehensive Introduction*. Boulder: Westview Press, 1989.

- 
- VANDERBOSCH, Jane. Beginning Again. In: COOPER, Jane Roberta (Ed.). *Reading Adrienne Rich: Reviews and Re-Visions 1951-81*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1984. p. 111-140.
- XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (Orgs). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: Edufal, 2006. p. 223-229.
- WEBER, Max. A Ciência como Vocação. In: WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982. p. 154-183.
- WHELEHAN, Imelda. *Modern Feminist Thought: From the Second Wave to 'Post-Feminism'*. 2<sup>nd</sup> ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.
- WIEGMAN, Robyn. On Being in Time with Feminism. *Modern Language Quarterly*, Washington, v. 65, n. 1, p. 161-176, March, 2004.
- WILLIS, Lucindy A. *Womanist Intellectuals: Developing a Tradition*. 1996. 256 f. Tese (Doutorado em Literatura) - The University of North Carolina, Greensboro, 1996.
- WOLFF, Francis. Dilemas dos intelectuais. In: NOVAES, Adauto (Org). *O Silêncio dos Intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 45-68.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman*. New York: Dover Publications, Inc., 1996.
- WOLOSKY, Shira. The Ethics of Foucauldian Poetics: Women's Selves. *New Literary History*, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 491-505, 2004.
- WOOLF, Virginia. Professions for Women. In: GILBERT, Sandra M., GUBAR, Susan. (Eds.). *The Norton Anthology of Literature by Women: The Traditions in English*. London and New York: W. W. Norton & Company, 1985. p. 1383-1388.
- \_\_\_\_\_. A Room of One's Own. In: GILBERT, Sandra M., GUBAR, Susan. (Eds) *The Norton Anthology of Literature by Women: The Traditions in English*. London and New York: W. W. Norton & Company, 1985. p. 1376-1383.
- \_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- YORKE, Liz. *Adrienne Rich: Passion, Politics, and the Body*. London: Sage Publications, 1997.
- ZERILLI, Linda M. G. Refiguring Rights through the Political Practice of Sexual Difference. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 54-90, 2004.